

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

FABIANO FILIER CAZETTO

**A influência do Esporte
Espetáculo sobre o modelo de
competição dos mais jovens no
judô**

Campinas
2009

FABIANO FILIER CAZETTO

**A influência do Esporte
Espetáculo sobre o modelo de
competição dos mais jovens no
judô.**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Pós-Graduação da Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner.

Campinas
2009

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

C319i	Cazetto, Fabiano Filier. A influência do esporte espetáculo sobre o modelo de competição dos mais jovens no judô / Fabiano Filier Cazetto. -- Campinas, SP: [s.n], 2009. Orientador: Paulo Cesar Montagner. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. 1. Esportes. 2. Crianças. 3. Judô. 4. Sociologia. 5. Esportes infantis. I. Montagner, Paulo Cesar. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título. (dilsa/fef)
-------	---

Título em inglês: The influence of the sport spectacle on the model of competition of youngest in the judo.

Keywords: Sports; Child; Judo; Sociology; Children sports.

Área de Concentração: Pedagogia do Esporte.

Titulação: Mestrado em Educação Física.

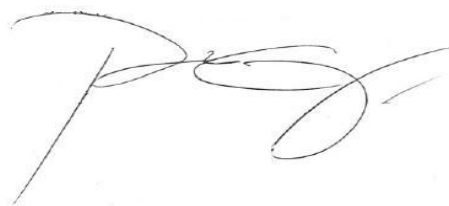
Banca Examinadora: José Júlio Gavião de Almeida; Paulo Cesar Montagner; Suraya Cristina Darido.

Data da defesa: 20/02/2009.

FABIANO FILIER CAZETTO

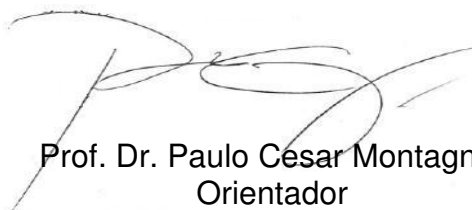
**A influência do Esporte Espetáculo sobre
o modelo de competição dos mais jovens
no judô.**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Fabiano Filier Cazetto e aprovada pela Comissão julgadora em: 20/02/2009.

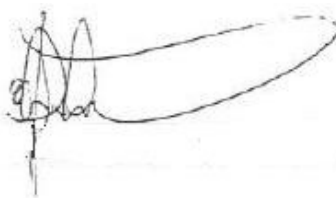


Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner
Orientador

Campinas
2009

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner
Orientador



Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida
FEF - Unicamp



Prof. Dr. Suraya Darido
UNESP – Rio Claro

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos os professores de artes marciais; se existe algo de comum a todas as artes marciais, é a paixão incondicional nutrida por cada um desses guerreiros às suas artes.

Agradecimentos

Agradeço à Delegacia Regional de judô, em especial ao senhor Celso de Almeida Leite, que não mediu esforços para ajudar neste trabalho.

Agradeço a todos os professores, dirigentes e árbitros que colaboraram com a pesquisa.

Agradeço aos meus alunos, que me ensinaram muito mais do que eu ensinei a eles.

Agradeço à minha Luciana, cujo amor, dedicação e compreensão são surpreendentes.

Agradeço a cada um dos meus técnicos e professores, sem os quais não poderia ter tido o imenso prazer de conhecer uma pequena parte do universo das lutas e das artes marciais.

Agradeço a Ronaldo Magno Ribeiro, meu primeiro professor de judô, que me ensinou a cair, e, sobretudo, a levantar.

Agradeço a Marcelo Ferreira, que acreditou no meu potencial competitivo até quando eu mesmo não acreditava mais, sempre fazendo tudo para ajudar a mim e aos outros alunos.

Agradeço ao meu orientador, que sempre esteve presente me ajudando a realizar meu trabalho.

Agradeço ao professor doutor Roberto Rodrigues Paes, que me guiou nos primeiros passos da vida acadêmica.

Agradeço ao professor doutor Jocimar Daólio, que constituiu grande influência durante a graduação e a pós-graduação.

CAZETTO, Fabiano Filier. **A influência do Esporte Espetáculo sobre o modelo de competição dos mais jovens no judô**. 2009. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

RESUMO

A competição de judô dos mais jovens (seis a 16 anos) foi o foco desse estudo. A sociologia nos forneceu um referencial teórico capaz de entender a sociogênese do fenômeno desde suas “raízes” até os modelos espetacularizados. A competição é um elemento significativo dentro da formação dos indivíduos, necessitando de apropriado tratamento pedagógico. O objetivo da pesquisa de campo foi entender, analisando e interpretando a realidade social e a construção da competição de judô dos mais jovens, para isso foram utilizados procedimentos de observação e questionários/entrevistas para coletar dados dentro da Federação Paulista de judô. Os resultados apontam para semelhanças entre o modelo espetacularizado e o modelo de competição dos mais jovens, o que pode resultar em não aproveitamento de toda potencialidade educativa do fenômeno. A diversidade dentro do modelo de competição dos mais jovens pode trazer mais possibilidades educacionais em um sistema voltado para a formação do indivíduo.

Esporte; criança; judô; sociologia; esporte na infância.

CAZETTO, Fabiano Filier. **The influence of the Sport Spectacle on the model of competition of youngest in the judo.** 2009. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ABSTRACT

The Judo competition amongst young people (the six 16 years) was the focus of this study. Sociology supplied it with a theoretical referential able to understand the social origins of the phenomenon since its “roots” into the spectacle models. The competition is a significant element of the formation of the individuals, demanding to be properly pedagogically treatment. The objective of the research was to understand the social reality of the Judo competition of youngest. Procedures of observation and questionnaires had been used to collect data in the São Paulo Federation of Judo. The results point to similarities between the spectacle model and the model of competition amongst young people, which may result in waste of the educative potentiality of the phenomenon. The diversity inside the model of competition of the youngest can bring more educational possibilities in a system directed towards the formation of the individual.

Sport; child; judo; sociology ; childhood sport

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Organograma do judô.....	86
Figura 2 -	Disposição dos participantes da reunião dos responsáveis pelas agremiações.....	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fases da Pesquisa.....	88
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	O que é o judô para você?.....	117
Gráfico 2 -	Na sua opinião, quais as possíveis contribuições que estudos científicos podem trazer para o judô?.....	120
Gráfico 3 -	Na sua opinião, como é a competição hoje na sua região e no estado de São Paulo?.....	123
Gráfico 4 -	Na sua opinião deveria existir alguma mudança nas competições de judô?...	125
Gráfico 5 -	Qual a finalidade das competições de judô?.....	126
Gráfico 6 -	Na sua opinião, como é a competição dos mais jovens na sua região e no estado de São Paulo?.....	129
Gráfico 7 -	Na sua opinião deveria existir alguma mudança na competição dos mais jovens de judô?.....	132
Gráfico 8 -	Para que serve, qual a finalidade da competição de judô dos mais jovens?.....	134
Gráfico 9 -	O que é o judô para você? (delegados).....	140
Gráfico 10 -	Na sua opinião qual a possível contribuição que estudos acadêmicos podem ou devem trazer para o judô?.....	142
Gráfico 11 -	Na sua opinião, como é a competição hoje na sua região e no estado de São Paulo?.....	143
Gráfico 12 -	Na sua opinião deveria existir alguma mudança na competição de judô?.....	144
Gráfico 13 -	Para que servem, qual a finalidade das competições de judô?.....	145
Gráfico 14 -	Na sua opinião, como é a competição dos mais jovens?.....	146
Gráfico 15 -	Na sua opinião, deveria existir alguma mudança na competição de judô dos mais jovens?.....	147
Gráfico 16 -	Para que servem, qual a finalidade das competições de judô dos mais jovens?.....	148

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Tabela de Pesos FIJ (dados da FIJ, disponível em www.ijf.com).....	181
Tabela 2 -	Tabela de Pesos UFC (dados disponíveis em www.ufc.com).....	181
Tabela 3 -	Tabela de Pesos da Segunda Divisão da FPJ (disponível em www.fpj.com.br).....	182
Tabela 4 -	Tabela de sugestão de pesos e tempo de luta d FIJ (Dados da FIJ, disponível em www.ijf.com).....	183

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AJU	African Judo Union
AM	artes marciais
CBJ	Confederação Brasileira de judô
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EF	Educação Física
EJU	European Judo Union
FEF	Faculdade de Educação Física
FIJ	Federação Internacional de judô
FPJ	Federação Paulista de judô
IJF	Internacional Judo Federation
JUA	Judo Union of Asian
MMA	Mix Martial Arts
OJU	Ocian Judo Union
PJU	PanAmerican Judo Union
Sisnep	Sistema Nacional de Informação sobre Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos
UEJ	União Européia de judô
UJO	União de judô da Oceania
UFC	Ultimate Fight Championship
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UPJ	União Pan-americana de judô

SUMÁRIO

1 Introdução	27
As coisas e suas histórias.....	27
Alguns termos.....	30
Esporte dos mais jovens.....	31
Esporte Espetáculo.....	32
Lutas e artes marciais.....	33
2 Referencial teórico.....	35
2.1 O Esporte e suas transformações: um olhar da	37
sociologia.....	
2.2 Televisão, sociedade e Esporte.....	75
3 Pesquisa de campo.....	85
Organograma do judô.....	85
Amadurecimento da pesquisa.....	88
Experiências anteriores.....	89
Relevância do papel social e da “situação” e dos personagens.....	90
Escolha dos tipos de procedimentos.....	90
3.1 Primeira fase da pesquisa: reunião dos responsáveis.....	93
Material e métodos – Reunião.....	93
Resultados – Reunião.....	94
Síntese – Reunião.....	94
Demais anotações – Reunião.....	95
Reflexões sobre os dados obtidos nessa fase da pesquisa.....	99
3.2 Segunda fase da pesquisa: curso de árbitros.....	101
Material e métodos – Curso de árbitros.....	101
Resultado - Curso de árbitros.....	102
Reflexões – Curso de árbitros.....	105
3.3 Terceira fase da pesquisa: entrevista com os responsáveis.....	107
Material e métodos – Entrevista responsáveis.....	107
Tipo de estudo – Entrevista responsáveis.....	107
Abrangência do estudo – Entrevista responsáveis.....	108

Sujeitos do estudo – Entrevista responsáveis.....	108
Piloto do questionário e da entrevista.....	109
Aplicação do questionário e entrevista piloto.....	109
Construção e interpretação gráfica.....	110
Validade do questionário/entrevista.....	111
Resultado do piloto.....	111
Resultados - Entrevista responsáveis.....	114
3.4 Quarta fase da pesquisa: entrevista com os delegados.....	137
Material e métodos – Entrevista delegados.....	137
Adaptações do questionário.....	137
Aplicação do questionário – Delegados.....	138
Análise dos dados – Delegados.....	139
Resultados – Delegados.....	139
4 Reflexões educacionais.....	151
4.1 Lutas e artes marciais, da guerra ao espetáculo: a sociogênese do fenômeno.....	153
Esportivização e espetacularização das lutas e artes marciais.....	153
Uma sociogênese dos combates.....	157
4.2 Reflexões educacionais a respeito do MODELO de competição dos mais jovens no judô.....	161
Regras.....	161
Sistema de eventos.....	173
Relações interpessoais.....	178
Sistema de pesagem.....	179
Sistema de pontuação no campeonato.....	189
Sistema de chaveamento.....	192
Estrutura do campeonato.....	196
Considerações finais.....	199
Referências.....	201

1 Introdução

As coisas e suas histórias...

As coisas têm suas histórias. Esse texto se constrói um pouco pela história de seu autor, e seu formato é reflexo de sua vida. Uma trajetória com diversos papéis: um primeiro personagem foi um pequeno atleta, categoria mirim leve; mais tarde um adolescente, inúmeras competições como juvenil leve, faixa verde. Depois disso, mesário, árbitro, estudante de Educação Física, pesquisador, mestrando e professor em escolas e academias. Cada um desses momentos me permitiu perceber o mundo de maneira diferente, da mesma maneira minha vida acadêmica também observou o mundo com muitos “óculos” diferentes até chegar à abordagem desse texto e aos personagens que foram foco da pesquisa.

Comecei a fazer judô em 1988 em um clube na periferia de Campinas. Eu tinha sete anos, e de poucas coisas me lembro tão bem quanto das minhas primeiras aulas, dos meus primeiros campeonatos. Recordo-me até hoje da primeira vez em que fui campeão: tenho até hoje a medalha. Nesses 20 anos, perdi as contas de quantas vezes pude subir em um pódio; desse dia, porém, me lembro como se estivesse acontecendo agora. Posso sentir a textura do tatame áspero de palha de arroz, a poeira, a temperatura, o quimono pesando sobre o corpo, a presença e o olhar dos adversários. Lembro-me ainda da primeira vez que tive medo de competir: lembro-me do meu professor, Ronaldo Magno Ribeiro, apoiando-me e me convencendo a continuar. Nesse tempo, aprendi com experiências boas e ruins, sucessos e fracassos, aprendi a persistir e a desistir, vivi dores e prazeres.

Experiências boas e ruins podem ser vividas neste ambiente. E este exemplo mostra o quão significativa pode ser a competição, mais especificamente a competição dentre os mais jovens: poucas coisas são recordadas tão vivamente pelas pessoas que puderam experimentar esse ambiente. A competição tem um potencial educativo, ensina valores e conhecimentos, forma e instrui; porém, cabe discutir quais valores e conhecimentos têm sido ensinados através da competição em nossa sociedade. Para isso, ela precisa ser estudada em uma abordagem que contemple essa perspectiva pedagógica.

Para chegar à abordagem desse trabalho, foi preciso refletir sobre inúmeras possibilidades de “olhar” para esse fenômeno. A discussão acerca da competição pode ser abordada de várias formas, dentro e fora do cenário acadêmico, e isso tem acontecido. Talvez a mais comum seja uma discussão dicotômica acerca do caráter bom ou ruim da competição: de um lado estão os defensores da competição e de outro os adversários dela, quase como um “céu” e um “inferno”, nos quais cada parte analisa de formas distintas, mas sem compreender a profundidade e a complexidade dessa manifestação cultural.

Análises mais profundas e menos dicotômicas podem revelar diversos fatores, pontos positivos e negativos. As soluções neste âmbito são, no geral, ter competição ou não ter competição, ser competitivo ou não ser competitivo. Por exemplo: deve existir competição na Escola? A solução para a problemática neste tipo de discussão é também preta ou branca: ou há ou não há.

Muitas vezes o que se nota é uma grande distância entre teoria e prática: enquanto muitos teóricos vislumbram um mundo sem competição fora desse grupo ela acaba sendo vista como inata, necessária e natural. Existe também uma distância epistemológica entre aqueles que partem de um referencial histórico, social ou antropológico e aqueles que partem de um referencial inato ou biológico. Há uma grande diferença entre aqueles que justificam e os que condenam a presença da competição.

Outro embate teórico é a respeito da idade, ou seja, quando se deve e quando não se deve ter competição. Esta discussão está muito pautada pelas teorias a respeito do desenvolvimento e da maturação do indivíduo: como o tema pode ser abordado por diversas áreas, diversas idades são adotadas dependendo do pendor do cientista que olha para o fenômeno: psicologia, biologia, medicina, pedagogia, etc.

Cada área ou subárea assume pontos de maturação a partir dos quais a competição deve ser adotada, normalmente esquecendo ou ignorando completamente outras possíveis abordagens sobre o tema. Esquece-se ainda de que nem sempre todas as pessoas atingem o mesmo ponto ao mesmo tempo, na mesma idade (ou seja, a idade cronológica não corresponde a outros pontos do desenvolvimento).

As soluções a respeito da competição nestas perspectivas são a permissão da competição a partir de determinada idade ou a proibição dela antes de determinada idade. Mais

uma vez existe uma grande distância entre o esperado pela teoria e o que ocorre na prática, visto que muitas vezes as idades estabelecidas pelos teóricos estão muito distantes das práticas sociais.

As práticas sociais vão muito além das teorias. Já existe uma expectativa da sociedade, ou seja, já existe uma demanda antes de existir um produto; como diria Bourdieu (1983), as pessoas em sociedade querem esse “produto” antes mesmo que ele exista. Estabelecer uma idade de corte pode apenas fazer com que as pessoas mudem de um “fornecedor” para outro.

Quando se estabelece que uma modalidade que tinha competição a partir dos seis anos de idade passe a ter competição apenas a partir dos 12 anos de idade, faz-se com que boa parte das pessoas que praticavam ou praticariam essa modalidade procurem outra prática que satisfaça suas expectativas estabelecidas socialmente.

A competição não ocorre por si só, não é uma entidade neutra e independente, mas decorre de todo um sistema social; nessa realidade social, a competição tem um significado simbólico. Neste caso, muda-se o nome, mas não se muda a prática; mudam-se as formas, mas não se mudam os valores; modificam-se os “atores”, mas não os “papéis”.

A discussão acerca da finalidade da competição também resvala em uma falta de diálogo entre os defensores de cada objetivo: aqueles que defendem um modelo de integração social, esporte para todos, o pensam para certas finalidades; aqueles que pensam no modelo olímpico ou profissional o pensam para outros fins. Os que pensam do ponto de vista do desenvolvimento individual, por exemplo, fisiológico, não vem o caráter social, por exemplo, em uma abordagem educacional, e assim por diante.

Este trabalho se dedica não a entender se a competição é boa ou ruim, nem a definir a partir de que idade deve-se permitir ou não a competição, nem a restringi-la a um ou outro fim, mas sim entender como se desenvolveu o processo competitivo e como realizá-lo a partir de valores educacionais, particularmente no caso do judô.

Assim, não é crível que a ausência ou a simples presença da competição possa resolver essa problemática social: o mal aproveitamento pedagógico da competição dos mais jovens. Também não é aceitável que apenas o aumento da idade de início da competição seja uma boa resolução: há uma necessidade de se discutir o modelo competitivo para cada ambiente, para cada personagem.

O fenômeno ‘Esporte’, especificamente dentre os mais jovens, sofre diversas influências; para os fins deste trabalho, considerou-se a influência do esporte espetáculo sobre o

esporte dos mais jovens. Este, por sua vez, poderia ser analisado sob diversas óticas científicas; neste estudo, as visões escolhidas foram as das ciências humanas, como a história, a antropologia e principalmente a sociologia, que nos forneceu as ferramentas principais para estruturar o estudo.

Este trabalho pretende entender, analisando e interpretando a realidade social e a construção do judô dos mais jovens (indivíduos com idades entre seis e dezesseis anos) através do “olhar” da sociologia. O foco principal está nas competições: para tanto, lançou-se mão de procedimentos de observação e entrevistas qualitativas com personagens relevantes (delegados regionais, árbitros e responsáveis pelas agremiações) no âmbito institucionalizado da modalidade na Federação Paulista de judô, tentando estabelecer um caminho e alguns processos que construíram o judô da maneira como ele se apresenta hoje. Ademais, procurou-se descrever algumas de suas características atuais, para facultar uma reflexão sobre seu potencial educativo, sobretudo sobre as implicações dos modelos estabelecidos.

Entender este cenário é fundamental para um melhor aproveitamento educacional dessa prática, para que ela propicie reflexões pedagógicas sobre possibilidades que incluam a preocupação com o que está sendo ensinado e o objetivo sob o qual está sendo ensinado, contemplando diversas idades, diversos objetivos e diversos níveis competitivos, possibilitando assim uma reformulação didático-pedagógica do fenômeno.

Alguns termos...

A busca de uma abordagem traz a busca de uma linguagem, uma maneira de transmitir idéias de maneira clara, adequada, inteligível. No caso de uma dissertação da área de Educação Física, há uma imensa dificuldade terminológica, fruto de sua gênese multidisciplinar. As diferentes áreas e subáreas utilizam termos semelhantes ou até mesmo iguais para se referirem a fenômenos diferentes de formas diferentes. Porém, esta obra não tem como objetivo principal uma discussão terminológica. Para isto procurar-se-á explicar um pouco dos motivos que levaram à utilização de certos termos no trabalho.

A utilização do termo ‘Esporte’ se refere a uma forma, ou a um formato “adquirido” socialmente pelo judô; serve para se referir ao judô no cenário da competição, principalmente nas federações e confederações, à competição institucionalizada. Neste ambiente, temos as classes de idades, desde o mirim até o sênior, o que nos possibilitou assumir um foco de

estudo, um ponto de observação da influência de um modelo sobre outro. As categorias de mirim à juvenil (de 6 a 16 anos de idade) foram agrupadas como sendo as categorias dos mais jovens em nosso estudo.

Alguns termos comumente utilizados foram alterados deliberadamente; esta mudança tem por objetivo modificar a maneira pela qual se tem observado o fenômeno. Pretende-se, assim, promover modificações que abram espaço para o vislumbre de certas possibilidades educacionais.

Esporte dos mais jovens...

A nomenclatura para descrever a população do estudo foi alvo de questionamentos. Classicamente, essa idade é chamada de categoria de base; a perspectiva educacional aqui adotada, porém, não entende que o trabalho nesta idade deva servir de base para outras categorias, visto que muitas vezes uma criança vai praticar o judô não para ser um atleta no futuro ou um faixa preta, mas sim pelo prazer intrínseco à prática da modalidade em cada idade ou pelo valor educacional envolvido em determinada prática relevante para aquele momento pedagógico.

Outro termo comumente utilizado é ‘esporte de iniciação’: este termo também não traduz a proposta, uma vez que as pessoas poderiam ser iniciantes sem necessariamente serem crianças. O fato de ser adulto ou adolescente não significa ser um aluno avançado. Um exemplo é um indivíduo que pratica judô dos cinco aos dez anos (há cinco anos, portanto): ele talvez não seja mais tão iniciante, porém continua sendo criança, e merece um tratamento diferenciado.

Seria possível também utilizar o termo ‘criança’ ou ‘infância’; porém, a diversidade de legislações que se referem ao termo ‘criança’ e a diversidade de teorias utilizam os termos ‘infância’ ou ‘criança’ necessitariam de prolongado tempo para definir a nossa população e poderiam ainda gerar conflitos. O mesmo termo poderia ser utilizado para designar populações diferentes dependendo da ótica utilizada (biologia, psicologia, educação etc.).

O termo ‘esporte dos mais jovens’, utilizado por Malina e Bouchard (2002), foi a inspiração para que pudéssemos nos referir às categorias a serem abordadas no estudo (mirim a juvenil). O termo é tão adequado que não excluía nem a juventude dos jovens de 80 anos que hoje também são público da Educação Física. Utilizamos as categorias da Federação Paulista e

Confederação Brasileira porque os entrevistados saberiam a que “atletas” estávamos nos referindo e porque a definição por idade cronológica não geraria maiores discussões. Assim, agrupamos as categorias de mirim a juvenil como sendo as categorias dos mais jovens e envolvendo crianças de seis a 16 anos de idade.

Esporte espetáculo...

Outro termo aqui utilizado é ‘esporte espetáculo’: ele foi adotado com o intuito de estabelecer uma clara distinção entre o esporte para se ver e o esporte para se fazer. Outros termos não traduziam tão claramente o fenômeno que aqui se pretende descrever ou as características que se pretende destacar.

A distinção entre ‘esporte profissional’ e ‘esporte amador’ não distinguia os fenômenos a serem descritos, uma vez que a maior parte dos competidores de judô não vive de salários obtidos com essa prática; mesmo dentre os integrantes da seleção nacional ainda existem pessoas que têm outras fontes de renda além dos patrocínios. No âmbito do vale-tudo, por exemplo, muitos dos atletas que neste caso seriam os profissionais têm que ter outras profissões, e não vivem exclusivamente das bolsas obtidas nas lutas. O termo ainda criaria certa contradição quando ao movimento olímpico e o amadorismo versus o esporte profissional.

Outro termo descartado foi ‘esporte de alto nível’. Cabe aqui uma importante crítica feita pelo professor Roberto Paes¹, que lembra que o esporte da infância tem que ser de altíssimo nível: chamar um esporte de alto nível poderia passar a impressão de que o conjunto que estivesse fora desse grupo seria o esporte de baixo nível.

Também poderíamos pensar no ‘esporte de alto rendimento’, ou de ‘rendimento obrigatório’. No entanto, o termo não se encaixava nos objetivos da pesquisa por não destacar as características que precisavam ser marcadas no trabalho, principalmente a questão da modelação segundo pressupostos de consumo. Alguns dos fenômenos estudados também não eram estritamente ligados ao rendimento, mas sim ao consumo, ou seja, nem sempre as lutas de espetáculo eram selecionadas segundo o melhor rendimento, mas sim segundo o melhor

¹ Roberto Rodrigues Paes é professor doutor da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas participando do programa de graduação e pós-graduação com ênfase específica na Pedagogia do esporte.

espetáculo. Além disso, a característica que se procurou destacar no judô olímpico é a necessidade de público para a modalidade.

Outra possibilidade seria o ‘esporte olímpico’. Este sim poderia ser um termo capaz de delimitar adequadamente o foco pretendido; porém, pensar apenas na modalidade olímpica deixaria de lado todo outro conjunto de práticas que vêm influenciando a área como um todo, como, por exemplo, as lutas televisionadas.

O ‘esporte espetáculo’ era o termo que melhor descrevia e abrangia o conjunto de práticas que precisavam ser estudadas, abrangendo tanto o esporte olímpico quanto as lutas de vale-tudo. O termo destaca também características interessantes para o trabalho, como as modeladas segundo o consumo e segundo a audiência.

Embora o termo possa ser utilizado com outros significados em nosso texto o que queremos marcar é uma clara distinção entre o esporte “construído” para se ver e o esporte que poderia ser “construído” para ser fazer. Sendo que essas possibilidades não se excluem totalmente, mas sim são pólos dentro de determinado “olhar”. A fundamentação desse termo ficará mais clara durante o referencial teórico.

Lutas e artes marciais...

Provavelmente esse termo seja o que levante maiores inquietações. A história da educação física enquanto área acadêmica esteve muito mais ligada ao esporte dos mais jovens e ao esporte espetáculo do que às lutas e artes marciais: tem-se menor experiência ao lidar com o tema de maneira a aproveitar suas diversas possibilidades.

Os termos ‘lutas e artes marciais’ são utilizado porque eles não parecem excluir nenhuma possibilidade, seja ela oriental ou ocidental, estando ou não ligada ao combate. Os termos são utilizados no plural e ligados pelo “e” porque se entende que as inúmeras práticas têm contextos sócio-culturais diferentes e possibilidades educacionais variadas; além disso, referem-se à especificidade de cada uma delas sem excluir a possibilidade de que em certos momentos elas sejam olhadas como um todo. Por isso ‘lutas’, referindo-se às práticas ocidentais, ao combate em si e à evolução da prática, e ‘artes marciais’, referindo-se às práticas tradicionais mais ligadas ao oriente não necessariamente ligadas ao combate, são utilizados ressaltando-se a importância da historicidade dos conteúdos.

A utilização apenas do termo ‘lutas’ poderia não enfatizar que existem aspectos pedagogicamente relevantes que não estão ligados ao combate em si, além de não destacar a historicidade do conteúdo e suas raízes históricas. Por outro lado, usar apenas ‘arte marcial’ pode deixar de lado as práticas ocidentais e ainda recair em receios devido à história recente da Educação Física escolar brasileira ligada a um passado militar. Utilizar apenas o termo no singular poderia não destacar a importância e a legitimidade de cada uma das práticas sociais envolvidas neste conteúdo.

Uma vez esclarecido que o objetivo do estudo é o de incluir e não o de excluir práticas, é o de construir e não o de destruir trabalhos, é preciso agora caracterizar o que aqui se denomina ‘lutas e artes marciais’. Ao invés de definir tão abrangente fenômeno, é preferível caracterizá-lo. Em 2004, o autor deste trabalho caracterizou o judô enquanto um elemento da cultura corporal de múltiplos significados; mais tarde, inspirado por Bento (1987), foi possível delimitar o que se crê ser uma caracterização apropriada para o fenômeno. Esta definição aponta que as lutas e as artes marciais são elementos da cultura corporal polissêmicos e polimórficos, podendo aparecer em clubes, academias, escolas etc. Podendo significar para as pessoas diversão, educação, mecanismos de sobrevivência, condicionamento físico etc.

Os primeiros dois capítulos constituem o referencial teórico e abordam a sociologia, o esporte e a televisão. Em seguida, apresenta-se a pesquisa de campo, desenvolvida em quatro fases: nas duas primeiras, foram realizadas observações, e, nas duas últimas, entrevistas. Com base no referencial e na pesquisa de campo foi possível desenvolver o capítulo quatro, no qual se pretendeu tecer uma reflexão sobre as implicações pedagógicas das lutas e das artes marciais, considerando o modelo de competição dos mais jovens.

2 Referencial Teórico

2.1 Esporte e suas transformações: um olhar da sociologia

Três autores são essenciais neste capítulo para a construção da abordagem sociológica necessária para o entendimento da problemática da competição entre os mais jovens: o primeiro deles é Norbert Elias (1993), sociólogo alemão; o segundo é Pierre Bourdieu (1983, 1997) e o terceiro é Jean Marie Brohm (1982, 2000, 2004), ambos sociólogos franceses.

Elias (1993) caracteriza o trabalho do sociólogo como uma análise pós-facto na qual se tenta determinar uma “linha”, uma “evolução”, um sentido, mas não um progresso. Tenta-se engatar o descontínuo, chegando-se a uma interpretação sociológica que só se conhece a posteriori.

Pierre Bourdieu nos fornece “pistas” para entender a sociedade contemporânea e um de seus maiores fenômenos, que é a televisão. Esse fator social ajudará a entender o processo de monopólio, de institucionalização e universalização do Esporte. Para ele, a sociologia estuda questões relacionadas às disputas sociais. O autor descreve diversos mecanismos de dominação, afirmando que padrões, bispos e jornalistas são parte desses mecanismos (Bourdieu, 1983).

Para Jean Marie Brohm (1982), os problemas do esporte são decorrentes de um quadro social, não sendo problemas isolados, mas sim produto de uma estrutura social como fica claro em seu artigo para o Le Monde:

A cada novo incidente desejamos, digamos assim, acreditar que não passa de "erro bobo", de um "desvio", de uma "consequência" ou de um "excesso", de preferência provocados por "elementos estranhos ao esporte", mas jamais ousaríamos admitir que é a própria lógica da competição esportiva que gera estes "animais raivosos", para usar uma fórmula britânica. (BROHM, 2000, grifo do autor).

Pensando nas discussões desses três autores, pode-se pensar como foi a sociogênese do que chamamos hoje de judô. Nesta perspectiva procurar-se-ia juntar fatos, traçar

uma linha, uma evolução, o que não significa um progresso, mas sim alterações ocorridas nestas práticas através dos tempos. É preciso entender o processo de evolução, institucionalização e os mecanismos de dominação envolvidos: cabe entender quais são os personagens dentro desses mecanismos.

Bourdieu (1983) discute a função da sociologia nos tempos atuais. O autor defende que não se registra o óbvio, não se discute aquilo com que se concorda, o que gera a possibilidade de mecanismos tácitos de controle; assim, a sociologia deve mostrar aquilo que é óbvio, mas que ninguém vê, pois é necessário conhecer o provável para poder executar o improvável.

A abordagem sociológica de Bourdieu aponta que não se discute o óbvio e evidencia como se implanta a política do “foi sempre assim” e do “não pode ser de outra maneira”. Ao se pensar a competição dos mais jovens como óbvia, não são empreendidos esforços no sentido de registrá-la, modificá-la ou discuti-la. O autor defende que onde existe espaço social, existem dominantes e dominados. Sob esta ótica, o judô pode ser analisado como um sistema social, um sistema que pressupõem dominantes e dominados, um sistema que tem lógica própria, sanções, títulos, hierarquia, cargos etc.

Para discutir o esporte dos mais jovens faz-se necessário revelar o óbvio que não pode ser visto, fornecendo-se assim mecanismos que possibilitem modificações na situação social no judô. Mais tarde serão discutidas algumas das influências do Esporte Espetáculo, institucionalizado e universalizado, sobre o Esporte dos mais jovens, adicionando-se a elas alguma reflexão sobre suas implicações pedagógicas.

Retomando Elias, pode-se pensar no momento social e nos fatores sociais que envolvem o fenômeno. Brohm (1982) se apóia em um referencial marxista para efetuar a crítica ao esporte. Contestando seus significados, critica a visão do esporte como entidade neutra, entende-o como imerso em fatores sociais; embasado em seu referencial peculiar, pensa no fator social do conflito de classes.

Assim como nas formações dos Estados, pode-se fazer uma análise pós-facto e tentar achar uma linearidade, uma evolução para a gênese do esporte. O que acontece nos Estados como uma tendência ao monopólio poderia ter um processo análogo ao observarmos o Esporte: é o que Brohm chama de “institucionalização”. As diversas práticas de cada local passariam por

um processo de unificação, e essa unificação seria como um monopólio, cada vez mais um modelo de prática a ser adotado em um território maior.

Como fator social, Brohm (1982) discute o Esporte dentro do “cenário” capitalista, ou seja, o tipo de organização econômica, mostrando que o Estado se instrumentaliza com o Esporte e que este tem seu “funcionamento” dependente do Estado. Pode-se pensar ainda que existam diversas esferas de poder, ou seja, diversos níveis de governo, de poder central dentro do fenômeno Esporte, e que esses níveis, muitas vezes, também são paralelos. Por exemplo, as federações, as confederações e as federações internacionais formam uma hierarquia de poder; as escolas, as diretorias de ensino e o Ministério da Educação poderiam formar outra hierarquia de poder, e assim por diante, em cada cenário em que aparece o Esporte.

Brohm defende ainda que o Esporte tenha um funcionamento interno que visa ao rendimento e à produção de campeões, reflete o cenário mundial, tende à globalização. Tanto ele quanto Elias (1993), mesmo ao analisar assuntos diferentes, entendem o caminho social como um caminho sem volta; conseqüentemente, assim como existe a tendência ao monopólio na formação dos Estados, o processo de institucionalização seria um caminho irreversível no esporte.

É preciso entender que o Esporte passa por um processo de evolução, desde as práticas populares, amadoras, até uma prática mundializada dependente do sistema econômico (capitalismo), alcançando enfim um processo de profissionalização. Esse processo seria a institucionalização: o Esporte vai se organizando em clubes, escolas, ligas, federações e assim por diante. Seu funcionamento tem caráter global e serve para a “produção” de campeões, espetáculos, recordes e competições.

Norbert Elias (1993) é fundamental para entender a dinâmica das forças sociais e as estruturas do poder que tendem a monopólios cada vez mais extensos por um mesmo governo. Chega-se, assim, a Jean Marie Brohm (1982), que possibilita entender o Esporte como um fenômeno de proporções mundiais, institucionalizado. Analogamente, as federações podem ser consideradas como o poder central descrito por Elias e entendidas segundo uma lógica capitalista, dependente do conflito de classes como fator social no estado capitalista analisado por Brohm em uma ótica marxista. As federações seriam, assim, poderes centrais, elementos de monopólio, de institucionalização do Esporte.

Para entender a competição dos mais jovens, é necessário entender os mecanismos de dominação social, ou seja, quais seus agentes, quais os personagens que constroem essa realidade como ela é. Neste sentido, este trabalho deveria fornecer mecanismos para que esses mesmos personagens possam melhorar o potencial pedagógico da competição nesta fase; cabe reafirmar a tese da competição como uma construção social e não como uma entidade (boa ou má), defendendo a necessidade de ser melhor aproveitamento.

Bourdieu (1983) ressalta que, para fornecer mecanismos contra a dominação, a ciência tem contra si a sua dificuldade de elaboração e a lentidão da difusão, pois o próprio poder científico está preso às relações de forças que ele revela. Essas relações de poder são discutidas por Elias (1993) ao lembrar a importância da situação social e dos fatores sociais. Por exemplo, em determinada situação, em determinado momento, as possibilidades sociais permitem um domínio de determinado tamanho ao governante: neste momento as habilidades individuais dificilmente permitiram um domínio muito maior do que este. O autor coloca que muitos reis foram dilacerados ao tentarem alcançar um domínio muito maior do que a situação social ou o momento da sociogênese permitiam.

Pode-se traçar um paralelo disso para pensar as federações e confederações como formas de governo; para entender suas funções, seu poder e sua força, seria preciso entender a situação social que resulta na abrangência de seu governo e não entender ações individuais, ou dirigentes individualmente. Nesta linha de pensamento existe um processo de “evolução” para o judô, que depende de fatores sociais, e não apenas de ações individuais.

Norbert Elias (1993) cita algumas forças sociais que influenciaram o processo civilizador na formação dos Estados:

- população;
- ameaças externas;
- técnicas agrícolas;
- alianças entre vizinhos;
- habilidade de governo.

Pode-se pensar em alguns fatores sociais que vêm construindo socialmente o judô da maneira que ele é:

- número de praticantes;
- imagem social e aceitação da população;

- aceitação da escola;
- presença nas olimpíadas;
- poder financeiro e político dos interessados pela modalidade;
- habilidade de gerência;
- estrutura física;
- legislação;
- representatividade no exterior.

O número de pessoas que aderem à modalidade através dos tempos é um importante fator social: quanto maior o número de praticantes (a população de judocas), maior será sua força social, maior será a repercussão da prática e o consumo envolvido com ela.

A aceitação da população, ou seja, o quanto as pessoas praticam ou permitem que seus filhos pratiquem a modalidade, determina o quanto elas aceitam que aconteçam eventos em seu ambiente social. Isso depende de praticantes e de não praticantes: quanto mais a modalidade é aceita socialmente, maior poderá ser o número de praticantes que ela alcança, o que está muito ligado à imagem que as pessoas fazem de determinada prática. Muito provavelmente o estágio da sociogênese em que o judô estava ao se tornar esporte olímpico, ou ao se popularizar no Brasil, ajudou-o a ter uma boa aceitação e uma imagem social positiva.

Poder-se-ia levantar inúmeras questões a respeito do que levaria a essa aceitação de uma “modalidade” oriental no ocidente; por ora, porém, pode-se relatar o fato de a modalidade esportiva ter sido arquitetada sem socos e chutes.

Muitas vezes a presença das técnicas de soco e chute, no judô atemiwaza, pode acabar gerando sangramentos, principalmente no rosto: um exemplo disso é o boxe profissional, que tem a presença do cotnam especificamente para conter os sangramentos. Esse tipo de lesão tem um significado social diferente de outros tipos de lesão que não são tão facilmente perceptíveis, pois impressionam e chamam a atenção.

Ao minimizar os sangramentos que, muitas vezes, são interpretados como violência, sendo, portanto, mal vistos socialmente, as regras do judô contribuíram para uma construção de uma imagem social positiva, levando a uma maior difusão e aceitação da modalidade.

Muito provavelmente o estágio da sociogênese em que o Brasil e o Ocidente estavam com relação à aceitação de práticas orientais não ajudou tanto outras práticas, que só

vieram a ser aceitas como olímpicas mais tarde. O judô, por meio dessa linguagem, foi mais facilmente aceito na escola e conseqüentemente mais difundido, principalmente na infância. Lembrando que muitas das práticas de lutas e de artes marciais têm sua origem no Oriente, existe uma ruptura cultural em relação ao que é aceito em determinado momento histórico.

Apenas mais tarde modalidades de origem oriental com a presença dessas técnicas começam a ser aceitas. Antes disso, tem-se a presença dessas técnicas apenas no boxe com raízes ocidentais e sem grande expressividade na infância. A imagem social é preponderante para a aceitação e difusão de uma prática. Ela é constituída pelo que as pessoas pensam sobre a prática, como elas vêem cada modalidade, pelos benefícios que elas imaginam que podem auferir praticando determinada modalidade e pelo que significa socialmente praticar determinada modalidade.

Além de ser aceita na sociedade como um todo, existem pelo menos dois ambientes importantes para serem conquistados para a difusão de uma prática: estes espaços são a escola e as olimpíadas. O grande número de pessoas nas escolas e o fato de se poder atingir um público em formação, como um investimento para o futuro, faz com que o fato social da modalidade ser aceita na escola seja vital para a difusão de uma modalidade. A escola se torna um local específico de especial aceitação: estar dentro da escola é de vital importância, pois todas as crianças vão à escola, e estar na escola significa também ter certo grau diferenciado de respeito, estar acima de “suspeitas”, ser aceito pelo corpo acadêmico. A presença nas olimpíadas é um fator que eleva o status subjetivo da modalidade, pois há uma diferenciação entre esportes olímpicos e o “resto”; é usual dizer “a modalidade é olímpica”.

Dizer que o judô está presente nas escolas não quer dizer que ele tenha tomado o lugar de outros conteúdos, muito menos que sua difusão tenha sido massificada (como no caso das escolas públicas, onde maiores barreiras poderiam ser vislumbradas, dentre as quais se podem destacar os materiais necessários). Ser aceito na escola é um fato simbólico, pois quer dizer que o judô é tido como um conteúdo possível dentro do processo de formação educacional.

O judô pode ser observado em algumas escolas particulares, principalmente educação infantil, e no ensino superior, como atividade esportiva, ou como matéria nos cursos de Educação Física ou como conteúdo dentro de uma matéria correlata.

Dizer que o judô está presente no cenário acadêmico é destacar certa aceitação social, certa aprovação simbólica. O judô é visto como conteúdo possível e legítimo, muitas vezes, até separado de outras lutas e artes marciais.

O poder financeiro e político dos interessados pela modalidade também é importante para a sua força social, pois, quando uma modalidade tem mais dinheiro, ou quando as pessoas que a praticam têm mais poder aquisitivo, a modalidade passa também a ter esse poder ou influência dentro da política institucional (como cargos, contatos e facilidade em fazer as coisas acontecerem via poder público ou iniciativa privada).

A habilidade de gerência também é de vital importância, uma vez que é preciso coordenar esforço, conciliar interesses, aliar pressões internas e externas, atualizar-se aos novos tempos e usar novas tecnologias. A legislação é importante, uma vez que toda a gerência de uma modalidade, ou de todas as modalidades de um país, depende das leis para a existência dessas práticas: quem pode fundar uma federação e como, quem pode dar aula, de quem é a responsabilidade por acidentes e as demais questões sociais relacionadas.

Especificamente nas lutas e artes marciais, podem-se observar alguns conflitos na área no momento de regulamentação da profissão, realizada pela Lei 9.696/98, como aponta Gonçalves Junior e Drigo (2001), ao discutirem as mudanças ocorridas nas legislações e explicarem a distância entre a história da Educação Física e a história das lutas e das artes marciais. Apesar dos conflitos, o que se observa é o surgimento de novas possibilidades, a aproximação de duas áreas até então separadas.

Outra maneira de acompanhar a aproximação entre a Educação Física e as lutas e artes marciais é observar a história dos conteúdos e das teorias da Educação Física, como demonstra Darido (2003) ao analisar a trajetória da área desde a ginástica no século XIX, passando pela esportivização no militarismo no Brasil (quando se instaurou o binômio Educação Física e esporte), até chegar aos tempos mais recentes, em que temos uma diversidade de teorias aproximando a área das ciências humanas e apontando para novos princípios, dentre eles a diversidade. A autora cita ainda os PCNs, que começaram a ser elaborados em 1994, e nos quais começam a aparecer as lutas como conteúdo.

A representatividade no exterior, ou seja, o quanto a modalidade é praticada ou é importante no exterior, também é relevante, pois o fato de poder vencer um estrangeiro dá um ar de vitória bélica e de soberania da nação.

Pensando na sociedade contemporânea em que está inserido o judô, junto a todos os fatores acima citados pode-se somar a busca do lucro. A idéia de lucro contida em Bourdieu (1983) é importante para a adequada compreensão do nosso cenário, pois para o autor o lucro não é apenas econômico, podendo ser também simbólico. Sua busca pode ser consciente ou inconsciente². Ele critica o “economicismo”, que constitui a prática de reduzir os fenômenos culturais, particularmente os de troca, à sua dimensão econômica. Dessa mesma maneira, o autor afirma que as “estratégias de distinção”, como práticas culturais que separam do comum e que distinguem o que deve ser gostado, são estratégias que visam o lucro, no sentido de Bourdieu.

Caberia perguntar: quais as “estratégias de distinção” do judô da/na infância? E no esporte da/na infância? Quais as práticas conscientes e inconscientes que buscam separar do comum, com o objetivo de lucro, econômico ou simbólico? São essas práticas que formam os seus respectivos “mercados específicos”, atendendo a certa expectativa social. Pode-se elencar especificamente no judô alguns fatores:

- disciplina;
- saúde;
- sucesso;
- autodefesa (autonomia, força, em um sentido mais amplo, técnico, tático, etc.);
- mito do japonês, o misticismo do oriental, do desconhecido;

Uma característica marcante no judô é a questão disciplinar, pois sua raiz oriental e sua “criação” ligada à educação fizeram com que se difundisse esse símbolo. Quem faz uma arte difundida são os praticantes que lhe atribuem poder: no caso das práticas sociais na infância, boa parte se deve à participação e crença dos pais. O fato de eles acreditarem que a prática do judô possa disciplinar pode separar essa “modalidade” de outras, pôde distingui-la, tornando-a um “produto” procurado.

A saúde também é um slogan que aumenta a procura do judô. A idéia de que é um esporte “apesar” de ser uma arte marcial o torna mais desejável: ou seja, existe uma busca pela arte marcial, pela capacidade de se defender, embora a imagem de guerra possa diminuir ou inibir a procura - quando se somam as duas coisas, tem-se um “mercado específico” maior. A

² A idéia de inconsciente contida na obra de Pierre Bourdieu não parece estar ligada às teorias do inconsciente propostas por Sigmund Freud.

idéia de que se você será capaz de lutar, embora não vá sangrar, se machucar ou ser espancado, consolida, o mito do esporte igual à saúde, o que torna a modalidade diferenciada das demais.

O sucesso ligado à imagem tecnológica e de prosperidade também está ligado à raiz japonesa: o atleta, assim como o japonês, traz idéias de sucesso, de vencer na vida, de conquistar marcas, de render mais do que os demais.

A idéia de autodefesa é algo muito poderoso, pois “ninguém” quer apanhar nem quer que seu filho apanhe. Essa idéia de que a prática do judô possa dar autonomia, coragem, ser capaz de gerir sua própria segurança, de deixar de ser vítima, de ser forte, não só em um sentido físico, mas também de ter condições emocionais, técnicas e táticas para enfrentar situações adversas, existe não só no sentido corporal, mas também simbólico. Isso com certeza é um fator de diferenciação que distingue a procura pela prática do judô e faz com que as pessoas o busquem, mesmo que não se dêem conta disso.

Existe ainda o mito do Japonês como algo diferente, místico, desconhecido, quem sabe até mágico, ligado a uma busca pelo que está faltando, mas que não se sabe o que é: há uma demanda social por tentar saciar as necessidades não materializadas. Quer-se algo, mas nem se sabe o que é esse algo, talvez seja possível encontrar no distante sua resposta, ou pelo menos se pensa que se pode.

Outro processo de diferenciação são os campeonatos, que atuam como um “termômetro” para pais, para saberem se o filho “serve” para isso. Visto que ser pai não é uma profissão e que pais não são especialistas nas mais diversas necessidades das crianças, pode-se pensar que certas atividades fornecem certos mecanismos de informação para os pais. O judô tem vários deles: as faixas, campeonatos, as modificações de comportamento.

Todas essas características combinadas distinguem o judô de outras práticas na infância, como a música ou o teatro, de outras modalidades, como o futebol ou a natação, e de outras artes marciais, como o caratê ou o jiu-jitsu, atendendo assim a um “mercado” específico para crianças e pais de crianças.

Como visto, o judô também é entendido como esporte; então, o que distingue o Esporte de outras práticas sociais? Pode-se elencar algumas possibilidades:

- talento;
- superação;
- beleza e arte.

A idéia de talento, a idéia de que o atleta é alguém diferenciado, de que tem um dom ou propriedades quase que divinas desperta o indivíduo e o faz ver algo especial, inspirador. Alguém que está envolvido nesta prática assumiria um pouco disso, dentro do sistema de crença social, não só no dentro desse cenário, mas em todos os ambientes sociais, ou seja, aprenderia seus símbolos para vida.

Mas o que levaria a essa idéia de que o atleta tem um talento diferenciado dos demais, já que um engenheiro ou um médico ou qualquer outra profissão também necessita de habilidades específicas e diferenciadas? Outras atividades escolares como a matemática e o português também necessitam de habilidades específicas. Por que o atleta parece se sobressair enquanto símbolo de talento em nossa sociedade?

O primeiro ponto para isso seria a sua unicidade causada pela competição: o campeão em nas competições não é aquele que joga bem, mas aquele que joga melhor do que os outros. O símbolo envolvido em subir a um pódio significa que um e apenas um pode alcançar aquela colocação.

O segundo ponto do reconhecimento do talento está na universalidade do que ele faz: o campeão do mundo da copa de futebol é reconhecido em na sociedade, quer seja ele brasileiro, alemão, ou francês. Já em outras atividades que talvez envolvam o mesmo ou maior grau de dificuldade não há um entendimento universal: um químico pode ser o melhor químico do mundo, mas não vai ser reconhecido universalmente porque seu campo de conhecimento e de atuação não é conhecido universalmente.

A idéia de superação e a imagem de que o atleta é alguém que supera a dor e que bate os próprios recordes sempre vêm associadas a valores que transcendem o campo esportivo. Ademais, a imagem passada pelo esporte muitas vezes é associada à beleza, ao belo, como expressão artística, uma “performance”, uma atuação, muitas vezes, não ensaiada, uma criação, uma pintura.

Esses três fatores diferenciam, separam o esporte de outras práticas sociais. Outros fatores também presentes no judô já foram discutidos. Algumas idéias ainda podem ser apontadas quando pensamos no esporte especificamente na infância:

- futuro atleta;
- campeão;
- herói.

A criança que é “colocada” no esporte freqüentemente não é mais vista como uma criança ou como um aluno, como aquele que deveria ser instruído e formado, mas sim como um futuro atleta, como alguém que tem que render, como aquele que tem que ganhar: as coisas deixam de ser para agora e passam a ser pensadas para o futuro, uma “eterna” preparação.

Essa criança não é pensada como qualquer atleta, mas sim como o campeão. O desenvolvimento mais acentuado devido à fase de maturação biológica pode dar margem para a idéia de que o desenvolvimento continuará o mesmo mais tarde e de que a criança se tornará um gênio do Esporte. Esquece-se que esse desenvolvimento poderá cessar ou diminuir com o fim do processo de amadurecimento físico. Um exemplo que fica muito claro é o da criança que é mais alta do que todo o grupo porque cresceu antes, o que lhe concede algumas vantagens para o jogo de basquete: muitas vezes se calcula que ela continuará crescendo, e que, portanto será um grande atleta, mas freqüentemente a criança atinge a altura máxima e pára de crescer antes de se atingir as expectativas.

Essa idéia da criança como um campeão se assemelha com a de um diamante que pode ser lapidado para se tornar uma jóia perfeita, e guarda em si uma força social muito grande: a idéia é de que ela tem um talento intrínseco, bastando “treiná-la” bem, e que até mesmo alguma criança tenha esse talento e precise apenas ser descoberta.

O filho talentoso se torna um filho único, diferente dos filhos dos outros, alguém especial; qual dos pais ou professores que não quer ter um filho especial? O pai ou professor acaba sendo como um autor, como um pintor que fez uma “obra” prima.

O atleta é socialmente como o herói, é o que defende o grupo, defende o nome da nação; pensando isso para as crianças, não se pode deixar de considerar os personagens dos desenhos, atualmente muitos de origem japonesa, muitos ligados às lutas e as artes marciais, que revelam como o mundo e os símbolos sociais presentes nos heróis, nos campeões, estão presentes no universo das crianças antes mesmo de praticarem qualquer modalidade esportiva ou judô.

Todas essas questões mostram que existe uma demanda por judô, ou pelas características que distinguem o judô socialmente. É importante notar que esses fatores existem independentemente de existir judô, ou competição de judô na infância: as crianças não vão deixar de se espelhar nos heróis de desenho animado, nem os pais vão deixar de querer ver os filhos campeões e com sucesso se amanhã deixar de existir competição de judô ou se a idade mínima para se competir passar a ser 14, 16 ou 18 anos. O que se deve discutir é se esses fatores não

estabelecem certa ordem, uma ordem simbólica; como diria Bourdieu (1983), uma ordem simbólica que parece evidente, inquestionável, indiscutível.

A competição na infância, quando não discutida, pode não atingir seu potencial pedagógico, pode deixar de ser um meio e passar a ser apenas um fim. A sociologia teria assim que dar “mecanismos” para enxergar o imperceptível, possibilitando romper com essa lógica e propiciando assim um judô DAS crianças.

Visto que já existe uma demanda para certo “produto” e algumas diferenças desse “produto”, caberia discutir como o judô é “vendido” socialmente. Uma discussão proposta por Bourdieu (1983) é sobre as linguagens e a censura: o autor afirma que toda linguagem é produto de censuras, internas e externas, e exerce efeito de imposição, imposição do impensado que desestimula o pensamento.

Dentro disso pode-se ver claramente como o judô em uma linguagem se torna um “discurso” para certo público, ou seja, como suas práticas e falas atendem a certas expectativas sociais, o que faz com que ele seja consumido.

A origem bélica é censurada para torná-lo esporte, mas não só esporte: o esporte olímpico. As idéias contidas nesta “metamorfose” são muito fortes: imagine-se como é pensar uma arte marcial que não chuta, não soca, não bate, como no judô olímpico, ou na qual não vale chutar, nem socar, nem utilizar nenhum golpe de percussão, no judô atemiwaza. Pode-se imaginar isso na escolha dos pais para a prática dos filhos.

A preocupação de que o filho se torne violento ou bata nos outros é censurada e respondida no sentido de que essa prática não envolveria socar, mas envolveria se defender do soco, e não envolveria chutar, mas se defender do chute. O judô responderia a essa censura, ao mesmo tempo em que daria armas para se defender, no entendimento do leigo, já que não chutaria ou socaria, atos estes que poderiam ser confundidos pelo público como um ato necessariamente violento. Neste sentido, o judô atende à censura na medida em que exclui, consciente ou inconscientemente, aquilo que seria considerado inadequado para uma prática na infância.

No seu texto “Como é possível ser esportivo”, Pierre Bourdieu lembra importantes questões sobre a sociogênese deste campo, revelando seu habitus e suas estruturas. Na página 140 ele afirma: “A necessidade da aplicação universal de regras fixas se impõe desde o

momento em que as “trocas” esportivas se estabelecem entre as instituições escolares, e depois entre os regimes.”

Ele se refere à ruptura entre o jogo popular e o Esporte, que ocorre nas grandes escolas reservadas à elite, nas quais o jogo vulgar foi re-significado (o *fair play* como representação burguesa do jogo desinteressado). Mais à frente, o autor coloca: “O *fair play* é a maneira de jogar o jogo dos que não deixam levar pelo jogo a ponto de esquecer que é um jogo...” (BOURDIEU, 1983, p. 139). O Esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de formar o caráter e vincular a ele a vontade de vencer (*will to win*). Vencer conforme as regras (*fair play*), em oposição à vulgaridade da vitória a qualquer custo. (BOURDIEU, 1983).

Pensando nessas raízes aristocráticas inglesas do Esporte, pode-se questionar como ficam esses valores quando o jogo se torna profissional, quando o jogo deixa de ser algo para ser jogado e passa a ser algo a ser assistido, e admirado por todos. Como ficam essas questões quando o Esporte se torna um meio de ascensão social? E, sobretudo, no nosso caso, como fica isso quando esse Esporte se torna o objetivo máximo de vida de uma criança, ou do pai de uma criança? Como fica o jogar sem esquecer que o jogo é apenas um jogo?

O que se pretende reafirmar é a questão da diferença de formas e de valores: o Esporte não é um fenômeno uniforme, não é uma entidade, boa ou ruim, mas sim algo muito mais complexo, algo no mínimo com muitos lados. Os valores presentes na formação do Esporte como atividade aristocrática são muito diferentes daqueles praticados pelo atleta profissional ou pela criança. O papel da intervenção do professor é ensinar significados, questionar valores, ou seja, dar conta desse mundo simbólico socialmente construído. É necessário conhecer os valores de cada um desses universos para poder questioná-los.

Sobre o campo esportivo Bourdieu defende:

“A história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis e evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica.” (BOURDIEU, 1983).

Nesta linha de pensamento, o autor coloca que os “produtos” esportivos (práticas, espetáculo, artigos) também tiveram sua história e lógica própria. As “modalidades” são a oferta para certa demanda social. Sobre essas demandas, ele aponta que existem bens para

todos os gostos, mas não há gostos para todos os bens: já existe um gosto antes de se achar o objeto. O autor aponta que o campo das práticas esportivas tem seu próprio sistema de sanções, sua lógica, suas regras e disciplina, concedendo até mesmo títulos (na Inglaterra, título de treinador) (BOURDIEU, 1983).

Acerca de regras, disciplina e sanções, é impossível não pensar nos atos de violência nos campos de futebol, um tema muito discutido; nesta lógica de Bourdieu, o ideal seria entender como uma cabeçada é crime na rua, mas não é crime em campo, como um tapa é crime no trabalho, mas é possível em uma discussão no esporte profissional, como o habitus desse campo permite que se faça e se aceite que seja feito algo que é impensado fora dele. Pensando na formação social de valores, como um tapa pode ser aceito em determinada modalidade, mas ser inaceitável em outra, entendendo aqui que não se pretenda a referência a regras, mas sim àquilo que é aceito.

O judô também tem seu próprio sistema de regras e sanções, sua lógica, sua regra, sua disciplina. Existem regras para se tornar faixa preta, existem cursos a serem feitos, existem taxas a serem pagas, existem quesitos a serem preenchidos. O mesmo acontece para se ser árbitro ou atleta.

Pierre Bourdieu (1983) coloca que seria preciso neste contexto a ligação entre as virtudes esportivas e as virtudes militares; ao fazê-lo, discorre sobre Barão de Cobertin e a idéia de moral, o Esporte como nova escola, nova formação de valores diferentes do da escola antiga, energia, coragem, vontade, iniciativa.

O Esporte, como toda a prática, é objeto de luta entre frações da classe, discutida também entre as classes. As disputas entre as manifestações do Esporte, como a oposição entre esporte prática e esporte espetáculo, são lutas de idéias travadas entre os agentes (BOURDIEU, 1983).

O esporte espetáculo dependeria do que o autor chamou de “competência passiva”, habilidade de compreender, da admiração sem ter praticado o esporte ou música: a mercadorização do Esporte depende de conquistar “experts” em assistir o Esporte. (BOURDIEU, 1983).

Instrumentalizado pela interpretação história de Bourdieu como uma nova escola aristocrática e por Nobert Elias com o seu processo civilizador, poder-se-ia afirmar que o judô, em seu novo significado, passa a atender à nova situação social, é interessante notar ainda

que ambos têm raízes bélicas, porém de culturas diferentes. O judô tem suas raízes filosóficas ligadas ao bushido (FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ, 2004b), enquanto o Esporte tem suas raízes ligadas aos valores aristocráticos (BOURDIEU, 1983). O judô tem hoje uma mescla de valores: os ligados à suas raízes, tais como obediência e lealdade, e os ligados à sua metamorfose, tais como coragem e virilidade.

Nesta linha de re-significação, Bourdieu coloca que o Esporte das elites passando às massas “sofre” uma re-interpretação:

“As variações práticas segundo as classes devem-se não apenas às variações dos fatores que tornam possível ou impossível assumir seus custos econômicos e culturais, mas também às variações da percepção e da apreciação dos lucros, imediatos ou futuros que se considere que estas práticas proporcionam.” (BOURDIEU, 1983, p. 148-149).

Entender como cada classe compreende o judô é a procura, é o trabalho de uma obra que visa entender socialmente o judô e a competição na Infância. Para entender como o Esporte se torna possível na sociedade atual, nas diferentes classes, considerar os fatores descritos por Brohm (1982) como responsáveis pelo desenvolvimento do Esporte moderno, tais como o aumento do tempo livre e o desenvolvimento do lazer, a universalização dos intercâmbios mediados pelos modernos transportes e meios de comunicação de massa.

Hirata e Pilatti (2007) se apóiam em Brohm (1982) para afirmar que a eficácia das máquinas automatizadas diminui a carga de trabalho semanal dos trabalhadores, aumentando o tempo livre; os meios de transportes se tornam cada vez mais rápidos, possibilitando o grande intercâmbio entre os atletas; a comunicação de massa proporciona uma enorme troca de informações.

Neste contexto, o judô se torna um mecanismo de interação comum em âmbito global: dependendo apenas da possibilidade de transporte, poder-se-ia praticar judô com pessoas de qualquer lugar do mundo. Por exemplo, na Europa, onde existem meios de transportes muito desenvolvidos, pode-se pegar um trem na Inglaterra e ir lutar judô na França. Especificamente no processo de monopólio do MODELO de luta, o que tem vital importância é o transporte da informação, através da televisão, e mais ainda da televisão por assinatura e da internet: houve uma difusão dos eventos de lutas misturadas ou vale-tudo. Há, portanto, um monopólio, ou seja, a regra agora não é de um local, de um país, de um dojo, mas sim uma regra institucionalizada,

mundializada, que destaca dois modelos, os eventos de luta em pé, como o K1, e os eventos nos quais se tem também luta de chão, como UFC ou Pride³.

O que deve ficar claro é que a situação social possibilita ou não determinado estado de monopólio. Norbert Elias (1993) afirma que o poder do rei depende de uma situação social e de questões culturais, tais como técnicas agrícolas, transporte, situação militar etc. Um pequeno território não consegue se manter independente em uma época de grandes relações; um grande território não consegue se manter unificado em uma época de pouca interdependência.

No caso das lutas e artes marciais, é importante entender que o fato de existir um modelo internacional nem sempre elimina os outros modelos, pelo menos até os dias atuais; ou seja, ainda se pratica jiu-jitsu isoladamente e se pratica jiu-jitsu no vale-tudo. Porém, pode-se pensar se outras formas de disputa ou outros treinamentos não vão “morrendo” com o processo de monopólio: na medida em que se tem um modelo, um único tipo de disputa vigente, pode-se deixar de ter outras práticas que antes eram ligadas a outros significados, como o da sobrevivência.

O processo civilizador não é consciente nem planejado, a civilização não é razoável, nem racional (intencional, deliberada), como também não é irracional (incompreensível); ela é posta em movimento pela dinâmica autônoma de uma rede de relacionamentos, por mudanças específicas na maneira que as pessoas se vêem obrigadas a conviver (ELIAS, 1993). O autor destaca ainda que existe uma “ordem social”, e que é da interdependência entre as pessoas que surge o processo histórico, não da razão individual.

A estrutura competitiva do judô não é dependente apenas de ações individuais, mas sim de uma situação social: o poder das instituições, federações, confederações, ligas etc. é dependente de uma situação social. Norbert Elias (1993) aponta que a força do rei se dá por sua posição social: cada senhor territorial tem uma posição e, o rei, apesar da pouca força, fica no meio dessa linha - sua decisão então pode levar para um lado ou para o outro. Apesar de sua pouca força, sua posição em meio às tensões entre cada uma das partes no jogo de interesses lhe concedia o privilégio de pender ora para um lado ora para outro.

Fica claro que a maneira com que se articulam as regras e os valores na competição dos mais jovens não é fruto de uma ação individual. Norbert Elias (1993) destaca que

³ K1, Pride, UFC, entre outros, são eventos de esporte espetáculo que tem disputas televisionadas para diversos locais e com prêmios em dinheiro.

os suseranos não tinham a noção de que teriam a soberania sobre a tributação: apenas queriam extrair o máximo possível em cada situação. As ações acerca das competições não são deliberações planejadas individualmente, mas dependem das inter-relações entre forças dos agentes sociais. É dessa interação que resulta a força que tem as instituições. Pode-se citar como alguns poderes das federações e confederações:

- graduação;
- técnico dentro das áreas;
- filiação;
- curso;
- regras;
- sanções;
- custos;
- convocações;
- regras;
- arbitragem;

Ainda pensando nas situações sociais, Norbert Elias (1993) afirma que os fatores sociais influenciam na conduta, e que os perigos eminentes ou outros modificam a forma de se portar. Mais à frente, ele discute que, nas sociedades pacíficas, que são aquelas em que alguém (o Estado) possui o monopólio da força física, surgem outros tipos de violência.

Pensando que hoje a guerra propriamente dita depende de outras técnicas e táticas além daquelas feitas no judô ou no jiu-jitsu, o que levaria as pessoas a procurarem essas práticas? Por que as pessoas ainda procuram fazer judô, jiu-jitsu, capoeira, boxe ou qualquer outra luta ou arte marcial? Por que uma pessoa escolhe socialmente fazer boxe ao invés de ginástica localizada, ou escolhe colocar seu filho no judô ao invés da natação? Talvez a resposta esteja um pouco no que afirma Elias (1993) ao relatar que nas sociedades pacíficas surgem outros tipos de violência. As guerras também são simbólicas, pois perpassam o simples resultado e atingem o âmbito da operacionalização do resultado; um exemplo é a capacidade de, nas artes marciais sem armas, defesa por seus próprios meios, sem o uso de instrumentos.

O que se vê é que as mudanças sociais influenciam as práticas; Norbert Elias (1993) diz que o que mudou foi a maneira como as pessoas se ligavam umas às outras. Por isso mudou o comportamento, por isso também mudavam as consciências e a economia das paixões,

além da própria estrutura do todo. Traduzindo isso para o nosso ambiente, pode-se entender um pouco das modificações do judô pensando na mudança de ambientes de sua prática, desde os dojos, passando pelos clubes e chegando até a escola. Assim, muda a maneira como as pessoas se ligavam umas as outras, muda o funcionamento interno do sistema e o funcionamento social como um todo.

Brohm (1982) defende que o esporte tem um funcionamento interno que visa ao rendimento e à produção de campeões, reflete o cenário mundial e tende à globalização. Brohm e Elias entendem o caminho social como um caminho sem volta, assim como a tendência ao monopólio na formação dos estados o processo de institucionalização seria um caminho irreversível no Esporte.

Deve-se entender que o Esporte passa por um processo de “evolução” desde as práticas populares, amadoras, até uma prática mundializada dependente do sistema econômico (capitalismo), chegando enfim a um processo de profissionalização. Esse processo seria a institucionalização: o Esporte vai se organizando em clubes, escolas, ligas, federações e assim por diante. Seu funcionamento tem caráter global e serve para a “produção” de campeões, espetáculos, recordes e competições.

Dentro de cada cenário desses, em cada momento histórico temos ações e construções, frutos do habitus: a ação não é uma resposta cujos segredos estariam inteiramente no estímulo do detonador, mas tem como princípio o sistema de disposições, que é produto de toda a experiência biográfica (Bourdieu, 1983). O autor coloca: “o que não se discute é o que se concorda, ninguém registra o óbvio” (Bourdieu, 1983, p.66). Ou seja, o fato de não se discutir a competição de judô nesta faixa etária, é, em parte, porque se concorda com a situação estabelecida: o fato de se concordar faz com que não se escreva, o que a leva a ser desconhecida porque tácita, além de óbvia e imutável⁴.

O que se pretende defender é que a sociologia é importante para entender o cenário da competição dos mais jovens, pois através dela pode-se promover uma mudança na formação do conhecimento na competição, Bourdieu (1983) afirma que trocar uma palavra por

⁴ O que quero dizer quando digo que a competição não é discutida, é justamente a idéia de que ele é consensual, seja boa, seja ruim, o grupo dos que acham que ela é boa se juntam e mantêm essa prática social. O grupo que acha que ela é ruim se junta, condena e fica fora desse cenário.

outra é uma mudança epistemológica: é neste sentido que certos termos diferentes são utilizados neste trabalho. Ao trocar o termo comumente utilizado ‘categorias de base’ pelo ‘esporte dos mais jovens’, expressamos a discordância em relação ao conceito de que essa faixa etária sirva a outras; ademais, não necessariamente o que está se fazendo nesta fase deve visar o esporte espetáculo, mas sim que a criança poderia visar à diversão e ao prazer sem necessariamente querer praticar a mesma modalidade quando adulto. Como citado anteriormente, outros termos também foram modificados, o que deve ficar claro é que essas trocas são intencionais, são símbolos de uma mudança de concepção sobre o esporte na infância.

É neste sentido de mudança de concepção que se deve retomar a idéia de habitus, a idéia das estruturas estruturantes. Bourdieu (1983) afirma, sobre os “vendedores de necessidades” (esteticistas, dieticistas, conselheiros conjugais), que eles impõem normas impossíveis de serem alcançadas: neste sentido, o mito do atleta, do homem espetáculo, do campeão, pode se tornar uma cobrança feita a muitos, mas que só pode ser atingida por poucos.

Essa idéia da “categoria de base”, da venda de necessidades e da exploração de metas atingíveis por poucos remete um pouco à função da sociologia sugerida por Pierre Bourdieu. Para o autor, seria necessário entender como funciona este ambiente: ele lembra que para a lei ser mudada ela precisa ser conhecida, por isso interessa aos detentores do poder a manutenção da ignorância. O que fica muito claro no esporte dos mais jovens é a dificuldade, a raridade de se encontrar regras, valores, objetivos estabelecidos para esses praticantes: o que se tem normalmente são apenas adaptações, ou transcrições das regras dos adultos. Por que não existe um livro de regras do judô mirim? O que acontece é que socialmente, consciente ou inconscientemente, é interessante manter a ordem, ou seja, não ficar claro, não ter uma regra escrita colabora para que as categorias mais jovens continuem sendo meios para o esporte espetáculo.

Sobre a utilização da palavra, Bourdieu (1983) lembra que é muito comum entre os intelectuais que sejam autorizados com uma COMPETÊNCIA que lhes é reconhecida socialmente para falar com autoridade muito além dos limites de sua competência técnica, particularmente no campo da política – direito usurpado de legislar sobre todas as coisas. O autor defende ainda a existência de uma diferença entre o intelectual, que tem poder na medida em que é acreditado, e o político (dirigente), cuja palavra tem poder atribuído por aqueles que ele dirige, o dirigente da vida a sua palavra.

Essa dissertação não tem o intuito de condenar, mas sim compreender o mundo social que envolve a competição: no caso do poder no judô, muito provavelmente quem o atribui não são só as crianças, mas existe um cenário em que os adultos controlam boa parte do que acontece. Os adultos são pais, árbitros, dirigentes, professores, gestores públicos etc. São esses personagens que conhecem profundamente o ambiente e o constroem, é para eles que tentamos mostrar a potencialidade do judô nesta faixa etária.

Sua linguagem é lucrativa, é um meio de dominação, um meio de manutenção do estado social; aprender uma linguagem é aprender se essa linguagem será lucrativa em determinada situação (Bourdieu, 1983). Qual a linguagem do sensei de judô para os pais? Qual a linguagem aprendida no judô? Disciplina. Os pais são aqueles que atribuem poder ao professor e às federações. Qual a linguagem do professor para as crianças? Existe então uma “competência lingüística”: o Esporte e judô como linguagem universal, linguagem lucrativa, no sentido econômico ou simbólico.

Pensando na linguagem e no que pode ser falado dentro de cada campo, o autor cita dois meios de censura: a exclusão das pessoas de onde elas podem falar e a colocação de pessoas que só dirão aquilo que o campo autoriza. Neste sentido, para poder modificar a competição dos mais jovens, é necessário que o campo autorize as falas, ou que as pessoas encontrem espaços para falar. É preciso questionar quem fala em cada campo, por que fala e onde poderia se falar de maneira diferente, ou seja, na universidade, na escola, onde esse discurso poderia fazer diferença social.

Primeiramente, o objetivo foi entender a abordagem sociológica; neste momento, passar-se-á à discussão do Esporte e da sociedade no caso específico de algumas modalidades.

O referencial teórico de Marchi Junior (2001) é principalmente a sociologia, sobretudo Norbert Elias e Pierre Bourdieu. Através deles, o autor pôde identificar o que chamou de “viradas”, períodos em que houve modificações nas “estruturas estruturantes” do vôlei no Brasil. Dessa maneira, o autor pode dividir e trazer trechos importantes da história da modalidade no Brasil.

Logo no início da obra é tecida uma importante crítica à tradição eurocêntrica de se contar a história do Esporte (Inglaterra), que se esquece de outros mecanismos de formação das modalidades esportivas atuais (por exemplo, outras tradições locais). Mais à frente, o autor

cita Allen Guttman (1978) ao trazer sua distinção entre o *play* (lúdico-brincar), o *game* (organização do Jogo) e o *sport* (competição com regras oficializadas). Esse seria o “caminho” clássico para a sociogênese das modalidades esportivas; porém, muitas delas não seguiram esse caminho. O voleibol no Brasil não vem da esportivização de práticas populares, mas sim da “importação” da prática dos EUA (Marchi Junior, 2001).

Bourdieu é um exemplo desse pensamento clássico sobre a formação social das modalidades:

“Parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às elites da sociedade burguesa, nas *Public Schools* inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns jogos populares, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função muito parecida com aquela que o campo da música erudita impôs às danças populares, *bourres*, *gavotas*, *saranbadas*, para fazê-las assumir formas eruditas como o *suíte*”. (BOURDIEU, 1983).

Da mesma maneira que o vôlei, as diferentes artes marciais e lutas tiveram um caminho diferente até se tornarem modalidades esportivas. Entender esse processo é necessário para construir uma Educação Física em uma perspectiva cultural capaz de levar em conta o cenário da competição nos mais jovens.

Calleja (1981) descreve as modificações ocorridas no judô desde lutas de desafio realizadas por intermédio da Federação de Pugilismo, passando pelas primeiras regras internacionais estabelecidas em 1967, até as grandes modificações ocorridas em 1973, analisando suas implicações até o ano de defesa da tese. Ele afirma que:

A fim de procurar transformar o judô numa luta moderna e atraente, a Federação Internacional de judô, após acurados estudos, fez com que as regras sofressem inusitadas modificações, particularmente a partir de 1973. (CALLEJA, 1981, p. 1).

É preciso compreender, ainda que introdutoriamente, um pouco do ONDE e do QUANDO cada uma delas começou a se modificar. Sem ter a pretensão de esgotar a análise histórica aprofundada que seria necessária em cada uma delas e em cada um de seus países de

origem, pretende-se aqui pontuar algumas características que permitam entender determinadas mudanças.

As práticas conhecidas atualmente como judô, jiu-jitsu e caratê têm sua chegada ao Brasil através da migração japonesa há aproximadamente 100 anos, carregando valores e costumes do Japão daquela época. Assim como o vôlei, foram modalidades “importadas” (com a diferença de que não eram modalidades, mas sim práticas ligadas à guerra, a sobrevivência).

Também de origem oriental há o kung-fu, o tae-kwon-do, de origem chinesa e coreana respectivamente, carregando traços culturais desses locais. Já a capoeira tem origem na presença do negro escravo no Brasil, também como prática de sobrevivência contra o inimigo em um cenário de grande repressão. Outras práticas, tais como o savate (Francês) e o sambo (Russo) tiveram suas origens em países que não tiveram grande migração para o Brasil, dificultando a “chegada” dessas “modalidades”.

Mais recentemente, percebe-se outro tipo de “importação” de modalidades: através das televisões mundializadas, pode-se acompanhar práticas de modalidades internacionais - as lutas e artes marciais não chegaram mais pela migração, mas sim pela televisão. A partir da década de 90 nota-se a grande expansão dos eventos de artes marciais de espetáculo, as lutas profissionais, valendo dinheiro e sendo filmadas e transmitidas para todo o mundo; são exemplos o K1, o UFC e o Pride. Dessa maneira, apesar de não haver uma grande migração tailandesa no Brasil, houve a popularização do muay-thai no país, inclusive por meio de praticantes de outras artes, como lutadores de tae-kwon-do que absorveram técnicas do boxe inglês para a prática do muay-thai ou lutadores de jiu-jitsu que aderiram à modalidade para os eventos de vale-tudo.

Esclarecido que o “onde” dessas práticas é diferente, é preciso também esclarecer que o QUANDO dessas práticas também é socialmente diferente; os momentos de cada modalidade são diferentes no que diz respeito a sua versão bélica e ao seu processo de esportivização.

Observando as diferentes práticas no caminho de se tornarem modalidades olímpicas, é como se pudéssemos olhá-las em um movimento de tempo, ou seja, o caminho, ou parte do caminho é o mesmo para as práticas, mas o que varia é o momento em que isso acontece.

Elas estariam em momentos diferentes de evolução no sentido elisiano⁵, o que não pode ser confundido com progresso:

- luta livre e greco-romana, que se tornaram olímpicas em 1896 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE LUTAS ASSOCIADAS, 2008);
- boxe, que se tornou olímpico em 1920 (INTERNACIONAL BOXING ASSOCIATION, 2008);
- judô, que se tornou olímpico em 1972 (Federação Paulista de judô, 2008);
- tae-kwon-do, que ainda tem duas grandes versões e se tornou olímpico em 2000. (WORD TAEKWONDO FEDERATION, 2008);
- kung-fu, que está se buscando se tornar olímpico e em 2008 entrou como um torneio paralelo às olimpíadas (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE KUNG-FU/WHUSU, 2008);
- jiu-jitsu, em processo de esportivização, constantes mudanças de regras e espetacularização (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JIU-JITSU ESPORTIVO, 2008).
- capoeira: passa já há algum tempo por processo de esportivização, ainda discutindo uma “versão” ou uma regra para o jogo, pois algumas “facções” ainda são contra esse processo e discutem suas implicações (FALCÃO, 2008);

Outras práticas como o kendo (ou kenjutsu) e o aikido (ou aikijutsu) ainda não têm grande popularização, ou seja, ainda estão mais ligadas as suas raízes nos dojos, não passam por um momento social que “queira” a esportivização tão veementemente, ou que veja nela um progresso para a prática.

O que se deve entender para o processo pedagógico é que se tornar “Esporte” não é necessariamente um progresso, mas sim um caminho evolutivo “inevitável” que muitas das modalidades seguiram, têm seguido e provavelmente irão seguir. Mas o professor não pode em sua intervenção pedagógica pasteurizar todas as práticas como se fosse a mesma coisa, esquecendo sua riqueza cultural, esquecendo suas diferenças; neste caso, aqui se pôde um pouco do “quando” e do “onde” estão essas particularidades.

Outra dificuldade é com relação ao status, pois parece comum na sociedade que a palavra Esporte se torne um sinônimo de status social; se determinada prática é Esporte, ela é

⁵ Referência ao sentido que Norbert Elias dá ao termo evolução, para ele a sociedade evolui, mas nem sempre progride.

superior às demais práticas.. O que se percebe neste sentimento é que se deseja ser Esporte, pois esta palavra tem poder no contexto social da cultura corporal; como ressalta Bourdieu (1983), em certos contextos algumas palavras têm uma força diferente.

Para Bourdieu (1983), a arte é de difícil compreensão: a arte para todos não é viável, pois ela exige mecanismos de obtenção que não estão disponíveis para todos. Pensando-se a arte marcial enquanto arte por ser forma de expressão humana, por exigir mecanismos de difícil obtenção para serem feitos ou para serem entendidos (consumidos), pode-se entender parte desse processo de SIMPLIFICAÇÃO de cada arte marcial ou das artes marciais como um todo. O significado ancestral do judô em suas raízes bélicas do antigo jiu-jitsu japonês tinha significados diferentes do judô atual ligado ao esporte olímpico: a ‘arte da flexibilidade’ tinha seu significado ligado à morte e a sobrevivência, assim como a capoeira em sua gênese estava ligada à dissimulação para esconder o treinamento para fuga ou para a defesa (Muricy, 1998). Esses exemplos e as outras artes citadas estão em fases diferentes do processo de esportivização e espetacularização, afastando-se de suas raízes e se aproximando dos modelos de esporte de espetáculo.

Ao contrário da arte, o Esporte, nesta perspectiva, teria como linguagem universal, como um modelo único entendido por qualquer um (o ápice dessa universalização seriam as lutas de vale-tudo), eventos de espetáculo traçados segundo estratégias de marketing com o objetivo de proporcionar o entretenimento. Vendidos através de anátemas como “a coisa real”, a “disputa para ver qual é melhor luta” e “quem é o melhor lutador”, esse modelo único é refletido até nos nomes, MMA (Mix Martial Arts), artes marciais misturadas. O que se quer é que o lutador de qualquer arte entenda o que está se passando: mais ainda, o objetivo é que os não lutadores consumam esse espetáculo.

Percebemos assim como o quadro social mais geral influencia as práticas específicas. Proni (1998) coloca que o futebol é uma atividade institucionalizada que sofre pressões internas e externas, que sua evolução é resultado dos grupos que exercem controle do Esporte no país, do contexto cultural, político, econômico e pelo movimento hegemônico do futebol em alguns países da Europa.

Traçando um paralelo com o judô podemos entendê-lo também como uma prática institucionalizada, ou seja, não mais uma prática isolada, mas sim organizada através de ligas, federações, confederações, clubes, associações etc. Assim, ela sofre com as pressões

internas e externas de cada um desses âmbitos, muitas vezes organizados de forma hierárquica (federação, confederação, federação internacional). Pensando no movimento hegemônico do judô pode-se pensar no mínimo em duas grandes correntes, o judô japonês e o judô europeu: é preciso perceber que essas correntes hegemônicas não são apenas por regras, ou técnicas, mas sim por estilos de luta, por ideais, por uma forma de se praticar judô.

Retomando a idéia do quadro social, percebemos na obra de Calleja (1981) como o judô e o jiu-jitsu tinham suas lutas ligadas aos ringues nas lutas de desafio realizadas em cima dos ringues. Depois disso, o judô passa muitos anos longe desse tipo de disputa: hoje o quadro atual sugere que já há uma esportivização das lutas vale-tudo, começando a haver o retorno de judocas nestas lutas de ringue, principalmente no Japão.

Pedagogicamente, deve-se entender o valor educacional de cada uma dessas práticas, desde as mais esportivizadas até as mais tradicionais, para que se atenda a significados e formas diferentes. Algumas práticas ou aspectos das práticas serão conteúdo da Educação Física como atividade prática, enquanto outros poderão servir como alvo de discussões e reflexões; porém, é necessário que as práticas sociais relativas à Educação Física sejam conteúdos trabalhados, de maneira a evitar os preconceitos e uma educação descontextualizada.

Além dos conteúdos, os métodos também devem ser diversificados: ao se pensar nas inúmeras possibilidades que as lutas e as artes marciais trazem, pode-se aproveitar não só os conteúdos, mas também os métodos de ensino. Tradicionalmente, na Educação Física há uma presença marcante do significado esportivo e dos jogos e brincadeiras como meios. Cazetto et al. (2006) faz uma importante crítica ao jogo como meio, ressaltando a importância da diversidade de métodos na Educação Física e a importância do jogo como conteúdo.

Darido (2003) faz uma importante síntese das atuais abordagens mais relevantes para a Educação Física escolar no Brasil, mostrando a abrangência de teorias e de conteúdos. A autora mostra ainda que os professores de educação física têm um baixo acompanhamento dessa produção através de artigos, cursos ou congressos. A abrangência dos conteúdos somada à falta de atualização, entre outros fatores, causa uma dificuldade na atuação do profissional da área.

Porém, essas dificuldades não devem representar uma pasteurização da atuação docente. Apesar das dificuldades, deve-se procurar o conhecimento, devem-se procurar diferentes formas de lidar com os conteúdos, propiciando, assim, diferentes construções sociais. Adicionar

judô, jiu-jitsu, capoeira e outros conteúdos à Educação Física não deve representar apenas uma diferença quantitativa, mas também uma diferença qualitativa.

Especificamente pensando no basquetebol, Souza (1991) discute as transformações ocorridas na modalidade desde o jogo com cestas de pêssego até o espetáculo da NBA. Nesta perspectiva, ela demonstra a transformação do atleta em trabalhador assalariado. A organização das mudanças ocorridas no basquetebol é feita através da divisão por regras, gestos técnicos, tática, forma de treinamento e valores.

As questões pedagógicas ligadas aos conhecimentos e aos valores seriam dessa maneira afetadas pelo processo de espetacularização: o que se ensina, seja uma regra, seja uma técnica, seja uma conduta, é alterado conforme se modifica a modalidade. Modifica-se o valor pedagógico e a forma de trabalho necessária para se interagir educacionalmente com esses conteúdos.

Pensando no processo de profissionalização, poder-se-ia estabelecer outra linha do “tempo” possível, o caminho para o esporte profissional, o esporte de espetáculo. O processo de profissionalização e o “retorno” recente das lutas de vale-tudo criaram um novo espaço de divulgação para as lutas, sobretudo no que diz respeito à constituição de um esporte para se ver.

Neste sentido, a prática profissional, que antes estava mais restrita às lutas de ringue ou a práticas que não eram mundializadas (como o boxe tailandês, o boxe chinês, o kick-boxe e o sumo), se tornou, a partir do vale-tudo, um processo para lutadores de outras artes, assim como já acontecia no boxe: o lutador passa um período na luta amadora e depois acaba se encaminhando para a luta profissional.

Neste sentido de profissionalização, o jiu-jitsu foi uma das lutas pioneiras; junto com o wreerling (luta livre), o judô demorou um pouco mais a seguir esse caminho. Notadamente, um dos primeiros lutadores de judô japonês a disputar vale-tudo foi o ídolo olímpico Yoshida⁶; já no Brasil, essa prática ainda não é comum.

Já o boxe já tem uma característica diferente, ele foi muito absorvido enquanto prática, ou seja, os treinamentos e até treinadores do boxe foram muito utilizados no vale-tudo, porém poucos são os lutadores de boxe que foram para o vale-tudo, muito provavelmente pelos valores das bolsas e pela fase de organização profissional.

⁶ Referencia a Hidehiko Yoshida campeão Olímpico em 1992 em Barcelona e eliminado em Sydney pelo Brasileiro Carlos Eduardo Honorato em 2000.

Outras modalidades tiveram essa linha do tempo em momentos bem distintos das artes marciais, como defende Proni (1998) sobre o futebol dizendo que devemos insistir que as competições desenvolveram-se e difundiram-se predominantemente por meio de ligas ou associações amadoras. É importante observar que o amadorismo, nas primeiras décadas do século XX, estava longe de ser considerado pelos esportistas como um “anacronismo” – este termo só faria sentido muito tempo depois, com a entrada da Ex-União Soviética nos Jogos Olímpicos (1952) e a progressiva “profissionalização” de atletas olímpicos. Por outro lado, as competições profissionais de Futebol, boxe e de Beisebol, além do Turfe (pelo menos na Inglaterra e EUA) estavam consolidadas no cotidiano das grandes cidades. Mas o grande salto a frente dos esportes profissionais só viria a partir dos anos vinte e principalmente depois da difusão do rádio nos anos 30. Pois foram os meios de comunicação que davam o apoio fundamental ao profissionalismo e ao desenvolvimento de uma cultura esportiva de massa. (PRONI, 1998).

Interessante ver a estrita ligação entre o esporte profissional e os meios de comunicação, o que mais tarde vai se tornar no caso das lutas de espetáculo. Cabe ainda ressaltar a diferença entre o profissionalismo Olímpico, muito ligado ao fair play, e o profissionalismo ligado ao esporte espetáculo.

Na luta podemos notar as modalidades olímpicas com regras, equipamentos e valores mais voltados para a integridade física dos atletas (pelo menos visualmente) e as lutas de espetáculo com o boxe profissional ou os eventos de vale-tudo nos quais se realiza normalmente apenas uma luta por evento e se tem menor presença de regras e equipamentos de proteção, exigindo um maior intervalo de preparação entre um combate e outro, notadamente um modelo para se ver e não para se fazer. São também práticas, muitas vezes, marginalizadas e discriminadas até mesmo no mundo acadêmico e pelas lutas e artes marciais de prática.

Como o exemplo dos combates de vale-tudo e a televisão a cabo, talvez tenha sido preciso a presença da televisão a cabo para difundir a modalidade, uma vez que na televisão aberta o preconceito muito provavelmente seria muito maior, o que já é menos possível quando isolado apenas no público que gosta.

Podemos perceber que existem dois grandes modelos que influenciam as práticas sociais do nosso foco de estudo. Proni (1998) ressalta sobre o MODELO internacional com relação ao MODELO nacional, sobretudo o europeu. Este modelo depende de como se organizam clube, torneios e federações. Para entender esses modelos é necessário entender

“quem” organiza que campeonato, ou qualquer outro tipo de evento, qual a função, qual o poder de cada instituição.

Para a nossa discussão é necessário lembrar e questionar: quem é responsável pelo campeonato dos mais jovens? Talvez a carência da competição de judô em outros âmbitos seja um dos motivos de não termos um maior aproveitamento do potencial pedagógico. Essa discussão dos modelos será crucial para o entendimento do contexto social do judô na infância.

Marchi Junior discute sobre os diferentes processos de formação das modalidades:

“quando relatamos que a criação do Voleibol o distinguia de outros Jogos, que posteriormente foram desportivizados na Europa, estávamos reafirmando a tese do esporte que foi inventado e que, diante do seu processo de expansão ou exportação, refletia na composição de seu campo esportivo, em diferenciados países, a estruturação das relações estabelecidas pela sociedade norte-americana, mais especificamente nas interconexões e disposições construídas pelos clubes de elite.” (Marchi Junior, 2001, p.111).

O que é importante frisar é que as práticas sociais são muito mais complexas do que o processo de espetacularização, como pudemos ver o processo de “olimpificação” pode até ser diferente do processo de profissionalização e espetacularização⁷. Como o autor relata existem outros fatores, no caso a origem. Para a nossa temática cabe notar e discutir que essas duas linhas cronológicas que podemos traçar rumo a olimpificação e rumo à profissionalização, podem ter certo caminhar paralelo, mas também podem ter certo momento de ruptura, ou seja, o esporte profissional se encontra em moldes diferentes dos moldes olímpicos, os quais estariam mais próximos de um esporte para se fazer, porém talvez ainda distantes de práticas com o objetivo educacional voltadas para crianças.

Proni (1998) lembra que outro esporte moderno que se desenvolveu a partir das particularidades sócio-culturais inglesas foi o pugilismo. O boxe, com a forma que os ingleses passaram a praticá-lo (com uma etiqueta civilizada, regras escritas, luvas, rounds, árbitros, sistema de pontos) tinha apenas uma pequena ligação com os combates de épocas anteriores.

⁷ Estou usando os três termos separados, “Olimpificação” no sentido da prática se tornar modalidade Olímpica, Profissionalização no sentido de se tornar meio de subsistência, uma profissão, Espetacularização no sentido de se tornar entretenimento, um espetáculo.

O autor cita algumas particularidades sócio-culturais, colocando que o esporte foi concebido pelos Ingleses com uma escola de coragem e de virilidade, capaz de ajudar a modelar o caráter e estimular a vontade de vencer conforme as regras instituídas, que adota uma atitude exemplar: o fair play, o jogo justo, competição na qual há um equilíbrio entre o envolvimento e o distanciamento, ou seja, o comportamento “cavalheiresco” inteiramente oposto à busca vulgar da vitória a qualquer preço (PRONI, 1998).

Neste ponto Marchi Junior (2001) é vital ao afirmar que a quantificação e massificação (o segundo ligado ao consumo) são processos diferentes, uma análise sincrética levaria a acreditar que a simples espetacularização de uma prática levaria ela a ter mais praticantes, sem entender se ela é uma modalidade de consumo ou uma modalidade de prática.

O boxe profissional, por exemplo, é consumido intensamente, porém muito provavelmente jamais uma grande parcela da população vai praticá-lo de maneira profissional, ou seja, com 12 rounds, sem proteção, para isso se estabelece um segundo modelo, o boxe olímpico, com menos rounds, com pontuação diferente e com proteções, mas ainda não possível para grande parcela da população, por ultimo temos um terceiro modelo, o boxe como prática nas academias de ginástica, onde pouco ou quase nada é feito realmente para a luta, mas sim os golpes acabam sendo utilizado como uma aula de preparação física como movimentos de lutas, isso mostra que se por um lado o espetáculo pode atrair à atenção do público a demanda pelo “esporte para se fazer” é diferente da demanda do “esporte para se ver”, para ser possível a prática do boxe nas academias ele teve que tomar outra configuração, plausível com a demanda social ali vigente.

Sobre a espetacularização Marchi Junior aponta que:

“O sentido da massificação não é mais exclusivamente a prática esportiva. Os esportes estão sendo direcionados para criação de espectadores apaixonados, fanáticos, em suma, consumidores em potencial dos símbolos, signos sociais que determinadas modalidades são capazes de oferecer.” (MARCHI JUNIOR, 2001, p.15).

Para entender cada uma das modalidades atuais, temos que entender um pouco de suas sociogêneses. O trabalho do autor tem como objetivo:

- as condições históricas e sociais na constituição da oferta da modalidade;
- os princípios que levaram os autores que criaram os símbolos do Vôlei;

- a lógica dotada no processo de desenvolvimento, mercantilização e espetacularização do Esporte;

Embora o autor não cite Jean Marie Brohm é muito fácil fazer uma conexão com o processo de institucionalização descrito pelo autor ao falar do esporte institucionalizado e por Marchi Junior (2001) ao citar as metas traçadas pela Federação Internacional de Vôlei (FIVB) em 1984:

- Servir e satisfazer as necessidades das federações nacionais;
- Obter uma participação efetiva e eficiente das Federações Nacionais;
- Estabelecer, de maneira clara e prática as condições financeiras, organizacionais e técnicas para competições da FIVB;
- **UNIFICAR** anualmente um planejamento de competições, dando para as competições interesses financeiros ou promocionais;
- Promoção do vôlei como esporte show;

Neste sentido percebemos claramente a importância do processo de institucionalização descrito por Jean Marie Brohm para o processo de “esportivização” e “olimpificação”. A história do judô colaborou muito para sua difusão, uma vez que sua “criação” foi muito mais uma junção do que uma diferenciação em estilos, outro traço importante é que este processo estava ligado ao Estado japonês e ao seu processo educacional.

Outras “modalidades” como o Caratê ainda não são olímpicas, e se encontram “divididas” em diversos estilos, dificultando a UNIFICAÇÃO que foi meta para o Vôlei. O taekwon-do tinha dois grandes “estilos” o WTF e o ITF os quais tiveram que ser “conciliados” para que a modalidade pudesse se tornar Olímpica. O kung-fu teve uma vantagem de nomenclatura, uma vez que a palavra se referia às diversas práticas, desde luta (Sanshou) até as apresentações (Kati), ou seja, já tinha um traço de unificação, facilitando a institucionalização. Ainda sobre o judô podemos citar Calleja (1981) ao colocar que o sentido da evolução das regras do judô foi para modificar a imagem do atleta de judô e para eliminar a subjetividade na arbitragem.

Marchi Junior (2001) continua enumerando que as metas eram “escolarizar a prática”, “massificar”, espetacularizar o esporte. Percebemos novamente que são processos socialmente diferentes, apesar de conectados. Ou seja, ter um grande número de praticantes não significa ter o espetáculo, ter o espetáculo não significa ter um grande número de praticantes, apesar de um processo poder “ajudar” o outro.

É importante ressaltar o valor dado a se estar dentro da Escola, ou seja, existe aí uma posição de status, de posição acadêmica, de ser conteúdo oficial. Existe neste espaço incentivos do governo, investimento na formação de professores, cadeiras acadêmicas e, além disso, “todas” as crianças passam pela escola, portanto, vivenciam as práticas que conquistarem aí seu espaço. Essas crianças se tornam em pouco tempo adultos que consumirão a prática espetacularizada.

O processo de espetacularização também passa pelas mudanças de regras, como fala o autor: a FIVB tinha a vontade de equilibrar o ataque e a defesa, por que a defesa acontecia menos percentualmente e era mais interessante para o espetáculo. (MARCHI JUNIOR, 2001). Mais a frente o autor cita também a limitação dos tempos das partidas. Já no judô podemos acompanhar em Calleja (1981) o processo de limitação de tempos de disputa desde lutas longas de desafio que iam até o knockout ou a finalização até as disputas no modelo olímpico de cinco minutos, recentemente ainda foi lançado o tempo extra do golden-score para evitar os empates, assim os combates passariam a ter uma limitação de cinco minutos e possivelmente um segundo tempo de empate, em 2008 esse tempo será reduzido, como teste, para três minutos (INTERNACIONAL JUDO FEDERATION, 2008).

Calleja (1981) afirma que as modificações de 1974 garantiram a inclusão efetiva do judô como modalidade olímpica. Para ele as alterações tornaram o combate rápido e justo, afirmando que o segredo para uma boa arbitragem reside na UNIFORMIDADE de conduta por parte dos árbitros e que nunca é demais lembrar que é através de uma conduta justa e uniforme que se conquista a confiança e o respeito dos semelhantes.

No que diz respeito à profissionalização dos dirigentes Marchi Junior (2001) aponta que na transição do Vôlei de amador para profissional, quando empresas começaram a investir na modalidade, a princípio se acreditava que eram pessoas que gostavam da modalidade que investiam, depois isso se tornou um negócio a ser explorado. Ele ressalta que o Vôlei tinha algumas características interessantes para o mercado:

- Popularidade (público consumidor);
- Adaptabilidade à transmissão televisiva;
- Bom desempenho do Brasil em competições internacionais;
- Estrutura bem organizada;

Seria difícil, neste momento, conseguir identificar no judô essas mesmas “viradas” descritas no Vôlei, mas o modelo sem dúvida fornece algumas pistas das características que podem levar uma modalidade ao processo de profissionalização. Ou seja, muito provavelmente o judô não passou de um modelo para o outro, mas talvez se encontre em um “meio termo”, o que muda suas características sociais.

Essas características sociais diferentes fazem com que os acontecimentos tenham repercussões diferentes. Marchi Junior (2001) relata certa perda de polaridade do Vôlei ao não conquistar a medalha olímpica. O que me remete a pensar em certos fatores que levam as pessoas a escolha de determinadas modalidades ou mesmo para o esporte em geral prestígio, ascensão social, etc. Mais a frente o autor fala ainda de certa falta de maturidade profissional para enfrentar a situação, dependendo do capital econômico e não se apropriando do capital cultural, termo utilizado por Bourdieu.

Pensando neste capital cultural podemos apontar certas características culturais e sociais que mantêm o judô como é e o diferenciam de outras “modalidades”. Uma importante característica social do judô é que ele tem certa autonomia com relação ao “mercado”, ou seja, não depende muito de patrocinadores, o grande número de praticantes da modalidade propicia que se realizem campeonatos a um custo baixo.

Essa característica só é possível porque o judô é eminentemente amador. O autor descreve algumas dificuldades do Vôlei com relação à profissionalização, tais como o aumento dos salários, os custos de viagem no campeonato nacional, assim como o esvaziamento nos jogos de menor prestígio. Cabe a hipótese de que o MODELO competitivo do Futebol se torna insustentável para outras modalidades, a legislação esportiva, muitas vezes apenas pensada nas condições do futebol não propicia outras práticas.

Comparando com o Campeonato Nacional de judô que segue um MODELO amador, disputado em um (1) único dia (ou poucos dias) e o nacional de Basquetebol ou Vôlei disputado em vários dias e vários locais temos uma diferença de custos muito grande. A situação se agrava se esse MODELO profissional do Futebol se transfere para as equipes mais jovens, ou seja, se temos um MODELO DE COMPETIÇÃO inadequado do ponto de vista financeiro aplicado às categorias infantis, a influência do esporte espetáculo no esporte da/na influência neste caso por ser negativa, elitizando e esvaziando a prática nas categorias menores.

Neste caso o judô tem do ponto de vista financeiro um modelo competitivo mais interessante, os campeonatos realizados em um único dia tornam o custo e a operacionalidade amadora possível, garantindo o acesso ao esporte com um baixo custo, atualmente uma criança gastaria para competir 35 reais de anuidade e 15 reais de inscrição (FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ, 2008) nos campeonatos, isso só é possível devido a ESTRUTURA, o hábitos desse CAMPO em que se têm campeonatos com um grande número de participantes, rompendo completamente com a lógica do esporte espetáculo, temos então o **esporte para se fazer**. É claro que cabe ainda discutir os diversos aspectos, por exemplo, do ponto de vista pedagógico, essa competição é coerente ou não? Mas já podemos pensar aqui em ações não conscientes que levam à habitus “inadequados” para a competição dos mais jovens, trazer a luz essas práticas para poder modificar a situação social.

Seguindo o raciocínio dos modelos podemos pensar na relação do modelo de esporte espetáculo e o modelo de esporte prática, Marchi Junior afirma:

A consolidação desse processo de mercantilização conduz a estratégia de espetacularização do esporte. Um raciocínio simplista poderia resumir dizendo que, para vender ou mercantilizar um produto, o melhor caminho é expô-lo ao consumidor de forma espetacular. Contudo, os procedimentos e os objetivos da espetacularização de uma prática esportiva são distintos do processo de popularização dessa mesma prática. Espetacularizando um produto, as ações são direcionadas para um potencial público consumidor, ao passo que popularizando, invariavelmente, o sentido seria a massificação da prática (Marchi Junior, 2001, p. 182).

A afirmação do autor faz um importante rompimento da lógica de que esporte profissional resulta em mais prática, a gênese dos habitus em cada campo passa por uma lógica muito mais complexa.

Pensando no Campo das Lutas e Arte Marciais, inspirados pelo exemplo de Bourdieu (1983) com relação ao Futebol Americano, temos um exército de especialistas em vale-tudo que nunca calçarão uma luva nem muito menos subiram num ringue. Com a lógica inversa temos um exército de praticantes mirins de judô que talvez nunca tenha assistido uma luta profissional, ou que os pais nunca tenham assistido uma luta profissional. Existem outros fatores sociais que podem gerar o habitus de determinada prática social, sem querer esgotá-los, mas citando alguns fatores relevantes:

- Formação de professores;

- “Imagem” social sobre a prática pelos praticantes;
- “Imagem” social sobre a prática dos não praticantes;
- Símbolos e significados culturalmente constituídos no país;
- Resultados internacionais;
- Legislação;
- Condições para a prática;
- Demanda social atendida por determinada prática;

Para ser praticada determinada modalidade precisa ter professores “capacitados”, seja nas questões técnicas e objetivas, seja nas questões de crença do professor e das pessoas em considerá-lo professor. Talvez em determinadas práticas um profundo conhecedor possa não ter status de professor, porém nas artes marciais o faixa preta parece ter ligação simbolicamente estabelecida com o status de mestre. Como já previa (GONÇALVES JUNIOR; DRIGO, 2001), pode-se notar intensas disputas entre a Regulamentação da profissão de Educação Física e as liminares concedidas aos técnicos da área a forças estabelecidas nas relações de PODER, ou seja, o quanto se quer ter domínio sobre a prerrogativa de formar professores dentro de cada campo.

O judô parece ter uma imagem social de organização e disciplina, muito ligada à imagem de sucesso que se tem no Brasil sobre o Japonês ou sobre o oriental em geral. Praticar judô parece te elevar a um status de “semi-japonês”, portanto disciplinado, inteligente, capaz, símbolos ligados à imagem tecnológica que o Japão tem no resto do mundo. Essa simbologia parece ser partilhada não só pelos praticantes, mas muitas vezes pelos não praticantes. Poderíamos simular um diálogo entre duas mães: - Você colocou seu filho no judô, que bom vai dar bastante disciplina para ele. Embora seja tênue é exatamente esse fator tácito que pode levar à massificação da prática, e por ser não consciente pode se tornar permanente, se tornar uma estrutura estruturante.

A construção simbólica dos significados de cada população influenciará não só quais práticas, mas também o COMO de cada prática. A maneira como é ensinado o judô no Brasil muito provavelmente é muito diferente da maneira que é ensinado o judô na Alemanha, EUA ou Rússia. O judô Brasileiro tem ainda uma particularidade, estamos completando o centenário da migração Japonesa (FOLHA DE SÃO PAULO, 2008).

Principalmente em São Paulo se manteve muito da Cultura nipônica nas comunidades Nipo-Brasileiras. Muito daquele “Japão” de 100 anos atrás, que já não existe mais no Japão, ainda tem alguns traços na colônia. Muitos dos costumes e das linguagens que talvez já possam não ser mais comuns no Japão ainda existem aqui no Brasil, temos assim muitos traços do judô tipicamente japonês no Brasil, e temos poucos traços do judô europeu.

Muito da imagem de sucesso atribuído ao atleta, ao mito olímpico, influencia a prática das diversas modalidades, podemos também pensar na questão profissional, no Brasil a opção de se tornar atleta profissional é diferente de outros países devidos às respectivas condições sociais de cada um, em outros países a profissão está em um estado mais avançado de amadurecimento, seja com relação à estabilidade das modalidades, aos direitos dos atletas, aos métodos de ascensão no Esporte e à remuneração.

Quanto à legislação temos as leis que incentivam e as leis que regem as relações profissionais e amadoras no Esporte. Esses fatores incidem na quantidade de dinheiro disponível, na situação trabalhista do atleta e na formação de clubes e associações. Mais recentemente temos também a presença do esporte nas ONGs.

Enquanto fator social uma, ou um conjunto de legislações, pode influenciar positiva ou negativamente uma prática social. Pode ainda pensar que mesmo a inexistência de determinada legislação sobre determinado conjunto de práticas pode influenciar na formação de um campo social.

A espetacularização, a audiência e o tão desejado espaço na televisão também são fatores que influenciam a mercantilização e a massificação, porém, isso pode correr na contramão, o processo de modificação de uma modalidade no sentido de torná-la mais prática para ser vista, pode torná-la também IMPRATICÁVEL, principalmente para os mais Jovens a regra dos adultos pode ser incoerente para as crianças.

Calleja (1981) afirma que os atos proibidos e as penalidades não foram idealizados para punir ou prejudicar os competidores, mas sim para que as lutas se desenvolvessem de acordo com critérios justos, iguais, tornando os combates mais DINÂMICOS. Pensando em nosso contexto poderíamos nos questionar: o que é justo para o atleta olímpico é o mesmo que é justo para uma criança de seis anos? O que é justo para uma criança de seis anos é o mesmo que é justo para uma adolescente? Aquilo que é justo para o iniciante é o mesmo que é justo para alguém que já pratica a modalidade há anos?

Exemplificando sobre a questão da dinâmica do combate poderíamos nos perguntar o fato de uma criança de sete anos não fazer ataques deve ser punido da mesma maneira que um atleta olímpico? A execução de um ato proibido deve ser penalizada da mesma maneira para um iniciante e para um especialista na modalidade? Será que a luta do iniciante tem que ser dinâmica? Ela é para quem? Para quem está fazendo ou para quem está assistindo. O esporte de espetáculo e o esporte da infância poderiam ser iguais?

Nesta perspectiva podemos discutir algumas diferenças de regras e práticas que ocorreram no judô, no jiu-jitsu e na Ginástica Olímpica⁸, agora Artística. Atualmente temos no jiu-jitsu muitas diferenças entre as regras na lutas de Faixas Pretas e dos Faixas Brancas, desde técnicas válidas até o tempo de Luta.

No judô existem campeonatos com divisão de Faixas, mas em um número bem menor, o grau de especialização da modalidade foi se tornando tão grande que cada vez fica mais difícil alguém que não tenha começado cedo consiga obter o mesmo rendimento na modalidade daqueles que começaram em idades mais jovens, da mesma maneira a Ginástica e o judô⁹ eram métodos de Educação Física para a população, eram métodos que aplicados aos jovens e adultos e não a crianças com três ou quatro anos. No entanto hoje é muito difícil imaginar um adulto começando a fazer ginástica artística com 20 anos, por exemplo.

Em uma escala menor o judô também passa por essa especialização, ou seja, a grande influência da olimpíada faz com que o objetivo não seja mais o desenvolvimento, mas sim a formação do atleta olímpico, que pelo grau de especialização e de concorrência mundial tem que se cercar de todos os fatores para se diferenciar, desde genética, até o fato de começar mais cedo que os outros para tentar assim ter mais experiência.

Essa idéia é muito perigosa e pode levar a incoerências no trabalho educacional. É claro que este não é o único fator que influencia quais são os personagens que praticam a modalidade, mas com certeza é um dos fatores. Outro deles é a recente inserção das Lutas e artes marciais na Educação Física escolar, esse espaço pedagógico pode trazer uma nova perspectiva

⁸ Para maiores informações sobre as origens da Ginástica procurar sobre Friedrich Jahn (TOTAY IN HISTORY, 2008).

⁹ O judô foi inserido nos cursos de Educação Física escolares no Japão no Ginásio e no Colegial (atualmente no Brasil seria o equivalente ao Ensino Médio e segundo ciclo do Ensino Fundamental). (JORNAL NIPPO-BRASILEIRO, 2008).

para esse campo, uma vez que a possibilidade de lidar com esses conhecimentos na Escola, pode propiciar que mais pessoas possam ingressar mais tarde nas diversas artes marciais, ou seja, propiciar o ACESSO, o DIREITO, a prática, a Escola é um espaço para que se propicie a ESCOLHA. É claro que para isso ainda a muito para se caminhar com respeito da qualidade (conhecimentos e métodos dos professores) e a quantidade (número de aulas dentro e fora da grade curricular).

As condições para a prática também podem proporcionar ou não o habitus de determinadas modalidades, provavelmente modalidades de neve ou gelo terão poucas chances de se difundirem no Brasil. Quais são as condições necessárias para se praticar o judô? O que é preciso para competir na modalidade? O que um professor ou escola precisa para implantar um projeto?

Bourdieu (1983) coloca sobre a demanda social, o consumo de determinada prática, no sentido econômico ou simbólico, lembra ainda que já existe uma demanda antes mesmo que haja um produto. Pode-se destacar dois exemplos chave para este trabalho, um o esporte para se ver e outro o esporte para se fazer. O primeiro são as lutas de vale-tudo, o sucesso e a explosão de seu consumo desde a década de 90 como os eventos como K1, Pride e UFC atestam que já existia uma “vontade” para consumir essas práticas antes delas existirem, a demanda cultural pelos espetáculos de sangue, pela demonstração de virilidade, pela guerra “real” já estava presente em diversos lugares do mundo mesmo antes que esses espetáculos existissem.

No outro ponto, a prática, temos a competição e as práticas físicas nas crianças, muito se discute sobre especialização precoce ou sobre a competição infantil, mas sem entender a demanda social por esse tipo de prática, imaginando que extinguir a competição nessa faixa etária em determinada modalidade cessará a demanda social pelas mesmas, o que quero dizer é que pais e filhos já tem essa “ânsia” por um determinado “espectro” de modalidade que se materializa uma prática existente, já se deseja, por exemplo, uma prática com competição, colocação e medalhas antes mesmo de se saber existente o judô, se pudéssemos extinguir o judô amanhã essa “vontade” continuaria a existir, ficaria “guardada” até que outra prática tivesse suas características para tomar seu lugar. É neste sentido que cabe discutir o COMO da competição, o professor em sua intervenção profissional precisa aprender a lidar com essa demanda, tomar “posse” desse fenômeno social da competição para torná-lo educacional.

Em sua conclusão Marchi Junior (2001) fala dos ciclos, o que ele chamou de viradas, a primeira seria do amadorismo para o profissionalismo (mas ainda com dirigentes amadores), a segunda seria o profissionalismos de atletas e dirigentes, neste caso entram os patrocinadores, a terceira, que ainda não aconteceu, seria uma possível virada com os novos meios de comunicação, Internet e televisão digital. Neste caso podemos citar os canais dedicados as lutas profissionais na televisão por assinatura, os eventos vendidos por pay-per-view, e os sites dedicados às lutas, principalmente os sites de vídeos forneceram um novo espaço como espectador, como consumidor das práticas relacionadas às lutas e artes marciais.

O que é necessário entender é que a situação social influencia o esporte em suas formas e significados, é o que mostra Marchi Junior na questão das viradas do Vôlei. Da mesma maneira Proni (1998) trás mais duas importantes questões sociais, uma de cunho interno e outra as influências externas. Sobre as internas ele afirma que com o enxugamento das funções do estado no governo Collor o futebol passou por um processo de profissionalização total, antes os jogadores eram profissionais e a administração amadora, sem o fomento do governo isso não foi mais possível. Sobre as externas ele diz que na primeira metade do século XX a Europa estava dentro do Brasil pelo padrão de civilidade e pela migração, na segunda metade os EUA estão dentro do Brasil.

O que percebemos é que a situação social do país influencia as questões envolvidas no ensino dos conteúdos da EF. Pensando no âmbito escolar Souza (1991) colabora para esse pensamento ao concluir que o esporte escolar reproduz o esporte espetáculo, o que corrobora e ajuda a entender nosso fenômeno (A influência do Esporte Espectáculo no modelo de competição dos mais jovens). Importante ressaltar que a autora acredita que as mudanças não são apenas objetivas, mas também subjetivas, na conduta e nos valores morais.

Após entender a abordagem sociológica e suas ligações com o esporte, com as artes marciais e com o judô podemos chegar ao segundo capítulo em que tentaremos entender a sociedade de massa e a televisão.

2.2 Televisão, Sociedade e Esporte

Três autores são essenciais neste trabalho para entender para entender as relações entre a sociedade, a televisão e a cultura de massa. O primeiro é Bourdieu, sociólogo francês utilizado no capítulo anterior, o segundo é Marcelo Proni, economista com Doutorado em Educação Física sobre o Futebol, a terceira é Ana Márcia de Souza, que é Doutora em Educação Física com foco no Basquetebol.

Souza (1991) se refere ao fenômeno da mercadorização do movimento humano usando a crítica à economia política de Marx para analisar o caso do Basquetebol e entender o esporte na sociedade capitalista. No decorrer de seu referencial teórico a autora sintetiza as idéias de Marx explicando o funcionamento e a lógica de uma sociedade que tem seu funcionamento baseado na economia capitalista. A explicação passa pelo funcionamento matemático por assim dizer dos papéis dos detentores do capital e dos detentores da mão-de-obra e como cada um deles obtém lucro. A autora desenvolve ainda o conceito de trabalho e do trabalhador assalariado.

Marcelo Proni discute as transformações ocorridas no futebol, transformações que podemos traçar um claro paralelo para as transformações que vem ocorrendo no judô. Para ele a adoção de métodos empresariais para a gestão do futebol profissional faz parte de um movimento mais geral de transformação do mundo esportivo contemporâneo, que por sua vez é produto da difusão da indústria do entretenimento e da globalização (Proni, 1998). Interessante notar que o autor discute não só sua modalidade específica, neste caso o Futebol, mas sim o Esporte e modificações sociais e alteram toda uma lógica no conjunto das práticas sociais.

Pensar a televisão não significa pensá-la como o único fator social envolvido na prática, é claro que existem outros fatores, inclusive fatores que não são foco da sociologia, porém o que cabe aqui é ressaltar a importância e as transformações que tem ocorrido em torno da Televisão.

Pierre Bourdieu (1997) em sua obra *Sobre a Televisão* discute que seu trabalho consiste em começar a se interrogar politicamente, sociologicamente sobre as IMAGENS e SONS e sobre suas relações. Devemos entender as relações entre Televisão e Política, a busca pela audiência: quantos assistem e quem assiste. O trabalho do autor não é uma crítica à televisão

como um mecanismo de controle, mas sim uma descrição sociológica do controle exercido sobre a televisão.

O Autor descreve o estúdio e de seus bastidores, fala sobre as condições desse campo, do limite de tempo, da necessidade de compreensão do público, do assunto imposto e não modificável, sempre em nome da moral, essas são as condições da televisão, é sua estrutura social. Ele aponta o resultado disso:

“[...] a televisão exerce uma forma particularmente permiciosa de violência simbólica. A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou sofrê-la” (BOURDIEU, 1997, p.22)

A televisão talvez seja um dos principais reguladores das práticas sociais que são conteúdos da Educação Física Escolar, dentre eles as artes marciais e o judô. Como vimos o Esporte não nasceu assim como é hoje, suas raízes remontam os jogos populares, estes foram se institucionalizando através de escolas, associações, federações. Os modelos uniformes foram se mundializando permitindo uma padronização a cada período em áreas maiores. O processo seguinte, e concomitante, é a espetacularização o Esporte “evolui” não só para ser praticado, mas também para ser assistido, cada vez por um número maior de pessoas.

Souza (1991) discute neste contexto de consumo sob ótica marxista algumas características especiais do “produto” Esporte, desenvolvendo a idéia da autora podemos citar:

- Característica não-material. O Esporte não é um produto palpável, ele não é estocável, não é um objeto.

- Consumido ao mesmo tempo em que é “fabricado”. Antes do advento do vídeo-tape e demais mídias era necessário estar presente no processo de “fabricação” para poder consumir Esporte, o que levava massas cada vez maiores aos estádios.

- Especialização da mão-de-obra. Assim como em outros ramos essa “evolução” foi modificando personagens que atuavam em seu cenário. Antes o técnico era preparador físico, tático, massagista, estatístico, etc. Depois foram se criando cada vez mais profissões especializadas para um objetivo, desde os jogadores até o auxiliar de imprensa. Dentro de campo isso também acontece, o processo foi levando cada vez mais as pessoas a se

especializarem em determinadas funções, um exemplo claro são as modalidades dos EUA em que muitas vezes o jogador passa segundos em campo.

- Adequação à Mídia. Principalmente pela sua característica não material e pela necessidade de ser consumido ao mesmo tempo em que é fabricado a participação da mídia trouxe um novo universo de possibilidades ao Esporte, permitiu que ele fosse gravado e consumido após o ser acontecimento, permitiu que pessoas do mundo inteiro pudessem ter acesso a um espetáculo que acontece em algum lugar remoto.

A autora nos mostra como todas essas características do Esporte, o que podemos estender para outras práticas, como o judô, fizeram com que ele tivesse um perfeito “casamento” com a televisão, assim podemos também desenvolver algumas idéias da autora sobre as necessidades dessa mídia de massa que se mesclou e “re-formatou” o Esporte:

- Velocidade. Muitas vezes, um canal tem dois, três ou até quatro edições num mesmo dia, o que acontece tem que ser rapidamente repassado à população, mesmo o jornal escrito precisa estar pronto todos os dias, na internet as notícias já são veiculadas em tempo real.

- Escassez de informação. Imagine quantas guerras, conflitos, doenças, etc. acontecem em lugares remotos, com línguas diferentes, qual o número e a qualidade das informações que o jornalista consegue se capaz de obter?

- Grande demanda. Quantos lares, e hoje até quantas televisões por lares estão espalhadas pelo mundo?

- Generalidade – Atender a muitos públicos. Ricos, pobres, religiosos, ateus, jovens, velhos, Analfabetos, Intelectuais, todos assistem televisão.

- Conseqüentemente – SUPERFICIALIDADE. A conseqüência de tudo isso é a superficialidade, ou seja, eu tenho uma estrutura que me obriga a produzir a informação muito rapidamente, muita informação, para muitas pessoas com características diferentes.

Proni (1998) corrobora para essas idéias ressaltando a questão da transmissão via satélite para o aumento de público. Este aumento e as demais mudanças econômicas refletem em conseqüências sociais, ele cita o caso das torcidas, o que nos remete às mudanças de significados que foram impulsionadas por essas mudanças.

Para entender o judô deveríamos entender o momento atual que constitui essas particularidades sócio-culturais, Proni (1998) nos ajuda a entendê-lo na medida em que descreve algumas modificações sociais que ocorreram dando origem à sociedade de massa.

Ao discutir o Esporte na sociedade de massa o autor fala do surgimento de uma nova classe média, a classe média assalariada, discute que com a diminuição da Jornada de trabalho após a segunda guerra mundial aumentou o tempo de ócio urbano. Tem-se assim uma grande demanda por produtos culturais, como por exemplo, o cinema. (PRONI, 1998).

Sem dúvida a mercantilização e a espetacularização do Esporte – processos que foram iniciados na sociedade burguesa – foram elevados à máxima potência na sociedade de massa. A ação de mídias especializadas por um mercado publicitário em expansão certamente contribuíram para revolucionar o universo do Esporte contemporâneo, particularmente em virtude da relação que se estabeleceu entre o esporte espetáculo, a televisão e o marketing esportivo. (PRONI, 1998).

Proni (1998) trás uma definição interessante afirmando que o esporte espetáculo é para ser visto e não necessariamente de um melhor rendimento. O que se evidencia ao pensar-se nas diversas modalidades alternativa de Futebol que passam na televisão, ou nos desafios de vôlei Atlanta X Barcelona¹⁰. Neste caso as lutas de vale-tudo se encaixam perfeitamente, diferente dos Jogos olímpicos em que normalmente há uma seleção até se chegar aos mesmos, no vale-tudo é escolhido pelo espetáculo.

Um atleta pode perder, mas voltar a ser contratado devido ao espetáculo, uma luta tem que ser bem “casada”, ou seja, render espetáculo. Muitas vezes temos dois bons lutadores, mas que não resultam em uma boa luta, outro fator é o histórico do atleta, ou seja, o que ele carrega simbolicamente, de que país é, quantas lutas já fez, há quanto tempo está invicto, há quantas lutas está perdendo, quantos anos tem, de quem ele gosta ou deixa de gostar. O espetáculo é feito em torno da personalidade ressaltando-se banalidades que podem ser entendidas por qualquer um, assim como se discute nos programas de futebol se Ronaldo fenômeno¹¹ está ou não está gordo, nos programas que precedem os eventos de vale-tudo se discute quem não gosta de quem, o que esse lutador fazia, o que vai acontecer se ele perder, se ele gosta de cachorro ou de gato, ou seja banalidades que podem ser entendidas e discutidas por

¹⁰ Referência a um jogo realizado entre as seleções de Vôlei que disputaram as Olimpíadas de Atlanta e de Barcelona no ano de 2007, anos depois de suas participações.

¹¹ Referência ao jogador de futebol Ronaldo Luiz Nazario de Lima, o maior artilheiro da história das Copas do Mundo com quinze gols.

qualquer um, dessa maneira cria-se idéias prontas que serão reproduzidas, vendidas para o grande público.

O esporte espetáculo não é necessariamente constituído pela seleção dos melhores, mas sim pelo significado, por uma simbologia, por algo que se quer ver, pelo “jogo” de personalidades. É esse sentido do consumo e da estruturação particular que queremos enfatizar ao mostrar as particularidades do esporte espetáculo, mostrando que embora certos olhares possam enxergar certa similaridade no fenômeno esporte, outros olhares podem mostrar justamente suas diferenças, suas particularidades. No nosso caso as particularidades do esporte na infância com um fim educacional.

Outra particularidade do consumo destacada por Proni (1998) é o Surfe e o consumo de roupas e de valores: ser jovem, ser espontâneo e estar de férias. Fazendo um paralelo para o judô podemos entender esse consumo de valores, quando se coloca um quimono em uma criança não estamos apenas consumindo uma roupa, mas sim consumindo todo um conjunto de valores relacionados ao uso dessa roupa. Especificamente no vale-tudo e adentrando um pouco para o jiu-jitsu devido à ligação dessas modalidades podemos perceber uma grande modificação do mercado tradicional, ou seja, quimonos coloridos, patches, roupas para submission, equipamentos de treinos, suplementos nutricionais, todos eles ligados ao vale-tudo e ao que ele representa, da mesma maneira que o surfe pode simbolizar ser jovem o vale-tudo pode significar ser forte, ser confiante.

É notório como esse consumo e esses significados, no sentido de práticas, valores e até heróis são dessa certa maneira globalizados:

[...] as tendências econômicas, sociais e culturais mais gerais afetam direta ou indiretamente o mundo esportivo. Alguns estudiosos têm falado de “esporte globalizado” ou cultura esportiva mundializada. (PRONI, 1999, p.99).

Neste sentido, um dos temas que tem instigado diversos autores nos últimos anos é a distinção entre a “americanização” e a globalização como processos dominantes na dinâmica cultural contemporânea. (PRONI, 1999).

No consumo ligado só ao judô não temos grande influência dos EUA, mas sim de Japão e Europa, principalmente França. Já no vale-tudo talvez possas visualizar uma influência muito acentuada dos EUA e também do Japão.

Sobre o consumo o autor cita que o esporte mais “consumido” no mundo é o futebol, no entanto só recentemente os EUA têm despertado para esse mercado. Essa afirmação pode nos ajudar a entender como se dá esse consumo, enfatizando o embate teórico cultura X economia. O país que mais consome no mundo não consome a modalidade mais consumida, por quê? Talvez por que ela não tenha significado dentro de sua construção cultural. Assim as práticas sociais não podem ser reduzidas a sua dimensão econômica, nem ao fato do resto do mundo praticá-las, nem ao fato da prática estar profissionalizada ou espetacularizada, nem ao fato de existirem ídolos, mas sim a um universo muito maior de símbolos e significados dentro de um ambiente social.

O autor aponta que apesar do judô e da natação terem mais praticantes do que o Tênis, seu prestígio na mídia é bem menor. A seguir fala do boxe que é cobrado por pay-per-view. Fala assim da vocação para a mídia. (PRONI, 1998).

Poderíamos interpretar isso como uma estrutura de funcionamento, um conjunto de costumes de cada modalidade, envolvendo organização interna, tipos de disputa, imagem social, etc. O que resulta em estar ou não mais “preparado”, ou “pasteurizado” para a televisão, *o que é importante é diferenciar o esporte para se fazer e o esporte para se ver.*

Além das disputas espetacularizadas de vale-tudo também temos a espetacularização das modalidades olímpicas. Proni (1998) discute sobre a metamorfose dos Jogos Olímpicos a questão da defesa dos valores filosóficos embutidas na carta olímpica, coloca que para Pierre de Coubertin o perigo da abertura ideológica seria transformá-la em um mero espetáculo, os jogos deveriam ressaltar os valores humanos, superar limites atléticos.

Embora os Jogos possam estar em um estado avançado de Espetacularização e Profissionalização alguns dos valores e significados parecem ainda serem, ou tenta-se que sejam, conservados, preserva-se ainda algumas diferenças entre o espetáculo “puro” e o espetáculo olímpico. Podemos destacar algumas diferenças: a maneira como é feita a seleção dos atletas; o combate ao doping; o combate a certos tipos de lesão; os valores, notadamente no tipo de conduta em “campo”.

Poderíamos nos questionar se as manifestações não existem lesões, do mesmo jeito que um boxeador profissional sai sagrando ou com o nariz quebrado o judoca olímpico pode acabar com artrose no joelho ou alguma outra lesão. Qual seria a diferença então? A diferença é qual a lesão que é socialmente aceita, qual aparece, o sangue, os knockouts provavelmente são vistos, enquanto que lesões em longo prazo não são vistas, ou seja, o valor social é diferente. Tomar uma cotovelada jogando Basquete tem um valor social diferente de tomar uma cotovelada no vale-tudo, ainda que a fratura seja a mesma.

O que percebemos é que em ambos os modelos temos ordens simbólicas. Bourdieu (1997) afirma que a televisão é um instrumento de manutenção da ordem simbólica, para ele dizer que seus proprietários exercem influências sobre sua programação é óbvio. Os jornalistas são manipulados seja para a ausência de um salário ou pelo salário exorbitante, existe ainda uma censura que é a limitação de tempo. (BOURDIEU, 1997).

A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população. O fútil é usado para ocultar coisas preciosas, já que: tempo vale muito na televisão. Se oculta fatos mostrando através da banalização. Os fatos são mostrados como fato ônibus, fatos que não chocam, não dividem, formam um consenso. (BOURDIEU, 1997).

Ao contrário do que se possa pensar a concorrência na televisão é o principal responsável pela homogeneização, os produtos televisivos são muito mais homogeneizados do que se imagina, pela pressão de outros se é levado a dizer coisas que sozinho não se diria. Isso é a circulação circular da informação, o jornalista é a pessoa que mais lê jornal, a obtenção de informações passa pelas mesmas fontes (polícia, ministério, informantes), as disputas são travadas em torno do mesmo objetivo, o índice de audiência, o mercado funciona como uma instância legítima de legitimação, é a lógica do se vende é porque é bom. (BOURDIEU, 1997).

Caberia nos perguntarmos: o judô homogeneizado é melhor? As práticas da Educação Física escolar devem ser pasteurizadas? Temos como conteúdos artes marciais, modalidades esportivas, danças, jogos, ou seja, elementos culturalmente diferentes que têm propriedades pedagógicas diferentes ou tudo deve ser formatado segundo o Esporte, segundo a televisão? Bourdieu (1997) nos ajuda a responder um pouco dessas perguntas na medida em que diz que muito do que se produziu de mais elevado, de vanguarda, foi produzido contra o equivalente do índice de audiência, contra a lógica comercial.

O trabalho com as lutas e as artes marciais na escola deve dar conta tanto da especificidade de cada uma das lutas e das artes marciais quanto deva conseguir ver similaridades nos diversos elementos culturais, ou seja, a luta e a arte marcial como um todo. O grande perigo das teorias unificadoras é que se deixe de aproveitar as potencialidades educacionais de cada um dos elementos culturais, ou seja, uma homogeneização que não diversifica as práticas no que diz respeito a conteúdo e método.

O grande risco de se pensar cada uma das artes é que o trabalho fora da escola seja igual ao de fora da escola, ou seja, que o formato não se modifique, não se adapte ao “cenário” e a população necessária. Em ambos os casos o problema não é necessariamente o ponto de partida de cada uma das teorias, mas sim as possíveis interpretações e utilizações que podem decorrer dessas teorias. Cabe lembrar ainda que apenas um conteúdo ou um único método não “dá conta” dos diversos cenários, nem das diversas faixas etárias dentro das diversas instituições educacionais, ou seja, em um determinado "momento" podemos utilizar mais uma prática generalizada e em outro momento podemos usar mais as práticas específicas.

Reafirmamos neste momento que o judô tem múltiplas formas e múltiplos significados, ensinar judô em uma ótica cultural é dar conta de significados diferentes e de formas diferentes adquiridas socialmente, atribuídas pelos “personagens” em sociedade. Bourdieu (1997) coloca que a revolução simbólica, realizada por artistas, religiosos e políticos se dá no modo de ver e de pensar. Revolucionar o “COMO” da competição de judô se dá modificando-se o ver e o pensar na competição de judô, modificando o caminho e a lógica do que foi seguido até agora para que ela se torne da maneira que ela é, uniforme, unificada.

Existe dessa maneira um caminho a ser seguido para conquistar certo status de esporte olímpico, para conquistar popularização, para conquistar respeito social. Proni (1998) afirma que no Futebol 1848 os representantes das Escolas se reuniram para UNIFICAR as REGRAS, a partir daí ampliou-se a aceitação do Futebol no sistema Educacional, 1860 os pedagogos já encorajaram a modalidade.

Dessa maneira o processo de unificar regras e suavizá-las parece ser um importante fator rumo à popularização de uma modalidade. Pensando nas questões relacionadas à mídia e retomando a idéia de que a prática depende de fatores culturais Proni (1998) afirma a mídia reforça o que é produzido culturalmente, mas ele não produziu o Futebol. Seria no mínimo

complicado achar que podemos forçar sem que isso tenha significado cultural, se amanhã a “mídia” decidi-se que a peteca seria o novo esporte nacional ela conseguiria emplacá-lo?

Ainda nestes processos de institucionalização e popularização Proni (1998) discute que em diversos momentos históricos a problemática dos calendários esportivos X custos, mostrando como a administração esportiva deveria se subordinar ao marketing para se direcionar um futebol empresa. Pensando no judô e na organização dos campeonatos poderíamos refletir sobre como é projetado o calendário infantil, de onde ele vem, quem o projeta, quais são as preocupações ao concebê-lo. O número de variáveis a ser consideradas são muitas, por um lado temos as questões administrativas mais relacionadas ao marketing, tais como, disponibilidade de ginásios, disponibilidade do clube, calendários de outras categoria, calendários internacionais, por outro lado temos as questões ligadas à especificidade do esporte dos mais jovens, tais como, questões fisiológicas, questões pedagógicas e educacionais.

Trazer a luz essas questões, torná-las consciente é um processo de vital importância para um maior aproveitamento do judô nesta fase, o Esporte é muitas vezes visto como uma instituição imune, como se o que acontece dentro do Esporte só disse-se respeito ao Esporte, sendo possível assim que ele tenha suas próprias regras, sem considerar questões importantes que são discutidas fora dele. Proni (1998) discute as questões envolvidas com o passe, sobretudo as possibilidades conferidas as entidade de futebol irem além das leis da justiça comum, especificamente na legislação trabalhista. Traçando um paralelo para o judô como será que se pensam essas questões, será que a competição infantil pode ir além de outras questões envolvendo a criança.

Poderíamos pensar se a televisão seria um agente democrático no Esporte ao “levá-lo” pelo mundo, apesar de sua importância é necessária entender que esse processo é mais complexo e tem outros lados. Bourdieu (1997) aponta que o índice de audiência não é democrático, é mercadológico, depende do marketing: “O universo do Jornalismo é um campo, mas que está sobre pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência.” (Bourdieu, 1997, p.77). Ele coloca ainda que a televisão nivela por baixo o direito de entrada a certo número de campos, tais como filosófico, o jurídico, etc. Pensando no professor como um agente social que teria como missão levar CONHECIMENTOS ERUDITOS sobre as práticas sociais poderíamos nos questionar se a intervenção pedagógica pode ser igual às práticas pasteurizadas.

Fica muito claro que o texto de Bourdieu (1997) não fala só sobre as pressões exercidas pelos jornalistas, mas sim sobre o efeito do campo jornalístico sobre os jornalistas, o que levaria a pensar quais são as pressões que sofrem as federações na estrutura social? Pode-se pensar em algumas questões como o formato olímpico, os valores, as lesões, a audiência, o número de praticantes e o número de países.

3 Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo tem como objetivo entender, analisando e interpretando alguns fatores sociais das competições atuais de judô, com foco nos mais jovens: categorias mirim, infantil, infanto-juvenil, pré-juvenil, que envolvem crianças de seis a 16 anos de idade. Para isso utilizou-se procedimentos de observação, entrevistas e questionários.

Nas duas primeiras fases as observações e reflexões do pesquisador estão traduzidas em sua íntegra. Nas duas ultimas fases temos os discursos apresentados de forma sintética para um melhor entendimento do leitor, todavia as gravações na íntegra e os termos de consentimentos livre esclarecidos encontrassem de posse do pesquisador e serão guardadas para qualquer eventualidade durante cinco anos após o término do estudo seguindo o padrão estabelecido pela resolução 196/96 e resguardando os voluntários.

Organograma do judô

Para melhor compreensão de nossa pesquisa é necessário compreender, ainda que introdutoriamente, como se organiza o judô. A organização institucional¹² do judô é feita na Federação Internacional de judô (FIJ) através da divisão em uniões, o Brasil faz parte da União Pan-americana de judô (UPJ) através da Confederação Brasileira de judô (CBJ), que por sua vez é dividida em federações estaduais¹³. A Federação Paulista de judô (FPJ) é dividida em 15 delegacias regionais.¹⁴

¹² Estudos anteriores (Cazetto e Paes, 2004) mostraram a presença e importância do judô também fora do âmbito competitivo institucionalizado, ou seja, locais de prática que não necessariamente estão ligados às Federações e Confederações, porém nesse estudo nos dedicamos mais profundamente a esse âmbito.

¹³ Atualmente existem também as Ligas, que não foram foco do estudo.

¹⁴ Para maiores informações sobre a organização do judô Mundial consulte: www.ijf.org. Para maiores informações sobre a organização do judô no Brasil consulte: www.cbj.com.br. Para maiores informações sobre a organização do judô no estado de São Paulo consulte: www.fpj.com.br.

No ano de 2007¹⁵ a FPJ contava com 270 filiados, entre clubes, associações, academias, escolas, etc. (FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ, 2008). São essas agremiações que votam periodicamente (de quatro em quatro anos) para eleger a diretoria da federação que aponta os delegados regionais. Dentro de cada região os delegados organizam os eventos da federação, festivais, campeonato regional, etc.

Podemos visualizar resumidamente a organização do judô da seguinte maneira:

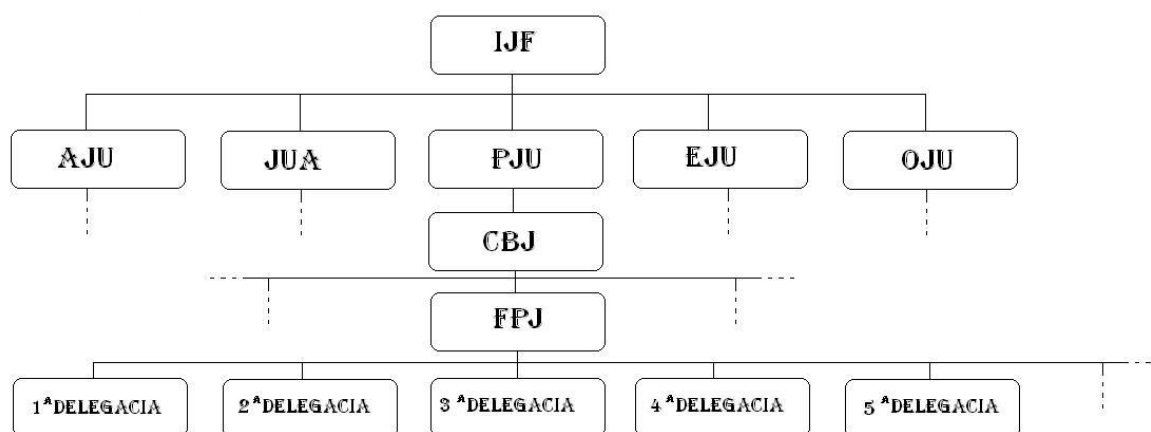


Figura 1 – Organograma do judô

¹⁵ O processo de Mestrado foi realizado oficialmente entre março de 2006 e março de 2009. Porém a pesquisa também foi auxiliada por estudos anteriores realizados a partir do ano de 2001. Entre os anos de 2001 e 2004 foram realizadas pesquisas de iniciações científicas sobre o judô orientadas pelo professor doutor Roberto Rodrigues Paes, inclusive contando em dois momentos com fomento do CNPq. O projeto de pesquisa foi realizado em 2005 com orientação do professor doutor Paulo Cesar Montagner, possibilitando que as incursões a campo começassem logo no início de 2006.

Outra forma de mostrar a organização é por estrutura:

IJF – International Judo Federation (Federação Internacional de judô)

AJU – African Judo Union (União Africana de judô).

JUA – Judo Union of Asia (União Asiática de judô)

EJU – European Judo Union (União Europeia de judô)

OJU – Oceania Judo Union (União de judô da Oceania)

PJU – PanAmerican Judo Union (União Pan-americana de judô)

CBJ (Confederação Brasileira de judô)

FPJ (Federação Paulista de judô)

Delegacia Regional

Agremiação (Clubes, Academias, Escolas)

Filiado/Atleta

Dentro desse cenário existem diversos “personagens” (professores, atletas, árbitros, dirigentes, pais, etc) que podem ser foco em diversas situações (aulas, reuniões, curso, campeonatos, etc.).

Durante nosso estudo estabeleceu-se “quem” seriam nossos “personagens”, em que “cenários” coletar-se-ia informações junto a eles e que instrumentos seriam utilizados para coletar essas informações.

A pesquisa se dividiu em quatro fases de coletas de dados:

Fases	Tipo de Procedimento	“Personagens” da Pesquisa	Local/Situação Data	Âmbito/ abrangência
1ª Fase	Procedimento de Observação	Responsáveis pelas agremiações	Reunião Anual 05 /02 / 2006	Regional
2ª Fase	Procedimento de Observação Estruturado	Árbitros, Dirigentes,	Curso 06 / 03 / 2006	Regional / Estadual
3ª Fase	Questionário e Entrevista	Responsáveis pelas agremiações	Campeonato 28 / 01/ 2007	Regional
4ª Fase	Questionário e Entrevista	Delegados Regionais	Campeonato 26 /08 / 2007	Estadual

Quadro 01 – Fases da Pesquisa

Diversos fatores foram levados em consideração para elaboração e execução de cada uma das fases e seus respectivos instrumentos:

- Amadurecimento da Pesquisa

O primeiro fator foi a fase de “amadurecimento” da pesquisa, planejou-se a pesquisa de maneira que nos primeiros anos se utilizasse instrumentos mais abertos e que gradativamente foco do estudo fosse ajustado para instrumentos mais fechados. Através dos anos as reflexões sobre o tema foram sofrendo um amadurecimento, tornando os instrumentos mais precisos e as interpretações mais aprofundadas. Nos primeiros procedimentos se tinha uma menor interação com nosso público e menor direcionamento do foco, nos últimos instrumentos tinha-se uma maior interação e maior direcionamento do foco.

O Objetivo dessa estratégia era nos primeiros momentos ficar o mais suscetível a questionamentos e fatores relevantes que poderiam ainda não ter sido previstos no projeto. Esses procedimentos minimizavam nossa influência sobre os “personagens” até que os questionários estivessem adequadamente estruturados e, além disso, esses procedimentos ainda auxiliavam na elaboração das questões das fases subseqüentes.

Na primeira fase apenas observou-se alguns personagens sem elaborar questões muito específicas sobre o nosso tema, selecionou-se uma situação relevante, entendeu-se que era necessário compreender como funciona uma reunião importante para a organização das competições de judô em uma das delegacias do estado de São Paulo. Na segunda fase também se utilizou o procedimento de observação, porém tentando responder a certos questionamentos mais específicos que haviam se consolidado na primeira fase.

Na terceira e quarta fase mudou-se o tipo de procedimento aplicando questionários e entrevistando “personagens”, neste ponto a pesquisa já estava melhor estruturada para interagir com essas populações obtendo as informações necessárias de maneira mais pontual e com linguagem mais adequada às populações. Entre a terceira e a quarta fase foram feitos apenas pequenos ajustes no instrumento e adequação ao público alvo.

- Experiências anteriores

Um dos grandes elementos facilitadores para as pesquisa foram as experiências anteriores dentro desses cenários, as quais foram preponderantes para que se definissem estratégias para pesquisa de campo.

Ao pesquisarmos o judô em diversos cenários, Clubes, Academias e Escolas (CAZETTO e PAES, 2004) pôde-se constatar que os procedimentos de observação eram importantes ferramentas que possibilitavam perceber elementos muito além dos previstos antes se ir a campo. Ou seja, é um instrumento que diversifica e enriquece a investigação

Na observação não estruturada essa característica é ainda mais marcante. Porém, muitas vezes, pode-se perder certos detalhes relevantes, os quais foram foco da segunda fase, ou seja, utilizou-se um instrumento que permite relatar diversos acontecimentos, porém tomou-se o cuidado de elencar-se alguns pontos prioritários a serem observados.

Outra experiência relevante retirada desse estudo foi a utilização de eventos (reuniões, campeonatos, cursos) para obter informações. Os dados quando obtidos individualmente demandavam demasiado tempo e tinham elevados custos devido à necessidade de deslocamento para entrevistar ou observar cada voluntário da pesquisa individualmente.

Tomada essa decisão de utilizar eventos precisou-se adequar os instrumentos para essas situações. Experiência adquirida em Lollo, Cazetto e Montagner (2004) e Cazetto e Paes (2005) mostravam que questionários fechados eram respondidos rápida e adequadamente, porém eram bastante limitados no sentido de diversificar resultados não previstos. Já os questionários e entrevista com questões abertas traziam maior riqueza de dados, principalmente as entrevistas (áudio-grafadas) traziam resposta mais longas. Os questionários (preenchidos à mão) esbarravam na limitação de tempo, muitas vezes os voluntários tinha outros compromissos dentro do evento e deixavam de responder ou respondiam parcialmente as perguntas.

Já as entrevistas geravam dúvidas em algumas perguntas, por exemplo: Sexo? Algumas vezes a pergunta gerava um estranhamento por parte do entrevistado; Há quanto tempo pratica judô? O entrevistado muitas vezes tinha que calcular a quanto tempo e precisava de um tempo para elaborar a resposta, o gravador gerava uma situação de pressão para responder as perguntas imediatamente. Dessa maneira utilizou-se o questionário para respostas mais simples e a entrevista para as respostas que poderiam ser mais longas. Ambos os questionários (Fase três e Quatro) foram projetados para serem aplicado em aproximadamente cinco minutos.

Relevância do papel social da situação e dos “personagens”

Outro fator foi a relevância do papel social dos entrevistados e da situação observada. Tentou-se estabelecer como populações pessoas que tivessem “papéis” relevantes na construção da competição dos mais jovens e situações preponderantes em sua construção.

A primeira fase atendia a esse requisito por observar como os responsáveis por cada agremiação interagiam entre si para a construção das competições dentro da região pesquisada. Essas pessoas são professores, donos, presidentes das agremiações, que influenciam pais e alunos dentro dos diversos locais em que acontece o judô. Politicamente são eles que representam cada um dos “atletas” filiados além de serem as pessoas que tem direito a voto.

De maneira mais direcionada observou-se o curso de árbitros, o que propicia entender como se articulam as regras socialmente. Nela pôde-se observar os árbitros que interagem com os “atletas” e os professores dos árbitros que transmitem as regras socializadas. Ou seja, percebeu-se como se constrói esse mecanismo de interação social: a competição.

Na terceira fase repetiu-se a população da primeira, porém com um instrumento diferente. Por último entrevistou-se os delegados regionais, representantes da federação dentro de cada região.

Outras populações foram eliminadas devido a diversos fatores. Não se entrevistou atletas jovens devido às dificuldades/cuidados éticos necessárias para entrevistar menores de 18 anos, lembrando que todas as fases da pesquisa foram supervisionadas e seguiram os padrões éticos necessários (CEP/FCM 410/2006). Não se entrevistou pais devido às dificuldades de amostragem e porque eles já tinham sido alvo de pesquisas anteriores (CAZETTO e PAES, 2005). Professores se constituíam como uma população maior, amostrar essa população o questionário fechado que pode ser construído através de nosso estudo demandaria menos tempo e recursos possibilitando a aplicação em um “n” maior de voluntários.

Escolha dos tipos de procedimento

Cada um dos dois tipos de procedimentos respondia a tipos diferentes de questionamentos e nos possibilitavam “visualizar” fatores sociais diferentes. Nas observações conseguia-se apurar um panorama geral, observando diversas pessoas ao mesmo tempo e podendo fazer constatações sobre elementos diversos. Nas entrevistas ajustávamos o foco de maneira mais individual, o que nos permitia analisar o conteúdo do discurso, levantando

freqüências no que os personagens nos respondiam. São essas freqüências que podem ser verificadas em populações maiores através de questionários fechados.

Os tipos diferentes de procedimento também tinham limitações diferentes no que diz respeito a custos, tempo de execução do procedimento, operacionalidade dentro de determinada situação em que se poderia obter as informações.

3.1 Primeira Fase da Pesquisa:

Reunião dos Responsáveis

Nesta primeira fase procurou-se acompanhar e sintetizar os conteúdos principais que são discutidos pelos responsáveis pelas agremiações em uma das delegacias do estado de São Paulo e de que forma isso é feito em sua reunião anual, além de entender como funciona, como é “traçado” o calendário esportivo em uma delegacia regional de judô.

Material e Métodos - Reunião

Através de sugestões contidas em Lakatos e Markoni (1995) pôde-se elaborar o procedimento que foi realizado através de um caderno de anotações no qual foram rascunhados os pontos considerados relevantes pelo observador para que posteriormente fossem transcritos. Utilizou-se também um relógio marca Timex modelo IronMan Triathlon apenas para determinar a duração aproximada da reunião, assim como horário de início e término.

Para observar a reunião chegou-se antes do horário de início divulgado aos Responsáveis por cada agremiação e pediu-se para realizar o procedimento de observação. O Delegado, além de permitir o procedimento, ainda nos forneceu documentos da Federação e se propôs a ajudar no que for necessário e se prontificando a conseguir informações estatísticas sobre os campeonatos e a mala direta que é enviada aos responsáveis pelas agremiações.

O local possuía mesas colocadas lado a lado formando duas colunas e uma linha, este “desenho” de “U” permitia que o delegado se colocasse na cabeceira podendo ver e ser visto por todos os participantes que se dispunham nas duas colunas. Existia também um relator da Ata da reunião que ficava junto aos participantes na coluna a direita do delegado. O observador se colocou logo após as duas colunas onde podia ver e ouvir todos os participantes.

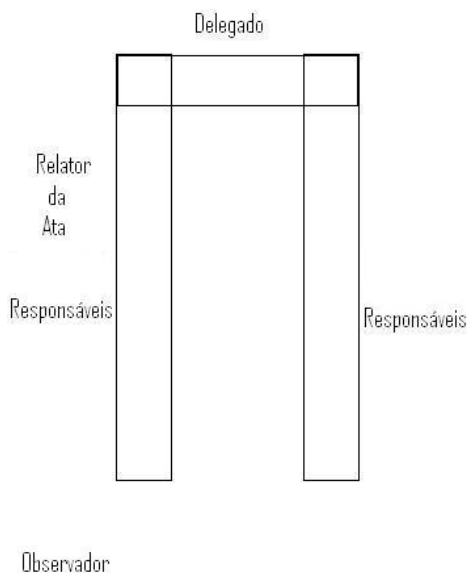


Figura 2 – Disposição dos participantes da reunião dos responsáveis pelas agremiações

No início da Reunião o Delegado informou a presença do observador e a natureza da pesquisa. As anotações foram feitas sem qualquer interferência verbal do pesquisador.

Resultados - Reunião:

Para facilitar o entendimento do leitor dividiu-se os resultados em Síntese – Reunião e Demais Anotações – Reunião.

Síntese - Reunião:

No dia cinco de fevereiro de 2006 foi-se ao local da reunião, antes mesmo de seu início da reunião o Delegado colocou que intensas discussões têm sido feitas acerca da “competição infantil”.

A reunião se inicia com o agradecimento a todos pelo trabalho anterior e pela presença na Reunião. Cita a renovação da presidência da Federação Paulista de judô (FPJ) pelos próximos quatro anos, sendo vencedora a chapa de Francisco de Carvalho Filho.

Pastas com documentos relativos à Federação e a Delegacia são distribuídas aos responsáveis pelas agremiações¹⁶ e é anunciada a estrutura geral da Reunião, são reservados os primeiros 30 minutos para discussão de assuntos propostos pelos responsáveis e para anúncio das

¹⁶ A FPJ usa a designação agremiação para se referir a qualquer entidade filiada, seja ela um clube, uma academia, uma associação, uma escola ou qualquer outro grupo praticante de judô, para tanto estabelece regras específicas de filiação.

principais mudanças para o ano de 2006. Após essa fase entra-se no calendário em si, discutindo mês a mês as datas dos eventos que aconteceram na Delegacia e fora dela. Existe um intervalo que acontece aproximadamente no meio da reunião, em que os participantes conversam entre si enquanto tomam um “café”.

Terminada a primeira parte da Reunião não foram tratados pontos específicos ligados às crianças, seja do ponto de vista da especificidade biológica desses indivíduos seja do ponto de vista educacional (conteúdos e valores da competição).

Depois do intervalo um dos participantes tenta entrar numa discussão sobre os nomes dos eventos, discutindo que na região não existiam Festivais, mas sim Campeonatos, uma vez que nenhuma privilegiava a premiação de todos, mas somente dos quatro primeiros colocados. Seus colegas não lhe deram atenção, o Delegado teve que interromper a discussão colocando que o realizador do evento pode colocar o nome que bem entender no mesmo.

A reunião termina com a discussão da data do *Bonenkai*, confraternização específica de final de ano, sendo colocada a pouca participação dos responsáveis no último ano.

Demais anotações - Reunião

Aqui se colocou algumas anotações que foram feitas durante a reunião, estas seguem a ordem cronológica e podem contribuir posteriormente na investigação. As descrições do que foi falado está em *itálico*, os tópicos que foram alvo de reflexão estão em letra normal.

Delegado:

- *Cita a dificuldade de marcar datas devido aos campeonatos oficiais e ao grande número de campeonatos extra-oficiais.*

- *Afirma que a região tem o maior número de filiados no interior, só perdendo para a capital. Sabemos que isso pode resultar numa maior arrecadação.*

- *Coloca como objetivo para 2006 manter o mesmo nível, justificando que em outras delegacias que não há campeonatos existe menos federados, o que pode ser verificado posteriormente com dados da Federação.*

- *Comenta que Segunda Divisão ficou mais barato do que no ano anterior, não tendo taxa inicial.*

- *Afirma que até infantil o custo é de 50 reais, portanto mais barato para os mais jovens.*

- Lembra o problema físico da distância entre as cidades no interior.
 - Coloca que no ano passado não havia Campeonato Paulista Infantil (oito, nove e dez anos), houve intensas discussões na Federação, foi considerado que pela participação da delegação paulista no Sul Brasileiro não teria sentido não ter paulista e participar do brasileiro.

Participante 1:

Um dos participantes coloca o problema da falta de uma determinada divisão de peso em determinada classe de crianças, o Delegado aceita a sugestão, mas explica que só pode ser adotada para os Festivais, da mesma maneira que a FPJ só pode adotar categorias a segunda divisão, sem que seja possível usar essas estratégias para campeonatos que classifiquem para eventos nacionais.

Pode-se notar aqui um exemplo de como as categorias de peso provenientes do esporte adulto podem gerar problemas ao lidarmos com atletas jovens, neste caso específico temos na região número suficiente para a criação de mais uma categoria, o que, provavelmente, não acontece em todo território nacional. A criança fica “presa” a uma regra fixa de pesos, proveniente do esporte adulto, que não se adapta às necessidades regionais ou às questões específicas do atleta jovem.

Percebe-se também como os níveis superiores influenciam o gerenciamento nos níveis inferiores. A Federação fica amarrada às regras da Confederação, por sua vez a Delegacia fica amarrada às regras da Federação.

Acontece uma discussão sobre o Gran Prix¹⁷, é colocado sobre a importância do mesmo em mostrar os mais velhos lutando para os mais jovens. Discute-se regras para manter uma boa competitividade entre os participantes, se preocupando que as equipes maiores sejam as únicas a não poderem se juntar com outras equipes para a disputa. É votado e opta-se por permitir a união de duas equipes no masculino e três no feminino.

Discute-se o Pan-americano e o Sul-Americano é colocado que haverá uma seletiva Paulista e que o campeão de cada categoria ganha a passagem para a seletiva em Fortaleza, os demais podem participar, porém tem que custear sua viagem.

Delegado:

¹⁷ Gran Prix é um tipo de disputa feita em etapas e disputada por equipes.

- Destaca a importância de que cada equipe tenha um número mínimo de participantes de nos cursos de árbitros e de mesários para que possam cumprir a exigência mínima dos mesmos nos campeonatos para que possam contar pontos no quadro geral.

- Propõe-se a realizar os Joguinhos Regionais, esclarece que a disputa não pertence ao âmbito da Federação, mas sim à secretaria da Juventude, é colocada também a dificuldade em realizar esse tipo de campeonato, uma vez que se restringe o número de atletas o evento se torna pouco rentável. Neste momento coloca-se a dificuldade de realizar uma final estadual com o Paulista Sênior, devido à necessidade de oito áreas de luta, o Delegado cita que um dos melhores ginásios da região que não tem estrutura para realizar o evento. Exemplifica-se que o Campeonato Regional é normalmente realizado junto com um Festival no dia subsequente para que se minimizem os custos.

Ao marcar as datas têm-se a preocupação em não deixar uma distância muito grande entre o Regional, o Paulista do Interior e o Paulista.

Delegado:

- Destaca a importância de que todos estejam Federados, explicando que 25 reais seria uma quantia pequena. Um participante protesta explicando que esse número é multiplicado por muitos atletas.

Pode-se indagar aqui quais as vantagens que a Federação tem de ter um maior número de Federados, muito provavelmente quanto maior o número de pessoas maior o poder político, além do financeiro.

- Esclarece, em meio a protestos dos participantes, que não vai aplicar multas aos participantes que estiverem sem símbolo, colocando que está regra é apenas para campeonatos oficiais, coloca, porém, que como responsável pelo seu clube não gostaria que seus próprios atletas competissem sem usar o símbolo.

Pode-se ver nos protestos uma tendência punitiva por partes dos protestantes. Na discussão sobre a regra do feminino de usar a camiseta branca por baixo é colocado sobre a importância do professor em instruir seus alunos, sobre ele ser um formador de opinião.

Participante 2 inicia uma discussão sobre as pontuações, segue-se durante alguns minutos sobre a pontuação que deve ser atribuída a cada colocação no campeonato. Diversas opiniões são colocadas, sugerem-se diversas mudanças, alguns querem que o primeiro e

segundo colocado tenha maior valor, outros querem que se tenha o índice técnico de cada equipe, outros querem que seja mantida a mesma pontuação.

No final o Delegado decide que não pode tomar decisões que privilegiem poucos atletas, como premiar só primeiro e segundo, por exemplo, colocando que as equipes que trazem diversos atletas são importantes para custear o campeonato, mesmo que estes não peguem as primeiras colocações. Percebe-se aqui que não só a participação das crianças conta nos campeonatos, mas também seu rendimento: uma vez que sua colocação soma pontos para o quadro geral de medalhas na disputa entre as agremiações.

Nesta discussão também surge a questão sobre limitar o número máximo de atletas. Algumas equipes têm número grande de atletas e outras, número menor. As equipes que tem grande número de atletas muitas vezes podem conseguir maior número de classificados e melhores colocações na somatória geral dos pontos. Alguns participantes protestam, porém, que são prejudicados por acreditar que essas equipes ganham por seu número de alunos e não pela qualidade dos mesmos. Então pedem para que se limite o número de participantes ou que se dê maior número de pontos para os primeiros colocados.

O delegado:

- Termina a discussão colocando que os locais que não comportarem um número muito grande de participantes poderão limitar o número de participantes, porém que no mais isso seria prejudicial, pois diminuiria o número de federados, coloca também que o campeonato com menos de 600 participantes dá prejuízo.

Por fim o delegado cita as palavras do presidente da FPJ dizendo: *que temos que nos preocupar em fazer campeões paulistas e não campeões dos festivais, sendo esses um meio de treinamento para o paulista.*

Na reunião é colocado também o tipo de disputa dos festivais: eliminatória simples.

O delegado coloca também:

- Que seu cargo é um cargo de confiança do presidente e que devemos levar o judô para onde for necessário.

Reflexões sobre os dados obtidos nesta fase da pesquisa

A colaboração da Federação no sentido de permitir a observação dos procedimentos adotados para a construção dos campeonatos e demais eventos foi de suma importância para o bom andamento da pesquisa, permitindo um planejamento adequado das fases subseqüentes.

O enfoque nesta reunião foi principalmente sobre questões administrativas, questões de ordem prática, principalmente a marcação de datas de eventos. Observe como é feito o procedimento: evita-se que os eventos sejam marcados em feriados; evita-se que coincidam com eventos “maiores” já marcados; particularmente entre o Campeonato Regional e Campeonato Paulista do Interior e Campeonato Paulista observa-se que não haja um grande espaço de tempo entre um e outro. Presumiu-se que seja devido à manutenção do peso e do nível de treinamento dos atletas já que não é feita nenhuma colocação neste sentido durante a reunião.

Não se conseguiu perceber durante a reunião preocupações ligadas às especificidades dos mais jovens, seja do ponto de vista biológico ou educacional. Não se discutiu uma periodicidade dos campeonatos para que crianças e adultos tivessem uma distribuição dos campeonatos durante o ano segundo algum propósito.

Este primeiro procedimento nesta “coleta” indicou que não é nesta situação social que se discute os objetivos da competição para instrução e formação dos mais jovens, o que leva a construção de algumas indagações a serem investigadas nas fases subseqüentes do estudo: se não se discute os mais jovens na reunião dos responsáveis, quando, quem e em que situação isso é discutido? O que nos leva a segunda fase da pesquisa: a observação de um curso de arbitragem.

Percebemos que a criança tem tratamento semelhante ao adulto, seja nas regras de competição, tais como chaveamento ou pesagem, ou na somatória de pontos, o que mostra que neste sentido o rendimento pode ser cobrado da criança uma vez que nesta situação social ela é “igual” ao adulto.

3.2 Segunda Fase da Pesquisa: Curso de Árbitro

Após a primeira fase pôde-se levantar alguns questionamentos mais pontuais a serem observados, elaborou-se assim alguns pontos para acompanhar e sintetizar como é feito um curso de árbitros sinalizando seus temas, em especial procurando temas referentes às categorias mais jovens. Esta fase foi realizada em uma das delegacias do Estado de São Paulo e se fundamentou em procedimentos descritos por Lakatos e Markoni (1995).

Materiais e Métodos – Curso de Árbitros

Selecionou-se previamente um conjunto de questionamentos que deveriam ser observados no curso de árbitros, estes foram escritos no caderno de anotações para que durante a reunião se atentasse a essas questões:

- Quanto tempo dura?
- Como é feito?
- Quais os temas tratados?
- Quais os temas Referentes às crianças?
- Existe alguma preocupação com relação às regras das crianças? Quais?
- Existe alguma preocupação com relação às relações interpessoais com as crianças?
- Existe alguma preocupação quanto às questões biológicas das crianças? Quais?
- Demais anotações relevantes.

Através do caderno de anotações foram rascunhados os pontos considerados relevantes pelo observador para que posteriormente fossem transcritos. Utilizou-se também um

relógio marca Timex modelo IronMan Triathlon apenas para determinar a duração aproximada da reunião, assim como horário de início e término.

Para observar-se a reunião chegou-se às oito horas e 30 minutos, antes do horário de início divulgado para os responsáveis¹⁸ pela agremiação, e pediu-se para realizar o procedimento de observação. Obteve-se o consentimento do delegado regional para realizar o procedimento. Permaneceu-se durante toda reunião dentro do Dojo, ao lado do tatame de raspa de pneu, onde transcorria o curso.

Resultados – Curso de Árbitros

1) Quanto tempo dura o curso?

O curso foi realizado no dia seis de março de 2006, teve seu início às oito horas e 56 minutos e término às 13 horas e 33 minutos, durando quatro horas e sete minutos.

2) Como é feito o curso?

O curso foi realizado em um clube filiado a federação. O Dojo do local contava com três áreas aparentemente menores do que as oficiais, num tatame de raspa de pneu.

Antes do curso as pessoas trajando judoguis¹⁹, em sua maioria portando a graduação marrom e acima se dispunha dentro do dojo e conversavam entre si. Como de praxe ao entrarem cumprimentavam os senseis.

Na entrada havia uma mesa na qual era cobrada a inscrição e distribuída a respectiva ficha para que a pessoa preenche-se os dados para o certificado do curso. Os participantes deixavam também seus “passaportes²⁰” para que fosse assinado pelo responsável pela arbitragem.

¹⁸ Neste momento da pesquisa já contávamos com a colaboração da Federação no sentido de nos enviar por correios eletrônicos todos os documentos que eram enviados aos responsáveis pelas agremiações.

¹⁹ Gui é a partícula japonesa que designa roupa, assim Judogui roupa para praticar judô, enquanto que quimono se refere a qualquer roupa.

²⁰ Atualmente a Federação Paulista de judô (FPJ) adota o que ela chama de “passaporte” que contem foto, número, nome entre outros dados pessoais. Nele são colocados os eventos de que a pessoa participa, por exemplo, campeonatos, cursos, etc.

Às oito horas e 56 minutos as pessoas perfilaram por ordem de faixa, os kodanshas²¹, que nessa ocasião eram cinco, se dispuseram à frente para que se procedesse o rei inicial (comprimento inicial). Podia-se contar aproximadamente 75 a 100 pessoas.

Após o rei, um dos kodanshas passou a palavra ao delegado regional. Este colocou que é importante que se continue arbitrando porque é impossível realizar eventos sem árbitros. Colocou também que os Festivais são importantes para a formação dos árbitros. Percebe-se aqui como o judô enquanto elemento social depende de inúmeros personagens.

O delegado passa então a palavra para o palestrante que inicialmente colocou que o curso iria transcorrer com partes teóricas, em que se falaria das regras, e de partes práticas, com algumas atividades para os árbitros. Neste momento o palestrante previu dois intervalos, porém no transcorrer do curso o delegado regional pediu que não fosse realizado o segundo intervalo devido ao tempo escasso.

3) Quais os temas tratados no curso?

Durante o curso o palestrante dizia quais os temas que seriam tratados, então se anotava para posterior análise. Transcreveu-se aqui os temas anunciados:

- Uniformes Válidos;
- Árbitros;
- Atletas;
- Pegadas (KumiKatas)
- Cumprimentos
- Início do Campeonato;
- Abertura de área;
- Fechamento de área;
- Início de combate por equipes;
- Fim de combate por equipes;
- Área de competição (áreas válidas);
- Teste de mudança de área no mundial junior;
- Ossakomi;
- Movimentação e postura dos árbitros na área;
- Voz de comando;

²¹ Designação utilizada para as pessoas mais graduadas no judô, sexto dan e acima.

- Gestos;
- Movimentação;
- Posturas;
- Pontuações;
- Exame Médico;
- Penalizações;
- Shido;
- Hansokomake;

4) Quais os temas referentes às crianças?

Não se pôde identificar nenhum tema específico para as crianças, apenas duas passagens durante outros temas:

- Em determinado momento ao falar sobre o Judogui o palestrante colocou que muitas vezes o árbitro é benevolente com os adultos e rígido com as crianças, ele conclui então que se deve ter a mesma cobrança para as crianças e adultos.

- Após anunciar o término do curso palestrante volta e em quatro minutos cita quais são as técnicas proibidas para as crianças, das 13 horas e 25 minutos, às 13 horas e 29 minutos, o curso terminou às 13:33 após alguns recados.

5) Existe alguma preocupação quanto às regras das crianças? Quais?

A Abordagem sobre as regras das crianças se limita a um conjunto de técnicas proibidas abaixo da categoria juvenil:

- SukuiNague;
- Seoi de Joelho (Direto);
- Kata Guruma;
- Tomoi Nague;
- Kata Otoshi;
- Soto Makikomi (Direto);
- Passagem para Imobilização Torcendo a coluna pegando na gola e na perna;
- Sankaku Gatame

Cabe ressaltar que técnicas como haraigoshi para soto makikomi são válidas.

6) Existe alguma preocupação quanto às relações pessoais com as crianças? Quais?

Pôde-se repetir aqui apenas a questão citada do quimono: não ser mais rígido com as crianças.

7) Existe alguma preocupação quanto às questões biológicas nas crianças? Quais?

Nenhuma preocupação com a questão biológica foi citada durante o curso.

8) Demais anotações relevantes:

Regra do Patrocínio: O palestrante exemplifica que em determinado campeonato o patrocinador do evento pede que seja uma propaganda maior do que a regra permite, aconselha-se que se deixe passar por que o judô precisa de patrocínio nas palavras do palestrante. Percebe-se aqui que a regra tem uma grande influência do modelo olímpico, seguindo até mesmo as dimensões para patrocínio no judogui, mas que em alguns momentos ela acaba sofrendo alguma flexibilização.

Regra das Pegadas: O palestrante coloca que segundo a regra em “pegada normal” o atleta tem 25 segundos para entrar, mas que existe certa flexibilização, o tempo seria apenas um parâmetro. Coloca também que numa “pegada regulamentada” o livro de regras diz de três a cinco segundos, mas que na prática acabaria sendo aplicado sete segundos.

Regra do Exame Médico: O palestrante coloca que até o nível nacional existe a possibilidade de se falar em português com os atletas nas situações que possa ser necessário pedir um exame médico, o árbitro pode perguntar ao atleta se quer o atendimento médico, uma vez que este resulta na sua desclassificação. No caso das crianças essa responsabilidade e esse discernimento são no mínimo complicados para ser deixados para as crianças. Neste curso, especificamente, não se citou os atendimentos às crianças como livres.

Reflexões - curso de árbitros

Pouco ou quase nada do que se trata num curso de arbitragem de judô se refere à competição dos mais jovens. Procurou-se aqui observar o curso de maneira a tentar extrair qualquer conteúdo que dissesse respeito especificamente às regras das crianças. Por este método encontrou-se indicativos de que exista uma regra e que está seja aplicada literalmente, ou como matriz para as demais manifestações do judô, neste caso os mais jovens.

Por se tratar de um estudo transversal não se pôde dizer com certeza que estes temas não são tratados em outros momentos, ou que os temas não sejam tão corriqueiros que não precisem ser tratados no curso. Porém partiu-se do pressuposto de que um curso de formação deva tratar da formação para as crianças uma vez que elas não são adultos em miniatura, possuindo características, fisiológicas, psicológicas, motoras, educacionais diferentes das do adulto.

Ao lidar-se com eventos nas idades mais jovens deve-se lembrar que está é uma fase de formação, a criança se encontra em crescimento e desenvolvimento. Os conhecimentos e os valores têm que ser trabalhados de forma coerente para que se contribua para o desenvolvimento global da criança.

Por último cabe-se questionar-se: de quem é a responsabilidade? Nas diversas instâncias quem é o responsável pela formação da criança? Neste caso específico percebe-se que, ainda que o método não seja conclusivo, as regras, as relações pessoais e as questões do esporte para os mais jovens não são uma responsabilidade assumida pela Federação Paulista de judô no curso de arbitragem, o que levaria ao questionamento de quando e quem seriam os “personagens” que assumiriam esse papel

Como esperado a segunda fase trouxe dados e reflexões mais pontuais sobre o tema, porém em uma quantidade menor do que na primeira fase, restringindo e direcionando o estudo para as questões que foram consideradas mais relevantes para a problemática da competição dos mais jovens.

Até esta fase tinha-se pouco ou nenhuma referência sobre os mais jovens feita por parte daqueles que constroem sua competição. Na terceira fase foram direcionadas questões a esses personagens para que se pudesse verificar ou não esses primeiros indicativos.

3.3 Terceira Fase da Pesquisa:

Entrevista aos Responsáveis

Após aprofundar-se nas primeiras fases da pesquisa na tese de que a competição é construída por “personagens” foi possível nas duas últimas fases entrevistar alguns agentes relevantes para a construção social da competição de judô. Nesta fase foram entrevistados os responsáveis pelas agremiações de uma das delegacias do Estado de São Paulo. Tentou-se assim descrever “quem” são esses personagens e quais são suas concepções sobre alguns elementos da competição dos mais jovens, sobretudo entendendo-se como esses elementos podem influenciar a construção da estrutura social da competição dos mais jovens.

Materiais e Métodos – Entrevista Responsáveis

A análise dos dados depende da leitura das transcrições e revisão do áudio para dar um panorama geral dos resultados, como sugere Bardin (2002), através delas fechou-se as categorias a serem analisadas, com as categorias definidas levantou-se as frequências dos posicionamentos segundo cada categoria. Este processo trás valores numéricos o que facilita interpretações e reflexões posteriores.

Alguns dados relevantes são alvos de reflexões mesmo que não sejam frequentes em diversos questionários. O fato das entrevistas serem áudio-grafadas facilita a pré-análise. As interpretações dos resultados obtidos dependem principalmente de um “olhar” da sociologia, “visualizando-se” fatores sociais envolvidos e a sociogênese do fenômeno, para que então se possa fazer reflexões educacionais, ou seja, quais os conhecimentos e quais os valores que estão sendo trabalhados neste ambiente.

Tipo de Estudo – Entrevista Responsáveis:

Bardin (2002) cita a análise de conteúdo com um método de traduzir numericamente dados coletados por instrumentos abertos. Trabalhou-se anteriormente

(CAZETTO et al, 2005a) baseados no método adaptado por Ritz (2000), que constrói instrumentos fechados quantitativos através de informações coletadas de forma qualitativas (reuniões com diversos profissionais que tem conhecimentos sobre o objeto de estudo).

Primeiramente havia-se projetado duas etapas uma qualitativa e outra quantitativa, porém durante o estudo diversos fatores contribuíram para que nos concentrássemos exclusivamente na etapa qualitativa, dentre eles o principal foi a inserção da abordagem sociológica, o que permitiu melhores ferramentas para interpretações a respeito da sociogênese dos fenômenos estudados.

Através da experiência adquirida na aplicação das investigações em eventos (LOLLO, CAZETTO, MONTAGNER, 2004) e a aplicação em agremiações (CAZETTO e PAES 2004a) concluí-se que a primeira é uma forma mais rápida e econômica, e atinge um número maior de participantes, ainda que esses eventos restrinjam a amostra.

O judô acontece socialmente em diversos “cenários”, nem todos esses “cenários” participam de competições, nesse sentido ao se utilizar de eventos para coletar dados não se consegue “dar conta” de todas as possibilidades que acontecem no judô socialmente.

Abrangência do Estudo – Entrevista Responsáveis

O estudo de campo tem um teor subjetivo por compilar dados referentes às percepções e opiniões dos diversos personagens, constrói-se assim uma “imagem”, uma interpretação, resultado de uma compilação de dados através de um recorte transversal do posicionamento, da “atitude”, frente a cada dimensão do instrumento expressas nas diversas asserções. Cada questionário visa expressar de maneira clara e numérica as visões de mundo sobre o fenômeno competitivo. Enquanto “personagens”, árbitros, dirigentes, pais, desempenham papéis políticos, suas ações se relacionam de maneira complexa para construção histórica de nossa realidade.

Sujeitos do Estudo – Entrevista Responsáveis

O Estudo foi restrito a sujeitos adultos de ambos os sexos capazes de responder voluntariamente os questionários não atingindo nenhuma das “populações especiais” descritas nas resoluções 196/96²². Inicialmente projetou-se para a amostra dessa fase um máximo de 30

²² Para maiores informações sobre resoluções sobre aspectos éticos acessar <http://www.fcm.unicamp.br/pesquisa/resolucoes.php>.

indivíduos voluntários pelas limitações de análise dos resultados pelo método qualitativo, daí que destacamos o tempo de tabulação e o tempo de interpretação. Somente foram incluídos sujeitos voluntários através de métodos aceitos e acordados com os organizadores dos eventos em plena concordância com as normas por eles estabelecidas, podendo ser sorteados aleatoriamente ou por acessibilidade dependendo das condições dos organizadores e do evento.

Piloto do Questionário e da Entrevista:

Primeiramente foi construído um questionário piloto sobre judô e competição dos mais jovens. Utilizou-se como materiais um caderno de anotações, uma caneta esferográfica, um gravador de voz marca Powerpack modelo Digital Voice Recorder DVR-800II plus, um relógio marca Timex modelo IronMan Triathlon, duas cadeiras e uma mesa, questionários impressos, e termo de consentimento livre e esclarecido.

Aplicação do Questionário e Entrevista Piloto

Como piloto da pesquisa estabeleceu-se como alvo a população dos atletas/alunos de judô de uma equipe eminentemente composta por adultos. Entrou-se em contato com um professor responsável pelas atividades através de seu e-mail pessoal esclarecendo sobre o projeto (objetivo, materiais e métodos) e pediu-se a autorização para realizar a pesquisa.

No dia 16 de setembro de 2006 o professor respondeu positivamente. No dia 25 de setembro de 2006 chegou-se antes da aula e instruiu-se o professor para que pedisse aos alunos para conversar com o pesquisador sobre uma pesquisa de judô, pediu-se que o professor não desse mais detalhes sobre a pesquisa para que estes não influenciassem os resultados. O professor respondeu positivamente, assim no dia chegou-se antes da aula e instruiu-se o professor para que pedisse aos alunos para conversar com o pesquisador sobre uma pesquisa de judô.

No início da aula o professor relatou a presença do pesquisador e falou sobre a pesquisa da maneira que foi requisitado, os alunos voluntários foram entrevistados na medida em que era viável durante a aula.

Um a um os entrevistados chegaram à mesa para se sentar frente a frente com o entrevistador que esclarecia sobre a natureza da pesquisa e sobre o tratamento dos dados. O termo de consentimento era entregue e lido. Os alunos que concordaram em participar da entrevista assinaram o termo de consentimento e preencheram os questionários. O termo de consentimento era guardado em um envelope separado sem qualquer ordem. O questionário era numerado de maneira a coincidir com a gravação da entrevista.

As questões sócio-demográficas eram preenchidas a caneta no próprio questionário depois era dada início à entrevista áudio-grafada, o questionário da entrevista ficava no verso do questionário escrito. O período total do procedimento levou uma hora e onze minutos, das doze horas às 13 horas e onze minutos.

O caderno de anotações (diário de campo) foi levado para que fossem anotadas quaisquer eventualidades ou observações a respeito da pesquisa. Após o piloto foi efetuada uma pré-análise para que se fizessem os ajustes necessários ao instrumento ou ao método de aplicação.

Construção e interpretação gráfica

Os gráficos aqui representados mostram o posicionamento dos entrevistados com relação ao total de entrevistas em cada categoria analisada em cada uma das perguntas, podendo ser positivo, negativo ou nulo.

Cada uma das entrevistas que contenham uma resposta positiva ou negativa com relação a uma categoria analisada representa no gráfico um (1) dividido pelo número total de entrevistas. Uma única resposta pode se enquadrar em mais do que uma categoria, porém ela não pode representar em uma mesma categoria um valor positivo e negativo ao mesmo tempo, neste caso o valor é nulo.

Optou-se por representar graficamente apenas as categorias analisadas que tiveram frequência igual ou superior a 25% de maneira a simplificar e limitar a quantidade de informações contida em cada gráfico.

Validade do Questionário/Entrevista

Cada questionário/entrevista precisa ser testado quanto a sua validade, pois sua contabilização influencia o percentual que representa cada um dos outros questionários com relação ao total.

Na segunda parte (entrevista) todos os entrevistados responderam as perguntas e as respostas foram coerentes com o que foi perguntado, não foi necessário assim eliminar nenhuma entrevista. Já na primeira parte teve-se um (1) dos questionários sem respostas, neste caso seu valor não é utilizado para os cálculos referentes a idades e tempo de prática, porém tem que ser contabilizado para os percentuais de perguntas sobre gênero, faixa, e profissão devido à natureza da análise.

Resultados do Piloto

Descrição da amostra

Obteve-se 13 questionários/entrevistas, nenhum dos entrevistados voluntários se recusou a participar da pesquisa após lerem o termo de consentimento livre e esclarecido ou durante a pesquisa. Nenhum dos entrevistados se negou a responder nenhuma das perguntas, tão pouco, foram feitas reclamações quanto à natureza das mesmas.

O questionário se dividia em duas partes. Na primeira parte havia cinco perguntas a serem respondidas a mão no próprio questionário. No verso havia mais quatro perguntas a serem respondidas na forma de entrevista. Na primeira parte do questionário havia as seguintes perguntas:

- 1 - Idade:
- 2 - Sexo:
- 3 - Profissão:
- 4 - Faixa:
- 5 - Tempo que pratica judô:

O principal objetivo dessas questões era entender quais são as características sociais desse grupo, propiciando reflexões sobre as características do grupo e suas respostas. Outra possibilidade de análise era o cruzamento de dados entre as perguntas, por exemplo, a

idade influencia na faixa ou no tempo de prática de judô, ou mesmo o cruzamento com as perguntas da segunda parte do questionário, por exemplo, a profissão influencia no significado da competição. Porém esses cruzamentos não foram feitos devido ao “n” de cada uma das fases limitado pelo tipo de análise e pela estratégia de coleta em eventos.

Ajustes do Instrumento

As respostas dos entrevistados indicaram idades entre 20 e 30 anos e tiveram média igual a 24,42 anos, sendo que 91,67% respondeu ser do sexo masculino e apenas 8,33% do sexo feminino. Quanto à profissão 83,33% declarou ser estudante e apenas 16,67% declararam ser professores. Quanto à faixa 25% se declararam faixa marrom, 8,33 roxa, 33,33% verde e 33,33% azul. Quanto ao tempo de prática a resposta de menor tempo foi de um ano e meio e a maior foi de 22 anos, a média de tempo de prática respondido foi de 6,25 anos, porém como existiam dados discrepantes utilizou-se a mediana que foi igual a quatro anos de prática.

As transcrições foram realizadas no período de 25 de setembro a 27 de setembro de 2006. O resultado dessa primeira parte do Piloto indica que todas as perguntas foram compreendidas e respondidas de maneira que seja possível o tratamento de dados da forma prevista. Não foi necessário nenhum ajuste para as próximas fases nesta parte do questionário.

A segunda parte do questionário eram as perguntas abertas a serem respondidas de forma oral para assim serem gravadas e posteriormente transcritas:

- 6 - O que é o judô para você?
- 7 - O que é a competição de judô na sua opinião?
- 8 - Como deveria ser a competição de judô na sua opinião?
- 9 - Para que serve a competição de judô na sua opinião?

A primeira pergunta da segunda parte (número seis) não gerou qualquer dúvida e foi mantida no mesmo formato para as próximas fases. A intenção nesta pergunta era entender o que os entrevistados entendiam por judô, qual era o significado dessa prática para eles. Esse questionamento responderia, por exemplo, se eles vêem o judô como uma modalidade esportiva, como uma arte marcial, como uma filosofia de vida.

Nas pergunta sete, oito e nove, trocou-se a ordem de escrita começando a pergunta por “na sua opinião” por acreditar que dessa maneira a pergunta ficariam mais clara.

Essas três perguntas também foram entendidas e respondidas sem maiores problemas, exceto pelo fato da maior parte das respostas não contemplar nenhuma colocação sobre as crianças.

Assim como nas fases anteriores o ambiente pesquisado parecia não ter uma preocupação específica com a criança, nos questionários ao se perguntar sobre o judô ou sobre a competição dificilmente se obtinham respostas que envolvessem alguma questão ligada aos mais jovens.

Neste ponto tinha-se duas opções possíveis: verificar essa hipótese ou tentar entender não só como os personagens entendiam a competição e o judô, mas também como elas entendiam esses fenômenos ligados aos mais jovens. As respostas da segunda parte tiveram seu tempo de resposta variando entre 52 segundo e três minutos, mesmo nos caso mais demorados e somando com o tempo de resposta da primeira parte e a leitura do termo de consentimento não excederia muito a meta estabelecida de não tomar mais do que cinco minutos de cada entrevistado no evento e nos casos mais demorados não passar de dez minutos. Pôde-se então adicionar três perguntas especificando os atletas jovens.

Adicionou-se também uma nova pergunta sobre quais as possíveis contribuições que estudos científicos podem trazer para o judô. Talvez o melhor termo neste caso fosse estudos acadêmicos, porém a o termo poderia gerar mais dúvidas, por isso utilizou-se o termo “científicos”. Esta pergunta nos permitia entender a concepção de estudos científicos/acadêmicos pelas entrevistas além de levantar possíveis contribuições que os estudos poderiam trazer para a sociedade.

A pergunta “o que é a competição” foi trocada por como é a competição, o que aumentava as possibilidades de resposta e traduzia melhor nosso questionamento. Devido à variação nas respostas do piloto resolveu-se também especificar o âmbito da competição, restringindo à região do entrevistado e ao estado de São Paulo.

Deliberadamente utilizou-se destaques com a primeira letra ou com todas as letras em maiúsculos de maneira a facilitar o entendimento do entrevistador e do entrevistado. O questionário final ficou da seguinte maneira:

Primeira parte:

- 1) Idade:
- 2) Sexo:
- 3) Profissão:

4) Faixa:

5) Há quanto tempo pratica judô:

Segunda parte

6) O que é o judô para você?

7) Na sua opinião, quais as possíveis contribuições que estudos científicos podem ou devem trazer para o judô?

8) Na sua opinião, Como é a competição hoje na sua região e no Estado de São Paulo?

9) Na sua opinião, deveria existir alguma mudança nas competições de judô?

10) Para que servem, qual a finalidade, das competições de judô?

11) Na sua opinião, Como é a competição DOS MAIS JOVENS hoje na sua região e no Estado de São Paulo?

12) Na sua opinião, deveria existir alguma mudança nas competições DOS MAIS JOVENS de judô?

13) Para que servem, qual a finalidade, das competições de judô DOS MAIS JOVENS?

Resultados – Entrevista Responsáveis

Nesta fase estabeleceu-se contato via correio eletrônico com o delegado regional, obtendo previamente sua permissão para aplicar o instrumento de pesquisa. Chegou-se antecipadamente no dia 28 de janeiro de 2007 às oito horas e 28 minutos preparando todos os materiais necessários para as entrevistas antes de começar a reunião.

No começo da reunião o delegado apresentou o pesquisador e um a um os voluntários vieram até a mesa para realizar a entrevista, neste momento perguntava-se se a pessoa poderia dispor de aproximadamente cinco minutos para responder ao questionário e no caso afirmativo esclarecia-se sobre as questões éticas e sobre a natureza da pesquisa.

Após esclarecerem-se todas as dúvidas e entregar-se o termo de consentimento de participação da pesquisa aplicou-se o questionário e logo após a entrevista. Todos os entrevistados tiveram acesso ao telefone para eventuais denúncias sobre a pesquisa e o contato para obtenção dos resultados e acesso a pesquisas anteriores.

Iniciamos a primeira entrevista às nove horas e dois minutos. Foi possível coletar 13 entrevistas até o término da reunião às onze horas e trinta e cinco minutos. Não se pôde precisar exatamente o número de responsáveis presentes devido ao fato de que durante a reunião podem participar alguns acompanhantes e alguns responsáveis podem faltar, além disso, uma mesma pessoa pode ser responsável por mais de uma agremiação.

Atualmente essa mesma delegacia conta com 29 agremiações, porém na época a Federação Paulista de Judô retirou essa informação de seu site para atualizações. Não foi feito nenhum tipo de chamada durante a reunião e evitou-se maiores questionamentos ao delegado se existia alguma agremiação que não havia comparecido ou alguma outra eventualidade para evitar atrapalhar o andamento do evento uma vez que é o delegado que conduz a reunião e de que se tentou minimizar a influência sobre outros personagens que seriam foco da pesquisa. Estimou-se que o número de agremiações não tenha se alterado durante os últimos anos de modo a influenciar as interpretações da pesquisa.

A duração média de cada entrevista foi de quatro minutos e três segundos, sendo que a entrevista mais longa durou sete minutos e vinte um segundos e a menor entrevista durou um minuto e trinta e um segundos. Atendendo ao nosso planejamento e cumprindo o comprometimento com os entrevistados de maneira a não atrapalhar os eventos.

A grande maioria dos entrevistados respondeu ser do sexo masculino (76,92%) e apenas 15,38% respondeu ser do sexo feminino, somente um dos questionários não teve resposta nesta pergunta.

A média de idade foi de 42,92 anos sendo que a menor idade foi 24 anos e a maior de 76 anos. A maioria dos entrevistados respondeu ter mais de 30 anos (84,62%).

Mais da metade dos entrevistados (53,85% respondeu algo ligado à docência na pergunta sobre profissão. Foram 7,69% professores, 30,77% professores de educação física e 15,30% trabalhar com judô. O restante respondeu ter outras profissões, tais como engenharia (23,08%), ou vendas e funcionários públicos com 7,69% cada uma. Apenas um questionário não teve resposta nessa pergunta.

A maioria dos entrevistados (92,31%) respondeu ser faixa preta ou assinalou algum dan²³, apenas um questionário não respondeu essa questão. As respostas indicam que a

²³ Dan se refere a uma graduação hierárquica no Judô, quanto maior o dan (grau) mais alta a posição hierárquica.

maioria dos entrevistados tem considerável experiência e conhecimento no judô. Pôde-se afirmar que pelo menos 23,08% afirmaram portar o segundo dan e ainda que 38,46% afirmaram portar graduações ainda mais altas, porém os que preencheram apenas “preta” (30,77) podem ser portadores de graus acima. Eles ainda responderam ter entre 15 e 50 anos de prática de judô, a média de tempo de prática respondido foi de 29,75 anos.

Resumidamente pôde-se dizer que as respostas indicam que nossa amostra é constituída em sua maioria por homens adultos maiores de 30 anos com considerável experiência e conhecimento no judô.

Conhecendo nossa amostra podemos agora analisar o conteúdo do discurso desses personagens que ajudam a construir a competição dos mais jovens passando a analisar e interpretar a parte áudio-grafada da entrevista.

Pergunta número 6: O que é o judô para você?

Nesta pergunta esperávamos entender o significado do judô para os personagens da competição. Tínhamos como hipóteses que o judô poderia aparecer como uma modalidade esportiva, como uma arte marcial, como uma forma de condicionamento físico entre outras possibilidades.

A concepção sobre o judô pode resultar em práticas e formatos diferentes de aulas dentro de cada agremiação, esses formatos tem implicações pedagógicas diferentes.

Um exemplo possível seria se tivéssemos um grupo que “visse” o judô muito mais como uma arte marcial do que como um esporte (modalidade esportiva), poder-se-ia ter nesse grupo diversos tipos de treinamentos que não necessariamente seguiriam as técnicas permitidas na luta esportiva. Enquanto que se tivéssemos um grupo que “visse” eminentemente como esporte poderíamos “jamais” ter treinamentos de técnicas e situações fora do esporte.

Outro exemplo seria um grupo que vê mais como uma atividade de condicionamento físico e outro que vê mais como filosofia, ambos os grupos poderiam ser professores de aulas exigentes do ponto de vista físico, porém por motivos completamente diferentes.

As respostas obtidas foram agrupadas em cinco categorias. Foram elas: filosofia de vida; moral e ética; condicionamento físico; aprendizagem e educação; e esporte.

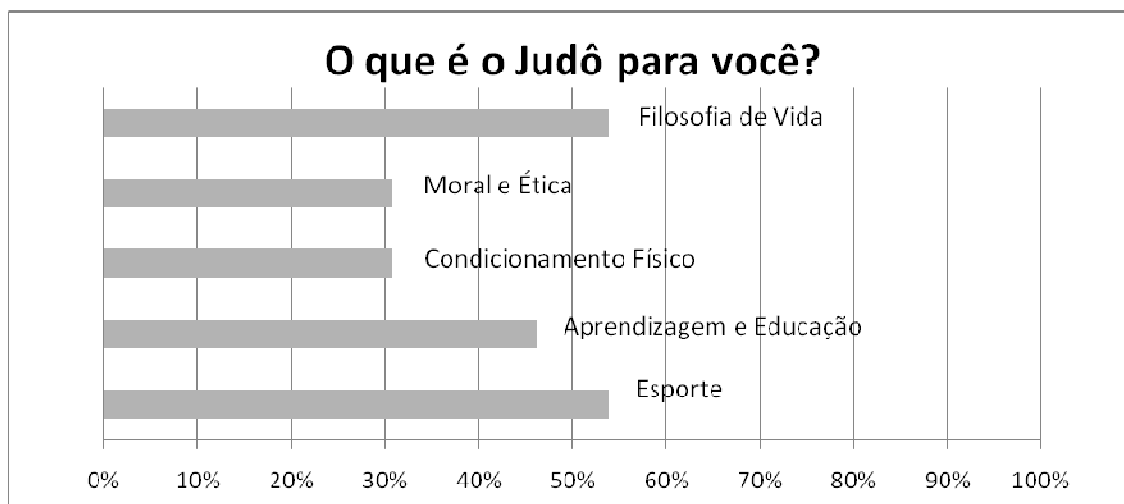


Gráfico 1 – O que é o judô para você?

O judô como modalidade esportiva (Esporte)

Teve-se uma frequência de 53,85% das respostas dos entrevistados caracterizando o judô como uma atividade esportiva, nesta categoria agrupou-se afirmações do tipo:

“O judô é um esporte [...]”

“o judô é uma modalidade esportiva [...]”

“O judô [...] onde consegui me realizar como atleta [...]”

Nesta categoria teve-se o maior percentual de questionários que contiveram respostas contendo a categoria analisada, juntamente com a categoria filosofia de vida. Não se obteve nenhuma resposta negativa²⁴ nesta categoria.

O judô como uma filosofia de Vida

A frequência das respostas dos entrevistados caracterizando o judô como filosofia de vida foi de 53,85%, nesta categoria agrupou-se afirmações do tipo:

“[...] um estilo de vida [...]”

“[...] numa maneira de você viver [...]”

“[...] é uma filosofia de vida [...]”

²⁴ Negativo e positivo neste caso não se referem a juízos de valor, mas sim ao posicionamento com relação a determinada categoria, se resposta é uma afirmação, por exemplo “o judô é uma modalidade esportiva” ela é positiva, se ela é uma negação, por exemplo “o judô não é um esporte” ela é negativa.

Juntamente com o esporte essa foi a categoria com maior número de respostas. Não se obteve nenhum posicionamento negativo com relação a essa categoria.

O judô como aprendizagem e educação

Obteve-se 46,15% das falas dos entrevistados caracterizando o judô como um meio de aprendizagem ou educação, nesta categoria agrupamos afirmações do tipo:

“[...] é também o aspecto da formação do indivíduo [...]”

“[...] uma situação para você tirar um aprendizado [...]”

“[...] é um meio educacional [...]”

Não houve nenhum posicionamento negativo com relação a essa categoria.

O judô ligado à Moral e Ética

Obteve-se 30,77% dos discursos dos entrevistados caracterizando o judô como algo importante devido, à ética, à moral ou a formação do caráter, nesta categoria agrupou-se afirmações do tipo:

“[...] formação do caráter da pessoa [...]”

“[...] necessário para [...] moral do indivíduo [...]”

“[...] perspectivas ligado a ética [...]”

Não houve nenhum posicionamento negativo com relação a essa categoria.

O judô como condicionamento físico

Obteve-se 30,77% de frequência de respostas dos entrevistados caracterizando o judô como uma forma de condicionamento físico, nesta categoria agrupou-se afirmações do tipo:

“[...] uma maneira de você realizar atividade física [...]”

“[...] condiciona bem o corpo [...]”

“[...] necessário para a condição física [...]”

Não houve nenhum posicionamento negativo com relação a essa categoria.

Em uma análise geral pode-se perceber como são variados os significados do judô mesmo em um número de entrevistados pequeno. Houve cinco categorias diferentes com mais de 30% de respostas dos entrevistados.

Embora possa se discutir academicamente se o judô, assim como outras práticas, é uma luta ou uma arte marcial, a palavra luta não aparece nenhuma vez e a palavra arte marcial só uma. Por outro lado o judô é descrito como atividade educativa, como filosofia de vida e como esporte.

Nesse contexto cabe ressaltar algumas questões históricas da passagem dos 'Jitsu' para os 'Do'. As práticas japonesas eram descritas através do ideograma jitsu, que significa arte, era o caso do jiu-jitsu, kenjutsu, e o aikijutsu, se transformando em respectivamente em judô, kendô e aikidô. O jiu-jitsu, arte da flexibilidade se transformando em judô caminho da flexibilidade. Uma literatura que descreve esse processo no judô é o texto escrito pelo próprio Jigoro Kano e divulgado pela federação paulista de judô (Kano, 1986; FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ, 1998).

O contexto social dessa época, era Meiji²⁵, era de profundas transformações sociais, se por um lado as transformações trouxeram benefícios por outro também pode se perder patrimônios culturais inerentes à arte. O discurso atual dos responsáveis pelas agremiações reflete um pouco desse sentimento de progresso, ou seja, o judô é muito mais lembrado enquanto uma modalidade esportiva do que enquanto uma arte. É lembrado também como educação e como filosofia, talvez uma mudança fundamental que caracterize o judô. Ou seja, aspectos positivos e negativos decorrem das transformações sociais.

Retomando Elias (1993) é necessário lembrar que a sociedade evolui, mas, não necessariamente progride, as mudanças não são intencionais, deliberada, nem são irracionais, incompreensíveis, em cada momento histórico cada detentor do poder tentar tirar para o máximo da situação para si. Pensando em possibilidades pedagógicas o processo de esportivização que permitiu a difusão mundial do judô, também tente a um modelo único de práticas. Pode-se deixar muitas outras possibilidades inclusive aquelas ligadas às raízes históricas do jiu-jitsu e da busca pela sobrevivência inerente a arte marcial.

²⁵ Era Meiji é uma era de profundas transformações sociais ocorridas no Japão no século XIX.

Ao contrário do que se podia imaginar poucos entrevistados citam a questão do alto rendimento, ou da competição apesar de citarem o esporte que poderia ser interpretado dessa maneira, a profissão também aparece poucas vezes. Ou seja, quando se tenta entender o significado do judô para esses personagens não é marcante no discurso a presença de ligações com as práticas olímpicas ou profissionais ou mesmo de uma atividade laboral.

Agrupou-se em categorias diferentes os discursos que falavam de ética e os que falavam em aprendizado e educação devido à natureza e o sentido das respostas, porém se fossem consideradas as duas categorias como uma só obter-se-ia a categoria com o maior número de afirmações (61,54%).

Pergunta número 7: Na sua opinião, quais as possíveis contribuições que estudo científicos podem ou devem trazer para o judô?

Nesta pergunta esperava-se entender o que os entrevistados consideravam como possíveis contribuições da ciência para o judô. Tinha-se como hipóteses que determinados grupos poderiam enfatizar as questões ligadas ao rendimento, enquanto que outros poderiam pensar mais questões pedagógicas ligadas à educação dos mais jovens.

Além disso, as populações entrevistadas poderiam fornecer necessidades sociais relevantes não antes exploradas que poderiam ser necessárias e importantes para determinado grupo ou para a sociedade como um todo e que não foram ou não tem sido contempladas pelos estudos acadêmicos.

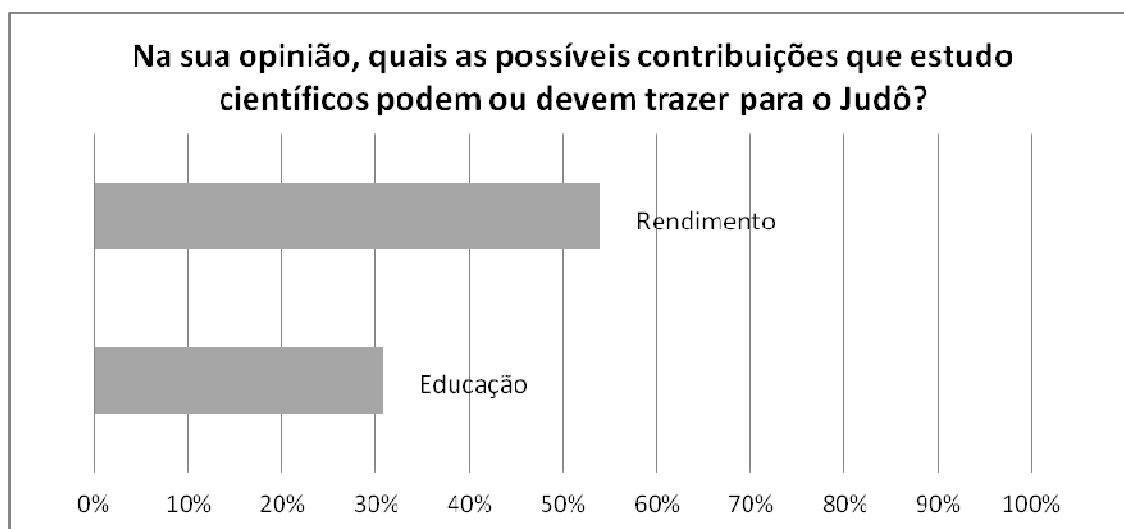


Gráfico 2 – Na sua opinião, quais as possíveis contribuições que estudos científicos podem ou devem trazer para o judô?

As contribuições da ciência para o judô ligadas com o rendimento competitivo

Obteve-se 53,84% das falas dos entrevistados colocando que a ciência poderia contribuir para judô citando questões ligadas com o rendimento ou com a parte esportiva no sentido de competição. Nesta categoria agrupamos afirmações do tipo:

“[...] principalmente na parte de treinamento para alto rendimento [...]”

“[...] a ciência está cada vez mais envolvida nos esporte de alto rendimento [...]”

“[...] de melhorar desempenho de atleta [...]”

Não houve nenhum posicionamento negativo com relação a essa categoria.

Duas afirmações não foram colocadas nesta categoria por não se “encaixarem” perfeitamente dentro desse grupo de respostas, a primeira foi “desenvolvimento do corpo”, a afirmação poderia ser interpretada como desenvolvimento do corpo para questões ligadas ao rendimento, mas também poderia ser interpretada como desenvolvimento para a saúde, ou outras questões, não ficava claro assim a ligação com o rendimento.

A segunda afirmação foi “[...] na preservação do organismo, na parte de contusão [...] prolonga mais a vida dos atletas.”, essa afirmação não foi colocada na categoria, pois apesar de fazer menção ao atleta não colocava necessariamente a questão do rendimento.

Caso considerasse-se essas duas afirmações o percentual de entrevistados que citaram questões ligadas com o rendimento competitivo subiria para 69,23% que entenderiam que a ciência deveria contribuir para as questões ligadas ao rendimento.

Nenhum dos questionários se referiu diretamente com termos ligados às crianças, por exemplo, mais jovens, infantil, ou mesmo criança. Não aparece no discurso do responsáveis a possibilidade da ciência no processo de competição dos mais jovens.

As contribuições da ciência para o judô ligadas com a Educação

Obteve-se 30,77% de frequência de respostas dos entrevistados colocaram que a ciência poderia contribuir para o judô citando questões ligadas com o rendimento ou com a parte esportiva no sentido de competição. Nesta categoria agrupou-se afirmações do tipo:

“[...] na forma de aprendizado [...]”

“[...] na pedagógica e de formação [...]”

“[...] em relação a atitudes comportamentos, disciplina respeito [...]”

Não houve nenhum posicionamento negativo com relação a essa categoria.

A idéia de dividir as falas nessas duas categorias não quer dizer que na pedagogia não haja rendimento, mas sim que talvez sua busca não seja o ponto central neste “cenário”, nem que no rendimento não haja ensino, mas sim que existem preocupações relevantes para a educação dos mais jovens que muitas vezes podem entrar em conflito com certas necessidades do “cenário” mais ligado ao rendimento. Mas sim que as afirmações parecem se dividir em dois grupos que citam separadamente esses dois aspectos dentro do cenário do judô. Pode-se pensar em ações pedagógicas de rendimento e ações pedagógicas de formação.

Dentre esses entrevistados obteve-se 15,39% responderam os dois aspectos e se referiram com oposição aos dois fenômenos, por exemplo: “tanto na forma de aprendizado, como também na parte de desempenho.”; ou “principalmente na parte de treinamento para alto rendimento, mas também na pedagógica e de formação.”. Reforçando a idéia de que exista, pelo menos simbolicamente, uma distinção entre esses dois campos.

Pode-se traçar pelo menos três hipóteses sobre esses resultados:

- Ao se perguntar sobre ciência se não se inclui a pedagogia;
- Os entrevistados não acreditam que seja importante discutir o que ensinar, como ensinar, para que e por que ensinar.
- Os entrevistados acreditam que o rendimento é mais importante por isso deva ser pesquisado pela ciência.

O número de pessoas que citam questões ligadas ao rendimento é aproximadamente duas vezes maior do que o número de pessoas que cita questões ligadas ao aprendizado e a educação. Apesar do termo ‘ciência’ ser mais facilmente entendido pelos entrevistados, trocou-se na quarta fase da pesquisa pelo termo ‘acadêmico’ no sentido de incluir mais áreas, mesmo que o termo não seja tão facilmente entendido pelas pessoas que não fazem parte da área.

Pergunta número 8: Na sua opinião, Como é a competição hoje na sua região e no Estado de São Paulo?

Nesta pergunta esperava-se obter uma descrição dos campeonatos do ponto de vista de cada grupo de personagens. Possivelmente se colocando a favor ou contra alguma questão relativa à maneira que a competição se arquiteta.

Outra análise possível seria verificar a natureza do concordar ou discordar por parte dos entrevistados. Enquanto um grupo poderia discordar algum ponto de aplicação das regras outro poderia discordar da própria regra em si.

Até a aplicação do piloto acreditava-se que possivelmente alguns voluntários se colocariam a favor ou contra a competição dos mais jovens elencando motivos e questões que poderiam ser mudadas ou refletidas neste cenário, porém a partir do piloto e das demais coletas de dados começou-se a perceber outras categorias.

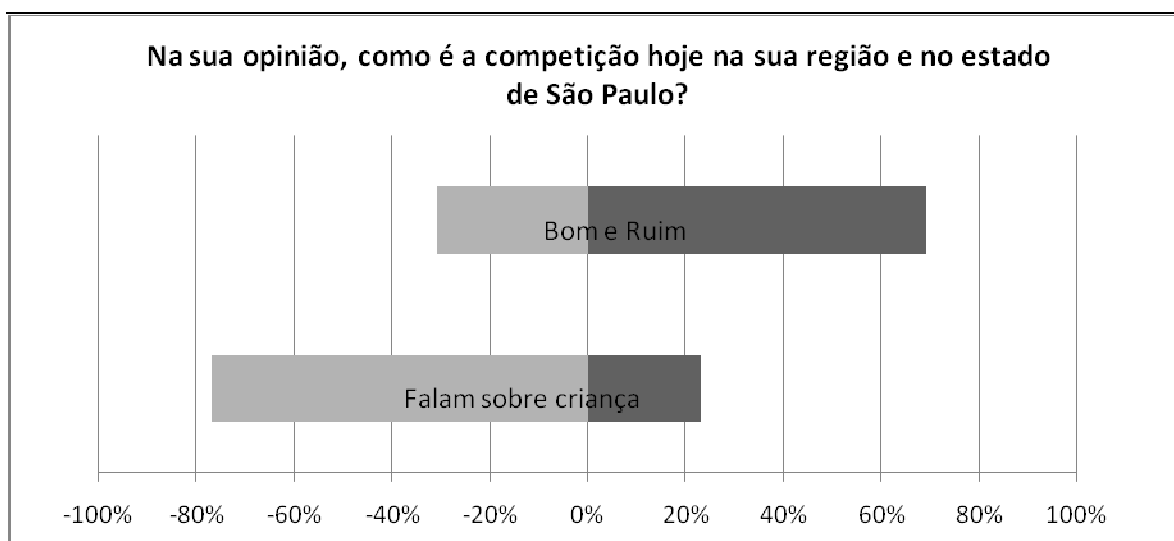


Gráfico 3 – Na sua opinião, como é a competição hoje na sua região e no estado de São Paulo.

A presença dos mais jovens ao descrever a competição de judô

Nesta categoria procurou-se avaliar a presença ou a ausência dos mais jovens ao se falar sobre a competição de judô. 76,92% dos entrevistados não fizeram nenhuma colocação a respeito das crianças ao falar sobre a competição de judô, enquanto que apenas 23,08% fizeram alguma referência aos mais jovens.

A competição como Boa ou Ruim

Ao descrever a competição os 84,62% dos entrevistados refletiram sobre a competição se referindo a ela como algo bom ou ruim, fazendo alguma referência positiva ou negativa sobre a competição. Agrupou-se nesta categoria afirmações (positivas) do tipo:

“[...] são organizadas de uma boa forma[...]

“[...] eu acho que excelente [...]

“[...] é extremamente organizada [...]

E as negativas poderiam se compor das mesmas frases na negativa, ou, por exemplo, alguma outra ressalva quanto à competição:

“[...] tem um perfil muito mercantilista [...]

Ao descrever a competição pouco se fala sobre a sua estrutura, ou seja, sobre as características sociais desse modelo competitivo. Não se descreve diferenças entre as diversas idades das pessoas que participam desses eventos, ou o que justificaria o evento de determinada maneira e para determinada finalidade.

Apenas um (1) entrevistado cita a questão dos valores, ou seja, aqueles que concordam ou discordam da competição não se justificam através da formação de valores ou não entendem que o modelo tem consequências sobre essa formação.

Os resultados levantam a hipótese de que talvez ao pensar em competição as pessoas não façam distinção entre a diversidade dos participantes, ou seja, talvez não apenas esses personagens não pensem em crianças, ou em iniciantes ao serem indagados sobre a competição, mas sim essa questão pode fazer parte de todo um contexto social maior em que se pensa a competição como um fenômeno único e não como um fenômeno polifórmico com inúmeras possibilidades educacionais.

Pergunta número 9: Na sua opinião, deveria existir alguma mudança nas competições de judô?

Embora a questão anterior desse “espaço” para colocações a respeito de possíveis mudanças a serem sugeridas por algum personagem poder-se-ia ter um grupo pequeno e muito diverso no sentido da natureza das mudanças sugeridas.

Essa questão foi elaborada para verificar a natureza das possíveis mudanças sugeridas mesmo por aqueles que não se posicionariam espontaneamente a respeito de alguma alteração. Essa questão não serve assim para verificar se as pessoas sugerem modificações, uma

vez que ela pode induzir alguns candidatos a sugerir-las, podemos avaliar sim a natureza das mudanças sugeridas.

Um determinado grupo poderia sugerir alterações mais relacionadas às regras, outro mais relacionado às relações interpessoais, outro mais relacionado ao calendário esportivo, etc. Hipóteses possíveis são que não houvesse diferenciação entre o grupo dos mais jovens e os demais grupos e de que não houvesse diferenciação dentre os grupos dos mais jovens.

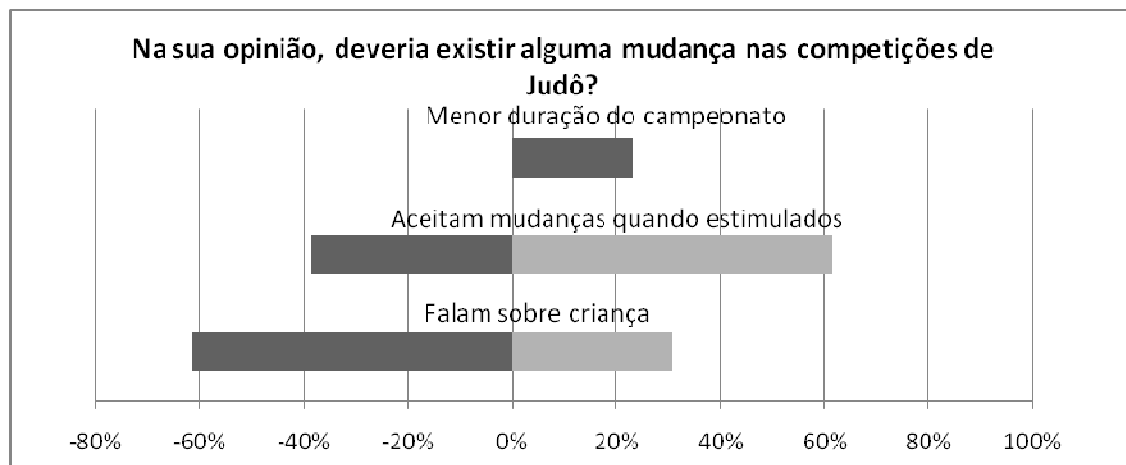


Gráfico 4 – Na sua opinião, deveria existir alguma mudança nas competições de judô?

Quando estimulado a refletir sobre possíveis mudanças ainda tem-se 38,46% que declaram que não acreditam em mudanças. Apenas 30,77 dos entrevistados fez alguma colocação sobre os mais jovens, porém se compararmos com aqueles que acreditam em mudanças teríamos 50% das pessoas que acreditam em mudanças citando alguma questão relacionada com os mais jovens. Porém vale lembrar que no momento da pesquisa estavam acontecendo modificações nas categorias mais jovens.

Dentre as mudanças sugeridas a mais freqüente é com relação à duração total do campeonato. Apenas um (1) entrevistado cita a necessidade de novas propostas para que haja mudanças. Somente um (1) reflete sobre o objetivo da competição. Não se faz colocações sobre o modelo e nem sobre os valores neste ambiente.

A duração do campeonato está intrinsecamente ligada à seu modelo, como constatado no fase 1 da pesquisa o número de participantes de um campeonato é necessário para que o campeonato não dê prejuízo, assim se por um lado determinado modelo de campeonato pode trazer benefícios por outro este mesmo modelo pode resultar em problemas.

Pergunta número 10: Para que servem, qual a finalidade, das competições de judô?

Nesta pergunta poder-se-ia diferenciar grupos e finalidades para as competições que possivelmente resultam em formatos diferentes de eventos implicam em aprendizagem de valores diferentes.

Possivelmente poder-se-ia ter grupos que acreditasse que a competição serve como seleção de talentos para o esporte olímpico, enquanto outro grupo poderia acreditar que a competição serve para educar as crianças para um mundo competitivo.

Determinado grupo poderia acreditar que a competição tem que ter determinado formato igual ou diferente do atual para atender a determinada finalidade.

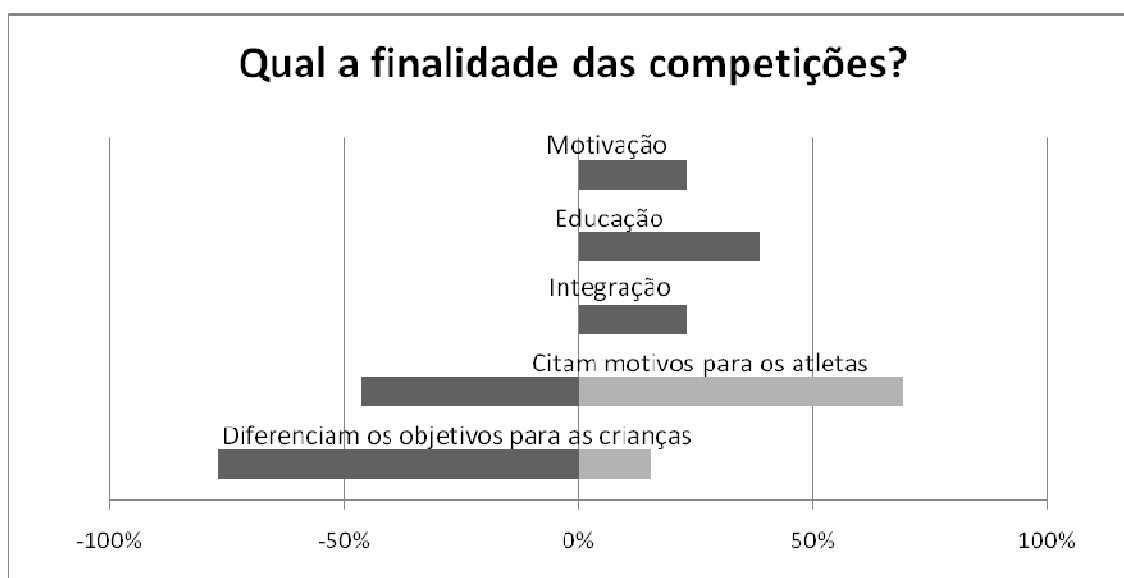


Gráfico 5 – Qual a finalidade das competições de judô?

Nesta pergunta houve uma grande diversidade de respostas, poder-se-ia dividir as resposta em 12 categorias diferentes, as quais em um “n” maior poderiam ter frequências possíveis de ser analisadas, por hora, neste estudo, analisou-se três categorias, foram elas: motivação; educação e aprendizagem; integração social.

Diferenciam os objetivos para as crianças

Ao descrever os objetivos da competição apenas 15% dos entrevistados diferenciaram os objetivos da competição para as crianças e a competição em geral ou para os adultos. Enquanto que 77% não fez qualquer diferenciação, um dos questionários teve problemas na transcrição de áudio nesta questão levando a perda parcial de dados e não foi analisada.

Citam motivos para os atletas.

Ao descrever os objetivos da competição teve-se uma frequência de respostas de 69,23% dos entrevistados descreveram questões ligadas ao atleta. Agrupou-se nesta categoria afirmações do tipo:

“[...] mostrar pro próprio aluno até onde ele pode chegar [...]”

“[...] para o controle emocional do indivíduo [...]”

“[...] serve pra formação do caráter da pessoa [...]”

Ao descrever os objetivos da competição os 46,15% das falas dos entrevistados descreveram questões externas ao atleta. Agrupou-se nesta categoria afirmações do tipo:

“[...] apurar os vencedores de cada categoria [...]”

“[...] simplesmente para mostrar quem é o melhor [...]”

“[...] pra ver o desempenho dos atletas [...]”

Cabe lembrar que uma mesma resposta pode estar nas duas categorias ao mesmo tempo no caso da pessoa citar um motivo para a atleta e outro externo a ele.

Objetivos diferentes de competição podem resultar em modelos extremamente diferentes de competição. Pode-se ter uma distância muito grande entre um modelo que vise formar uma seleção nacional forte e outro que sirva de modelo de inclusão educacional para todos os alunos de uma determinada idade.

Talvez seja possível criar projetos que abranjam mais de um objetivo, que contemplem finalidades diferentes, porém é necessário ter clareza nos objetivos para cada população, para cada projeto e para cada indivíduo. Mais do que isso os objetivos precisam ser claros aos praticantes para que estes possam fazer escolhas conscientes para si e para seus filhos.

A competição aprendizagem e educação

Ao descrever os objetivos da competição 38,64% das respostas dos entrevistados refletiram sobre a mesma como um meio para ensinar algo, seja do ponto de vista técnico, seja valores ou comportamento. Agrupou-se nesta categoria afirmações do tipo:

“[...] ajuda a desenvolver o comportamento [...]”

“[...] ajudar o desenvolvimento motor social [...]”

“[...] serve pra formação do caráter da pessoa [...]”

Não houve nenhum posicionamento negativo com relação a essa categoria.

A competição meio de motivação

Ao descrever os objetivos da competição 23,08% dos entrevistados refletiram sobre a mesma como um meio de motivação. Agrupou-se nesta categoria afirmações do tipo:

“[...] serve para criar motivação [...]”

“[...] dá uma motivação pra ele continuar treinando [...]”

“[...] Na idade inicial seria uma forma de incentivo [...]”

Não houve nenhum posicionamento negativo com relação a essa categoria.

A competição meio de integração social

Ao descrever os objetivos da competição os 23,08% dos entrevistados refletiram sobre a competição como um meio de integração social. Agrupou-se nesta categoria afirmações do tipo:

“[...] É para unir as academia entre si [...]”

“[...] a integração dos atletas [...]”

“[...] Para entrosamento entre atletas [...]”

Não houve nenhum posicionamento negativo com relação a essa categoria.

Pergunta número 11: Na sua opinião, Como é a competição DOS MAIS JOVENS hoje na sua região e no Estado de São Paulo?

O piloto nos mostrou que possivelmente não haveria ou haveria poucas referências a respeito dos atletas mais jovens, nas ultimas três questões repetiu-se as perguntas anteriores, porém fazendo referência específica ao atleta jovem. Verificando se após serem lembrados da existência dessa população os personagens fazem algum tipo de colocação a respeito da competição dos mais jovens.

Nesta pergunta tentou-se obter um panorama de como é a competição dos mais jovens segundo a descrição de determinado personagem. A natureza do que é descrito pode trazer algumas “pistas” para entender os motivos de determinados formatos assumidos socialmente pela competição.

Uma das hipóteses a serem verificadas seria se existe alguma diferenciação dentre o grupo dos mais jovens. Outra hipótese seria se existe um público que concorda ou discorda com determinada característica da competição.

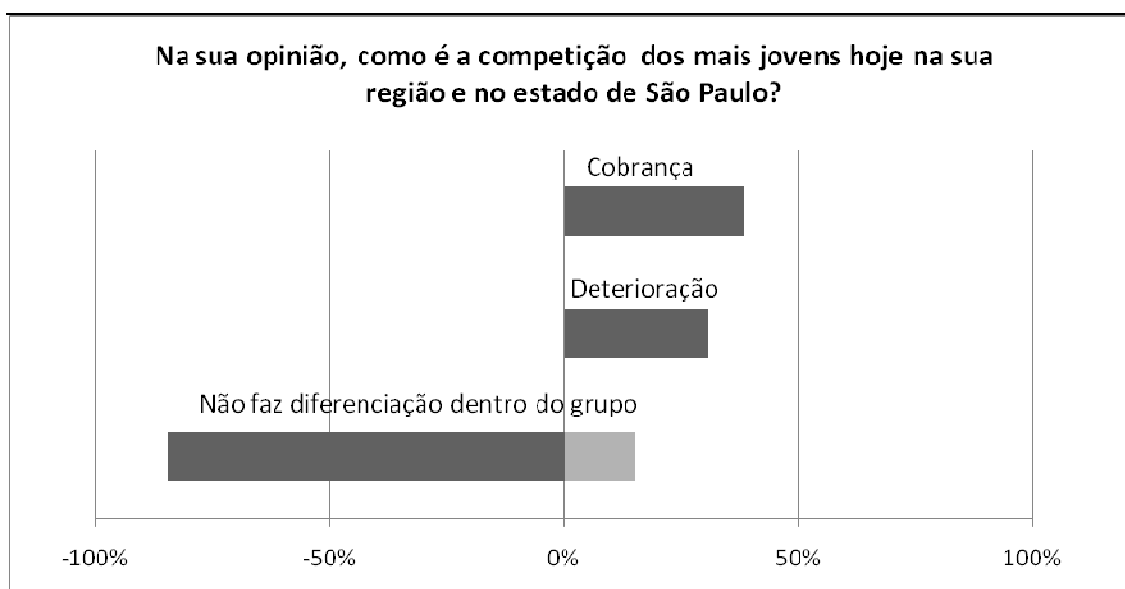


Gráfico 6 – Na sua opinião, como é a competição dos mais jovens hoje na sua região e no estado de São Paulo?

A diferenciação dentro da população foco da pesquisa

Nesta categoria procurou-se avaliar se ao descrever a competição dos mais jovens os entrevistados fariam alguma consideração sobre as diferenças entre os possíveis grupos que poderiam se estabelecer dentro dessa faixa etária. Por exemplo, um voluntário poderia colocar que acredita que a competição do infanto-juvenil precisa de ajustes quanto à regra enquanto que a mirim precisa de ajuste com respeito às relações interpessoais. Teve-se 84,61% sem fazer qualquer divisão ou diferenciação, enquanto que apenas 15,38% fizeram alguma consideração sobre possíveis diferenças entre os mais jovens.

Talvez o primeiro passo para uma competição coerente seja entender que o processo competitivo da criança possa ser diferente do processo competitivo do adulto, mas com certeza apenas essa diferenciação não contemplaria todas as necessidades pedagógicas necessárias na formação dos mais jovens. Os passos seguintes seriam estabelecer objetivos e formatos diferentes para cada ambiente, para determinadas faixas etárias.

Os dados ainda podem inspirar questionamentos sociais do quanto isso poderia se repetir em outros ambientes, o fato dos responsáveis pelas agremiações se referirem aos mais jovens como um grupo apenas pode ser uma questão isolada, mas também pode ser um traço social mais geral que reflita em um olhar social unificado sobre essa população.

Destacamos as necessidades educacionais diferenciadas que precisam ser contempladas socialmente no processo competitivo que entenda as conseqüências pedagógicas dessas práticas. São necessárias propostas capazes de entender as diferenças entre as idades e entre os ambientes levando em conta a necessidade de diferentes formatos competitivos.

A deterioração

Ao descrever a competição de judô dos mais jovens os 30,77% dos entrevistados citam algum tipo de deterioração. Agrupou-se nesta categoria afirmações do tipo:

“[...] tão esquecendo a parte técnica [...]”

“[...] deveria aprimorar mais é a condição técnica, não tanto de força [...]”

“[...] tem que haver mais preocupação dos jovem no sentido de recuperar nele a importância da tradição do judô e dos princípios do judô [...]”

Não houve nenhum posicionamento negativo com relação a essa categoria

As raízes do judô no antigo jiu-jitsu, arte marcial japonesa, têm pressupostos técnicos e valores diferentes dos praticados no esporte. Apesar dos candidatos citarem uma deterioração técnica ou de valores eles não fazem qualquer ligação disso com o próprio processo de esportivização da modalidade.

Como mencionado na fase anterior da pesquisa podemos retomar Elias (1993) para afirmar que as práticas sociais evoluem, o que não quer dizer que progridam. As mudanças têm seus custos, talvez do ponto de vista técnico os custos sejam o “esquecimento” de práticas relevantes ao processo de sobrevivência em situações de perigo.

Já no que tange as questões de valores ter-se-ia que pensar nas virtudes específicas trabalhadas através das práticas ligadas às artes marciais, ou seja, quais valores se perdem ao se transformar uma prática tradicionalmente regida pelo bushido japonês em uma prática tradicionalmente regida pelo fair play Inglês.

Se por um lado o processo de esportivização traz novas possibilidades, dentre as quais destaco a universalização da prática, por outro o modelo único deixa de lado inúmeras possibilidades pedagógicas. A competição ensina, não só conhecimentos, mas também valores,

que podem ser bons ou ruins, o modelo de competição tem consequências sobre esse aprendizado.

Quando se transforma a arte marcial, seja em luta, seja em esporte, existem perdas, essas perdas devem ser avaliadas de acordo com o “cenário” em questão. Ao pensar-se na escola deve-se pensar quais são as perdas simbólicas em se abandonar toda uma historicidade e os valores constituídos dentro das tradições das artes marciais. Se for no campo específico de uma academia pode-se pensar nas perdas técnicas decorrentes de um processo de esportivização.

Neste momento cabe uma reflexão a respeito do ambiente escolar, se por um lado a arte marcial idêntica a prática em um dojo seguindo os pressupostos desse ambiente é incoerente dentro do ambiente escolar e essa “cara” da arte marcial pode deixá-la fora desse ambiente, por outro lado trabalhar esse conteúdo sem considerar a especificidade filosófica e as possibilidades de valores específicos que podem ser desenvolvidos através das particularidades desse conteúdo é deixar de lado um sem número de possibilidades educacionais que justifiquem a prática.

O que justifica a presença social das práticas ligadas as lutas e as artes marciais são as especificidades no que diz respeito a conhecimento e valores dentro de cada uma das práticas. Em cada um dos ambientes possíveis, clubes, academia, escola, essas práticas tomarão características diferentes, mas ainda respeitando sua especificidade.

Talvez os dados possam trazer uma idéia de que o judô já não tem a mesma tradição de outros tempos, longe de pensar que isso não possa ser verdade cabe destacar uma característica social do judô: a preocupação com a tradição técnica e filosófica. O fato dos responsáveis pelas agremiações acreditarem que o judô está se deteriorando indica muito mais do que esse processo, indica a preocupação quanto a esse processo.

A cobrança

A terceira categoria analisada na descrição do judô dos mais jovens foi a cobrança, a frequência de respostas foi de 38,46% dos entrevistados citando alguma questão ligada às cobranças nas categorias mais jovens. Agrupou-se nessa categoria afirmações do tipo:

“[...] ainda tem muitos pais e professores que ainda exercem muita pressão sobre a criança [...]”

“[...] eu acho que a competitividade é muito grande e com isso trás a cobrança [...]”

“[...] criança está sendo muito cobrada [...]”

Não houve nenhum posicionamento negativo com relação a essa categoria.

Cabe refletir em um primeiro momento com relação às atitudes de cobrança, porém em um olhar sociológico o mais importante seria refletir sobre os fatores sociais que possibilitam esse processo. Ou seja, quais as características sociais da competição dos mais jovens que possibilitam essas atitudes socialmente. Poder-se-ia pensar como possibilidades modelos que minimizassem e se preocupassem com essas questões.

Pergunta número 12: Na sua opinião, deveria existir alguma mudança nas competições DOS MAIS JOVENS de judô?

Assim como na pergunta número nove nesta pergunta não se verificou se os responsáveis sugerem mudanças, mas sim quais mudanças são sugeridas, posteriormente essas respostas podem ser subdivididas em grupos.

Por exemplo, um determinado grupo pode sugerir mudanças do ponto de vista das relações pessoais enquanto que outro grupo pode sugerir mudanças com relação às regras. É possível também tentar traçar a natureza da mudança sugerida, enquanto que alguns podem sugerir mudanças no sentido de suavizar a competição dos mais jovens outros podem sugerir mudanças no sentido de enrijecê-la para fortalecer o nível competitivo nos anos subsequentes.

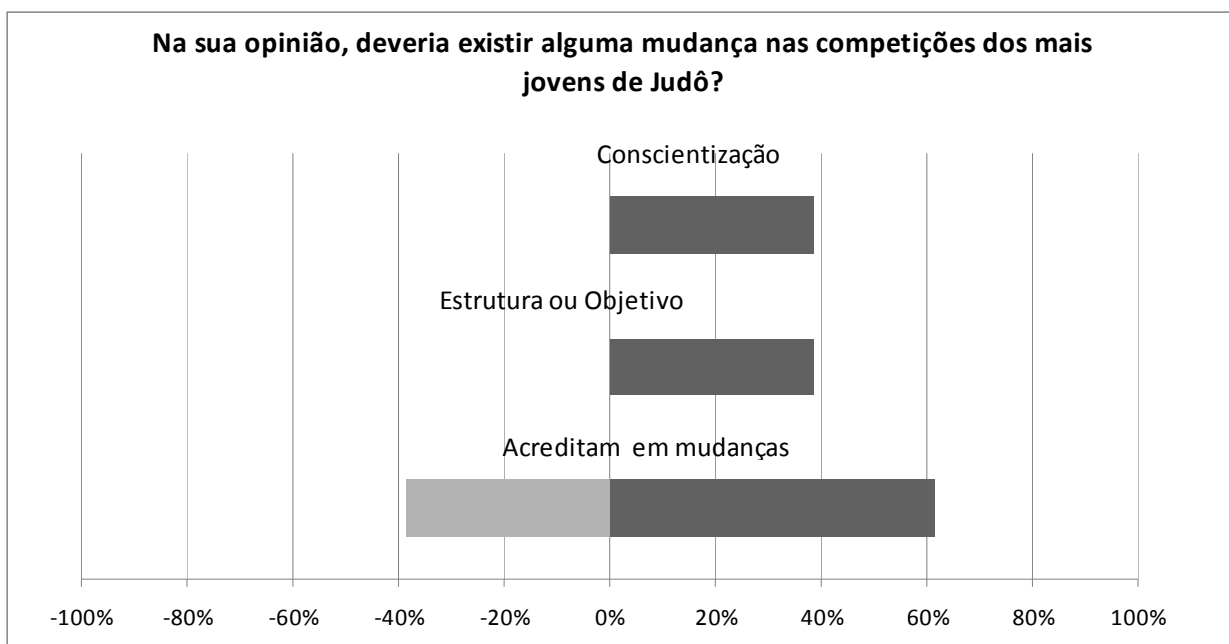


Gráfico 7 – Na sua opinião, deveria existir alguma mudança nas competições dos mais jovens de judô?

Apesar dessa pergunta não ter sido construída para verificar se os responsáveis acreditam em mudanças, mas sim para verificar a natureza das alterações sugeridas, optou-se por incluir esse dado no gráfico não pela quantidade que acreditam em modificações (61,53%), mas sim pela quantidade que mesmo ao ser indagado sobre possíveis mudanças não acredita que elas possam ou devam acontecer (38,46%).

Estrutura e Objetivo

Obteve-se uma frequência de 38,46% dos responsáveis citando modificações a respeito dos objetivos ou da estrutura das competições. Agrupou-se nessa categoria afirmações do tipo:

“[...] como modelos diferenciados [...]”

“[...] seria uma competição mais lúdica [...]”

“[...] diminuir o tempo, não ter uma responsabilidade tão grande quanto classificação [...]”

Não houve nenhum posicionamento negativo especificamente com relação a essa categoria.

O olhar da sociologia contribui especialmente nesta categoria, diversos modelos de competição que contemplem formatos e objetivos diferentes para diferentes públicos trás consigo a idéia de que essas questões fazem diferença no processo educacional.

Conscientização

Obteve-se uma frequência de 38,46% dos responsáveis citando a necessidade da conscientização. Agrupou-se nessa categoria afirmações do tipo:

“[...] conscientização por parte dos técnicos [...]”

“[...] mudança que tem que existir é com relação aos professores [...]”

“[...] não ter uma responsabilidade tão grande quanto classificação de regional estadual [...]”

Não houve nenhum posicionamento negativo especificamente com relação a essa categoria.

Nesta categoria pode-se ter a idéia de que a conscientização bastaria para resolver os “males” da competição, bastaria conscientizar, conscientizar pais, conscientizar professores, conscientizar alunos, conscientizar governantes, conscientizar dirigentes, e assim por diante.

Se por um lado é de suma importância que as diversas populações sejam conscientizadas, por outro é necessário que a estrutura social seja favorável a esse processo, seja para a conscientização, seja para prevenir possíveis problemas.

O que se quer enfatizar é que se a estrutura não for favorável somente a conscientização teria um trabalho árduo a ser feito uma vez que ela agiria contra o sistema. Os fatores sociais são importantes em processo educacional que leve em consideração a competição como um elemento que considera a formação do indivíduo.

Pergunta número 13: Para que servem, qual a finalidade, das competições de judô DOS MAIS JOVENS?

A última pergunta tenta verificar qual a finalidade que os personagens acreditam que tem a competição dos mais jovens. Verifica ainda se existe diferenciação entre as finalidades em cada uma das categorias.

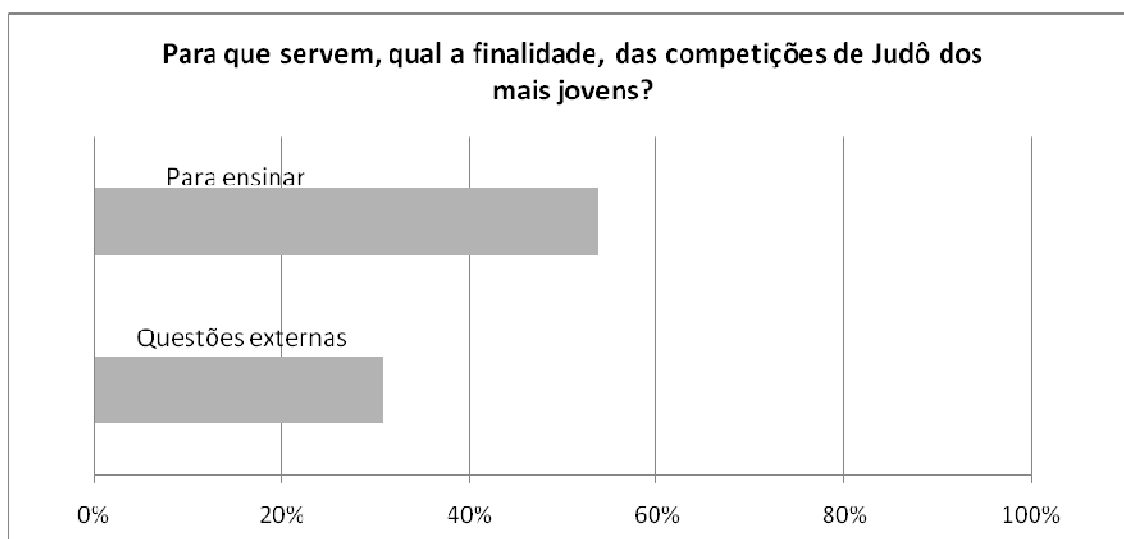


Gráfico 8 – Para que serve, qual a finalidade, das competições dos mais jovens?

Para ensinar

Obteve-se uma frequência de respostas de 53,85% dos responsáveis se referindo à competição como capaz de ensinar algo, seja um valor, seja alguma questão técnica. Agrupou-se nessa categoria afirmações do tipo:

“[...] aprender a se portar em público [...]

“[...] para ele se dominar, ele ter o controle dele, ele se sentir confiante nele, pra saber os limites dele [...]

“[...] para educar o espírito esportivo [...]

Não houve nenhum posicionamento negativo com relação a essa categoria.

Cada uma das afirmativas pode refletir diferentes convicções educacionais, porém independentemente disso o que se tem é uma crença de que a competição é um elemento formador, cabe então discutir “para que” a competição forma em determinado modelo. Se existe uma competição igual a do adulto educa-se para determinadas questões, se tenho uma competição possível para pouco ensino certas questões, assim como se educa para questões diferentes se penso uma competição específica para os mais jovens e volta para a inclusão de todos.

Questões externas

Obteve-se 30,77% das falas dos responsáveis citando questões externas à competição em si. Agrupou-se nessa categoria afirmações do tipo:

“[...] serve como um motivador [...]

“[...] principalmente para incentivar [...]

“Incentivo para a prática do esporte [...]

Não houve nenhum posicionamento negativo com relação a essa categoria.

A competição também é vista como um agente externo, principalmente como um motivador para outras atividades, ainda que isso seja possível os demais processos não podem ser dependentes da competição, por exemplo, o processo pedagógico dependente de um processo competitivo, ou seja, a aula tem que ser motivante por si só e não depender da competição para motivar a prática.

3.4 Quarta Fase da Pesquisa:

Entrevista Delegados.

O segundo personagem que foi foco de entrevistas/questionário foram os delegados regionais responsáveis pelas quinze regiões do estado de São Paulo. Tentou-se assim descrever “quem” são esses personagens e quais são suas concepções sobre alguns elementos da competição dos mais jovens, sobretudo tentando entender como esses elementos podem influenciar a construção da estrutura social da competição dos mais jovens.

Material e Métodos – Entrevista Responsáveis

Nesta fase utilizou-se o mesmo instrumento da fase anterior, porém foram feitos alguns ajuste para adequar à população e para resolver alguns problemas detectados na fase anterior que não tinham ocorrido no questionário piloto.

Utilizou-se como materiais um caderno de anotações, uma caneta esferográfica, um gravador de voz marca Powerpack modelo Digital Voice Recorder DVR-800II plus, um relógio marca Timex modelo IronMan Triathlon, duas cadeiras e uma mesa, questionários impressos, e termo de consentimento livre e esclarecido.

Adaptações do Questionário

Na quarta pergunta (faixa) substituí-se a pergunta direta por: É ou foi praticante de judô e logo em seguida perguntou-se a faixa e o tempo de prática.

Na oitava questão substituiu-se o termo estudo científicos pelo termo estudos acadêmicos, o primeiro termo havia sido escolhido pelo seu mais fácil entendimento, porém os resultados da pesquisa indicavam poucas respostas a respeito da pedagogia, a qual eventualmente poderia não ser lembrada nesta questão mais talvez fosse lembrada ao nos referirmos a estudos acadêmicos, mesmo que o termo fosse de mais difícil compreensão.

Na 12^a questão especificou-se as categorias que estamos nos referindo como mais jovens através da própria nomenclatura da federação ficando assim mais específica e mais simples para os entrevistados que já estão familiarizados com essa classificação. O mesmo foi feito nas questões seguintes.

O questionário final ficou configurado da seguinte maneira:

Questionário sócio demográfico

- 1) Idade:
- 2) Sexo:
- 3) Profissão:
- 4) É ou foi praticante de judô?
Em caso afirmativo:
 - 5) Há quanto tempo pratica judô:
 - 6) Faixa:

Questionário Qualitativo (Perguntas Abertas)

- 7) O que é o judô para você?
- 8) Na sua opinião, quais as possíveis contribuições que ESTUDOS ACADÊMICOS podem ou devem trazer para o judô?
- 9) Na sua opinião, Como é a competição hoje na sua região e no Estado de São Paulo?
- 10) Na sua opinião, deveria existir alguma mudança nas competições de judô?
- 11) Para que servem, qual a finalidade, das competições de judô?
- 12) Na sua opinião, Como é a competição DOS MAIS JOVENS (Pensando as categorias Mirim, Infantil, Infanto-Juvenil, Pré-Juvenil, Juvenil) hoje na sua região e no Estado de São Paulo?
- 13) Na sua opinião, deveria existir alguma mudança nas competições DOS MAIS JOVENS (Pensando as categorias Mirim, Infantil, Infanto-Juvenil, Pré-Juvenil, Juvenil) de judô?
- 14) Para que servem, qual a finalidade, das competições de judô DOS MAIS JOVENS (Pensando as categorias Mirim, Infantil, Infanto-Juvenil, Pré-Juvenil, Juvenil)?

Aplicação do Questionário - Delegados

Inicialmente procurou-se entrar em contato com uma das delegacias para verificar a viabilidade do procedimento, através do contato com um delegado regional. Este informou de que a maneira mais fácil de encontrar todos os delegados juntos era em campeonatos paulistas. Através do calendário da FPJ escolheu-se um campeonato com local e datas convenientes para a pesquisa.

A experiência obtida em pesquisas anteriores e o auxílio da Federação Paulista de judô nos indicou que o melhor caminho para obtenção de dados junto aos delegados regionais eram os campeonatos paulistas, nos quais ter-se-ia mais chances de tê-los presentes. Seguindo o calendário da Federação o evento mais com data e local mais oportuno foi o Campeonato Paulista Juvenil realizado no dia 26 de agosto de 2007. Nesta data chegou-se antes do início do campeonato para que então se requisitasse o consentimento de aplicação do questionário para cada um dos delegados regionais.

No dia nos encaminhamos para o local de realização do campeonato, chegamos ao local às oito horas e trinta e um minutos, aproximadamente meia hora antes do início previsto

para o campeonato. Mais uma vez pedi-se permissão para realizar o procedimento e mais uma vez a federação nos respondeu prontamente sem nenhuma restrição.

O delegado regional da região em que se realizava o campeonato nos ajudou a identificar e pedir a participação de cada um dos delegados regionais presentes. Foi possível coletar oito entrevistas em aproximadamente três horas, ao final da desse período não se conseguiu mais nenhum voluntário para a entrevista. Através da lista de delegacias sabia-se quais delegados não foram entrevistados durante o “recrutamento” para entrevista, porém não insistiu-se em outras datas para entrevistar os delegados que não responderam para preservar o direito dos voluntários de não responder às entrevistas.

Análise dos dados - Delegados

A análise dos dados depende da leitura das transcrições e revisão do áudio para dar um panorama geral dos resultados, como sugere Bardin (2002), através delas fechou-se as categorias a serem analisadas. Com as categorias definidas levantou-se as frequências dos posicionamentos segundo cada categoria. Este processo trás valores numéricos o que facilita interpretações e reflexões posteriores. Alguns dados relevantes podem ser alvos de reflexões mesmo que não sejam freqüentes em diversos questionários.

O fato das entrevistas serem áudio-grafadas facilita a pré-análise. Algumas categorias a serem analisadas são o significado do judô, da competição para os entrevistados, o significado da competição dos mais jovens, o significado da competição atual, quais as possíveis contribuições que estudos neste âmbito podem trazer para a sociedade, quais as possíveis modificações que podem ocorrer na competição.

Resultados - Delegados

Todos os entrevistados responderam ser do sexo masculino. As idades respondidas tiveram média de 47,63 anos sendo que a menor idade foi 33 anos e a maior de 56 anos. A maioria dos entrevistados respondeu ter mais de 40 anos (75%).

A idade média dos delegados foi cinco anos maior do que a dos responsáveis pelas agremiações, o delegado mais novo também era mais velho do que o responsável mais novo, porém o mais velho dos delegados era mais novo do que o mais velho dos responsáveis. Os resultados sinalizariam para uma idade mais elevadas de atuação dos delegados, porém com uma carreira mais curta do que os responsáveis, mas esses dados devem ser refletidos cuidadosamente uma vez que o n é pequeno e não temos a totalidade da população coletada neste estudo.

Apesar de 50% dos candidatos ter se declarado professor de algum tipo apenas 12,5% declararam ser Professores de Educação Física, o restante deu respostas variadas.

A maioria dos entrevistados (75%) declarou ser ou ter sido praticante de judô, enquanto que apenas 25% declarou não ser praticante. Dos praticantes a maior parte declarou portar quinto dan²⁶ ou acima (62,5%). A média de tempo de prática respondido foi de 35 anos, sendo que o que declarou menor tempo de prática foi de 22 anos e o maior 42.

Resumidamente pode-se dizer que as respostas indicam que nossa amostra é constituída em sua maioria por homens adultos principalmente maiores de 40 anos com considerável experiência e conhecimento no judô.

Nas perguntas subsequentes não faremos as mesmas explicações sobre cada uma delas uma vez que isso já foi esclarecido na fase anterior e a natureza da pergunta não foi alterada.

Pergunta 7: O que é o judô para você?

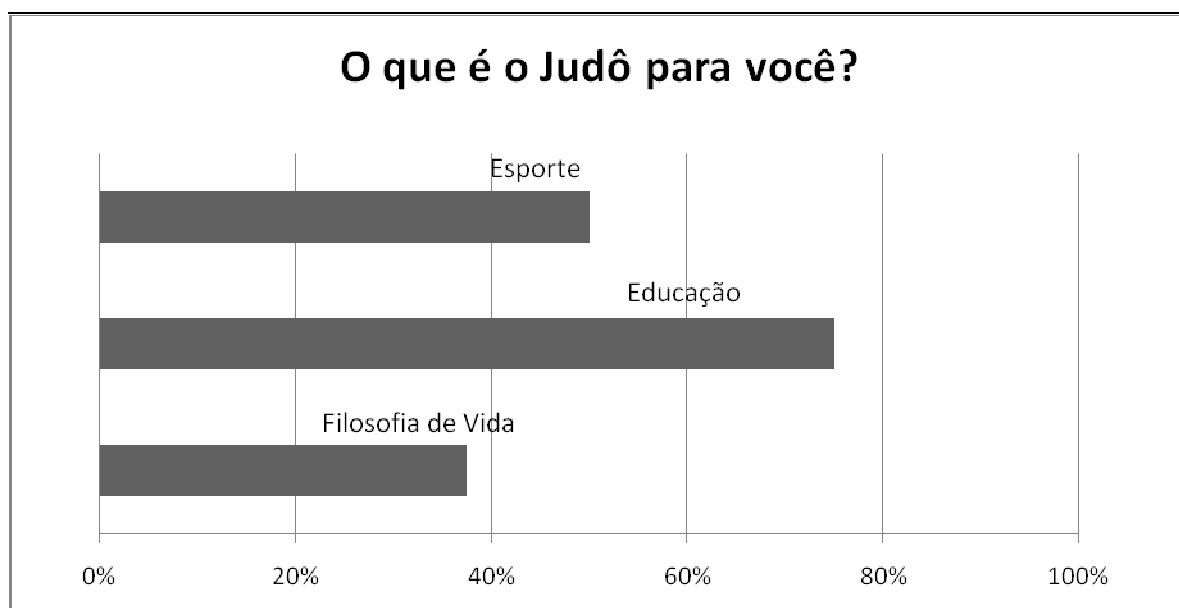


Gráfico 9 – O que é o judô para você? (delegados)

Obteve-se três categorias que se repetiram iguais às da entrevista dos responsáveis: Educação; esporte; e Filosofia de vida. Porém duas não se repetem frequências maiores do que 25% para serem colocadas no gráfico: moral e ética e condicionamento físico.

²⁶ Dan é uma referência de graduação seqüencial de preta em diante.

O judô como modalidade esportiva

Obteve-se 50% dos discursos dos entrevistados caracterizando o judô como uma atividade esportiva, nesta categoria agrupamos afirmações do tipo:

“[...] é um esporte [...]”

“[...] um esporte olímpico [...]”

“[...] é um esporte, é..., desenvolvido pelos japoneses [...]”

Não houve nenhuma resposta negativa nesta categoria.

O judô como parte, filosofia de Vida

Obteve-se uma frequência de 50% dos entrevistados caracterizando o judô como filosofia de vida, nesta categoria agrupou-se afirmações do tipo:

“[...] judô é uma filosofia de vida [...]”

“[...] judô para mim faz parte da vida né [...]”

“[...] judô faz parte da minha vida [...]”

Não houve nenhuma resposta negativa nesta categoria.

O judô como educação

Obteve-se 75% das falas dos entrevistados caracterizando o judô como um meio de aprendizagem ou educação, nesta categoria agrupou-se afirmações do tipo:

“[...] formadora de do caráter da pessoa, é..., sócio-educativo [...]”

“[...] minha educação [...]”

“[...] um método educativo [...]”

Não houve nenhum posicionamento negativo com relação a essa categoria.

Mais uma vez teve-se apenas um candidato citando a modalidade como arte marcial e nenhum citando como luta.

Pergunta 8: Na sua opinião, quais as possíveis contribuições que ESTUDOS ACADÊMICOS podem ou devem trazer para o judô?

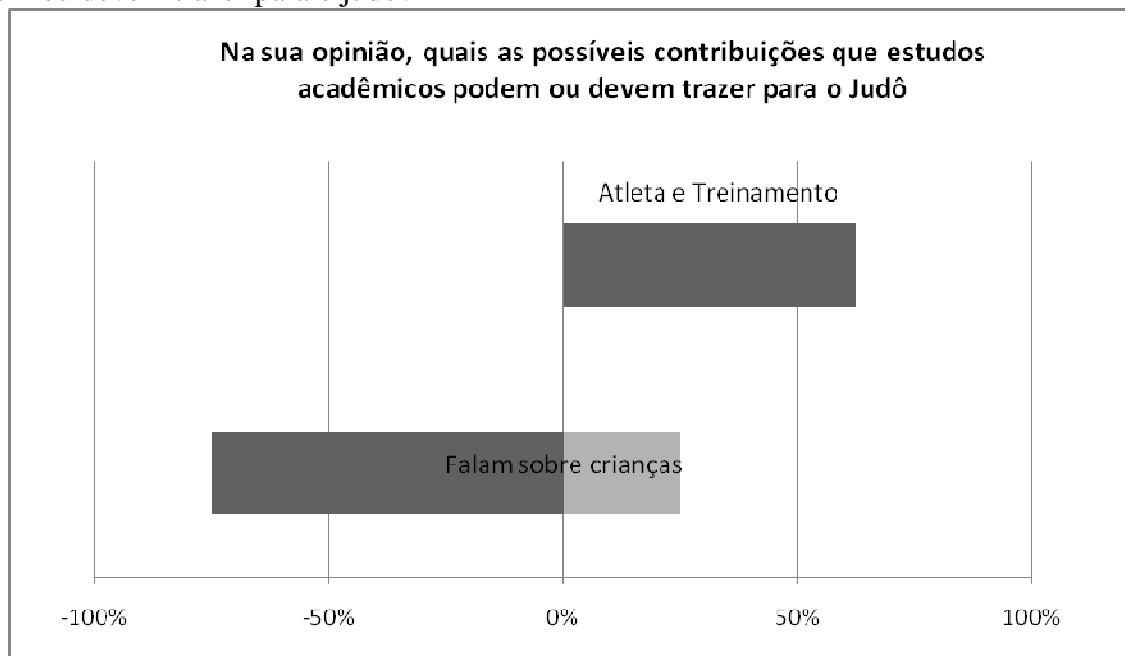


Gráfico 10 – Na sua opinião, quais as possíveis contribuições que estudos acadêmicos podem ou devem trazer para o judô?

Nesta pergunta avaliou-se duas categorias, primeiro se os entrevistados citavam crianças ao descrever possíveis estudos que contribuíssem para o judô e a segunda foram aqueles discursos que tendiam ao rendimento.

A criança no discurso dos delegados a respeito dos estudos acadêmicos

Tivemos apenas 25% dos entrevistados citando as crianças como possíveis alvos de estudos, enquanto que 75% não fazem qualquer colocação a respeito do tema:

Atleta e Treinamento

Tivemos 50% de frequência dos entrevistados citando questões ligadas ao treinamento como possíveis contribuições acadêmicas. Consideramos nesta categoria afirmações do tipo:

“[...] estamos em uma fase do amador para o profissionalismo eu acho que o estudo acadêmico vem auxiliar os professores a dá melhor formação física, na parte física do atleta [...]”

“[...] formação do atleta como profissional [...]”

“[...] para que o atleta tenha integridade física [...]”

Nesta pergunta pode-se notar que os mais jovens aparecem em poucos discursos e que se pensa que os estudos acadêmicos deveriam contribuir com o treinamento, fica em um segundo plano as questões pedagógicas e os mais jovens. Fica em primeiro plano o treinamento e o adulto. Neste caso não se conseguiu detectar um aumento no número de entrevistados que citassem questões ligadas à pedagogia, sinalizando que o uso do termo “científico” não estaria relacionado com o resultado da terceira fase.

Pergunta 9: Na sua opinião, Como é a competição hoje na sua região e no Estado de São Paulo?

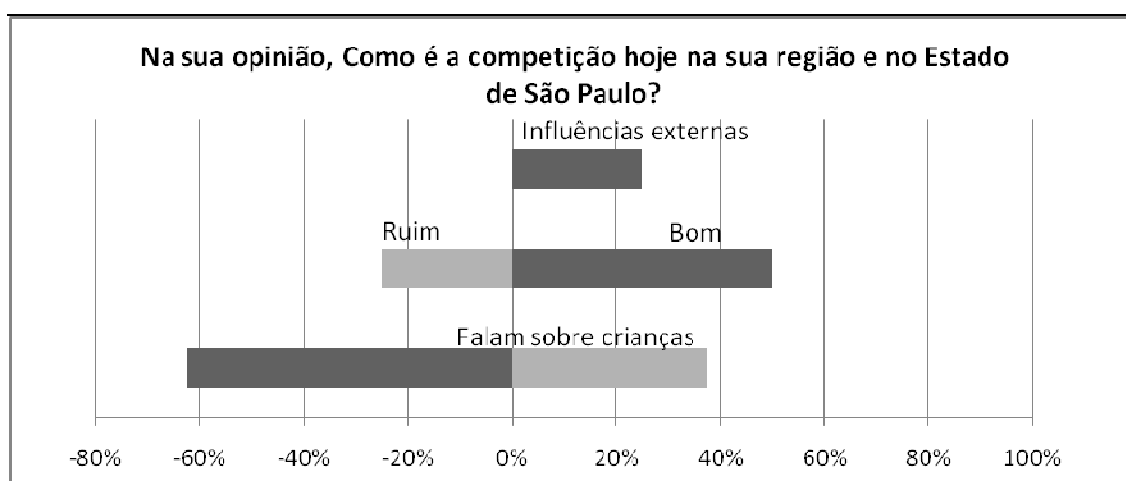


Gráfico 11 – Na sua opinião, como é a competição hoje na sua região e no estado de São Paulo?

Nesta pergunta avaliou-se três categorias, primeiro se os entrevistados citavam crianças ao descrever a competição. A segunda foram aqueles discursos que citaram questões positivas ou negativas a respeito da competição. A terceira foram aqueles que citaram influências externas sobre a competição.

A criança no discurso dos delegados ao descrever a competição

Obteve-se apenas 37,5% dos entrevistados citando crianças ao descrever a competição enquanto que 62,5% não fazem qualquer referência sobre as mesmas.

Bom e ruim

Obteve-se 50% das respostas dos entrevistados citando algo positivo ao descrever a competição enquanto que apenas 0,25% se referiram a algum problema na competição, nesta categoria agrupou-se afirmações do tipo (positivas):

“[...] ta um nível bom [...]”

“[...] minha região é uma região meia privilegiada [...]”

“[...] as competições hoje cresceram muito as competições [...]”

E negativas:

“[...] hoje a carga de competições é muito grande [...]”

“[...] peca muito pelo tempo que o atleta fica dentro de um ginásio [...]”

Podemos notar aqui como ainda existe uma tendência a avaliar o fenômeno de maneira dicotômica: bom e ruim.

Influências externas

Obteve-se 25% das falas dos entrevistados citando algo fator externo que influencia o modo como é feito a competição. Agrupamos nesta categoria afirmações do tipo:

“[...] delegacia é uma competição assim nos padrões do comitê olímpico [...]”

“[...] a gente tem um agravante que os outros estados estão crescendo e agora a Federação começou a abrir os olhos [...]”

Pergunta 10: Na sua opinião, deveria existir alguma mudança nas competições de judô?

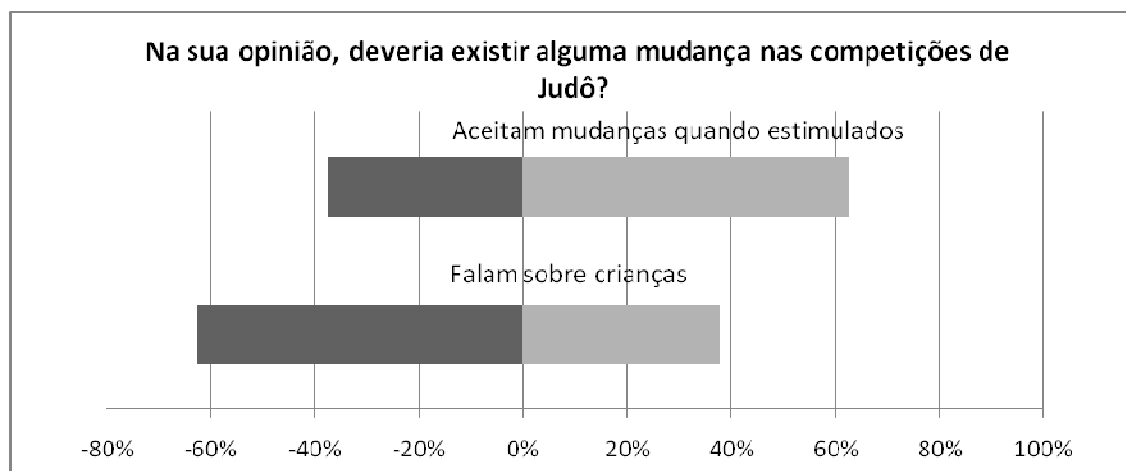


Gráfico 12 – Na sua opinião, deveria existir alguma mudança na competição de judô?

A criança no discurso dos delegados ao serem estimulados sobre mudanças

Obteve-se apenas 37,5% das falas dos entrevistados citando crianças ao serem estimulados sobre mudanças, enquanto que 62,5% não fazem qualquer referência sobre as mesmas.

A aceitação de mudanças ao serem estimulados.

Mesmo ao serem estimulados a respeito de mudanças 37,5% dos entrevistados não vêem a necessidade de mudanças.

Pergunta 11: Para que servem, qual a finalidade, das competições de judô?

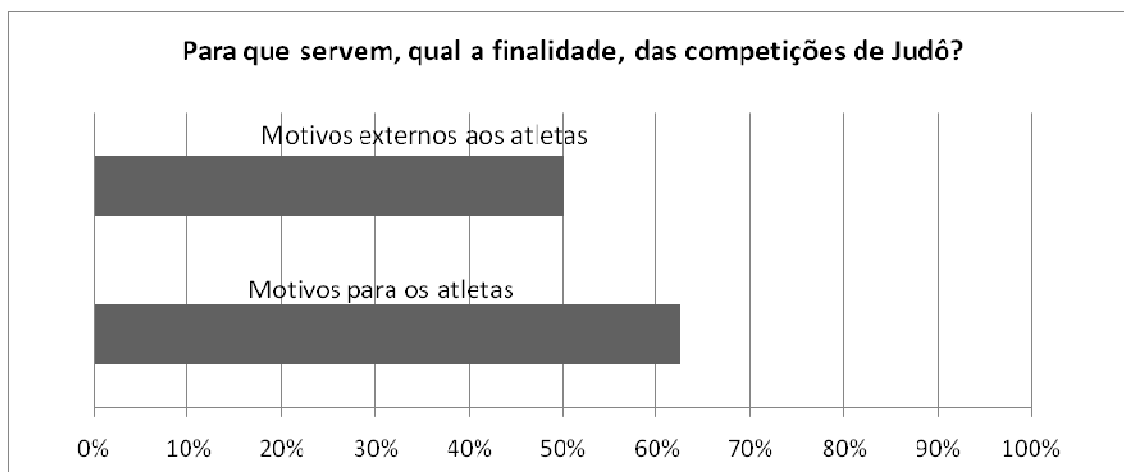


Gráfico 13 – Para que servem, qual a finalidade das competições de judô?

Nesta pergunta avaliou-se duas categorias: motivos externos aos atletas e motivos para aos atletas.

Motivos externos aos atletas

Obteve-se 50% de frequência de respostas dos entrevistados citando motivos externos aos atletas. Agrupou-se nessa categoria afirmações do tipo:

“[...] serve para analisar o atleta [...]”

“[...] a principal finalidade é a descoberta de talentos [...]”

“[...] para avaliar a..., e premiar os primeiros que se destacarem [...]”

Motivos para aos atletas

Obteve-se 62,5% dos discursos dos entrevistados citando motivos para os atletas. Agrupou-se nessa categoria afirmações do tipo:

“[...] a superação do indivíduo [...]”

“[...] para que ele se auto-avalie [...]”

“[...] ele vai desenvolver auto-confiança [...]”

Nenhum dos entrevistados cita especificamente algum motivo descrevendo crianças, apesar de citarem importantes fatores necessários para as crianças.

Pergunta 12: Na sua opinião, Como é a competição DOS MAIS JOVENS (Pensando as categorias Mirim, Infantil, Infanto-Juvenil, Pré-Juvenil, Juvenil) hoje na sua região e no Estado de São Paulo?

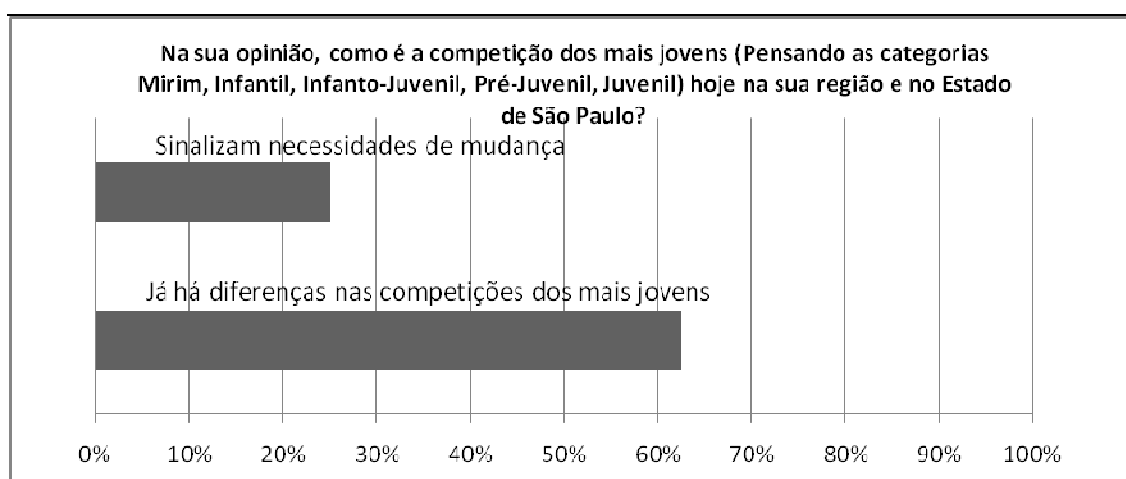


Gráfico 14 – Na sua opinião, como é a competição dos mais jovens?

Nesta pergunta avaliou-se duas categorias: aqueles que descrevem que já há alguma mudança nas competições dos mais jovens e aqueles que sinalizam necessidades de mudanças.

Já há diferenças nas competições dos mais jovens

Obteve-se 62,5% das respostas dos entrevistados citando que já há alguma diferença na competição dos mais jovens. Agrupou-se nesta categoria afirmações do tipo:

“[...] é mais a integração a participação [...]”

“[...] a federação tem uma preocupação com isso [...]”

“[...] pequeninhos, e ai ele vai ter uma regra adaptada [...]”

Sinalizam necessidades de mudanças

Obteve-se apenas 25% de frequência de respostas dos entrevistados sinalizando alguma necessidade de mudanças. Agrupou-se nesta categoria afirmações do tipo:

“[...] precisa ser agilizada [...]”

“[...] nós precisaríamos fazer uma padronização dos professores [...]”

Pergunta 13: Na sua opinião, deveria existir alguma mudança nas competições DOS MAIS JOVENS (Pensando as categorias Mirim, Infantil, Infanto-Juvenil, Pré-Juvenil, Juvenil) de judô?

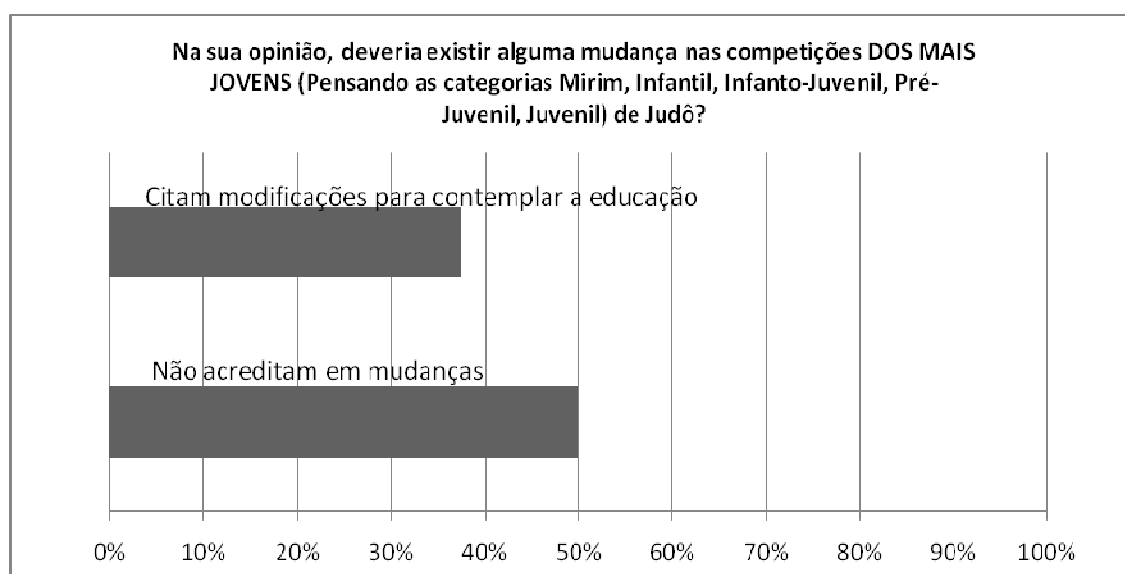


Gráfico 15 – Na sua opinião, deveria existir alguma mudança na competição de judô dos mais jovens?

Nesta pergunta avaliou-se duas categorias, aqueles entrevistados que mesmo sendo estimulados a refletir sobre mudanças ainda afirmaram não haver necessidade de mudanças e aqueles que refletiram sobre mudanças pensando sobre questões educacionais.

Não acreditam em mudanças

Obteve-se 50% das falas dos entrevistados que mesmo ao serem estimulados a refletir sobre alguma possível mudança afirmaram não existir a necessidade de mudanças. Agrupou-se nesta categoria afirmações do tipo:

“[...] eu acredito que a competição mirim e infantil ela já tem essa preocupação[...]”

“[...] acho que a competição está no caminho certo com relação a essas competições [...]”

“[...] forma de competição não há muita a necessidade de mudança [...]”

Mudanças Educacionais

Obteve-se 37,5% de respostas que refletiram sobre possíveis mudanças educacionais que poderiam ser feitas neste ambiente, essa categoria continha discursos que falavam de possíveis adaptações que modificassem conhecimentos e valores trabalhados neste ambiente. Agrupou-se nesta categoria afirmações do tipo:

“[...] aperfeiçoar um pouquinho mais essa área, voltar mais para educação [...]”

“[...] deveria trabalhar mais a parte técnica [...]”

“[...] não só de luta e poderíamos ter competições também que você não avalia-se técnicas menores [...]”

Pergunta 14: Para que servem, qual a finalidade, das competições de judô DOS MAIS JOVENS (Pensando as categorias Mirim, Infantil, Infanto-Juvenil, Pré-Juvenil, Juvenil)?

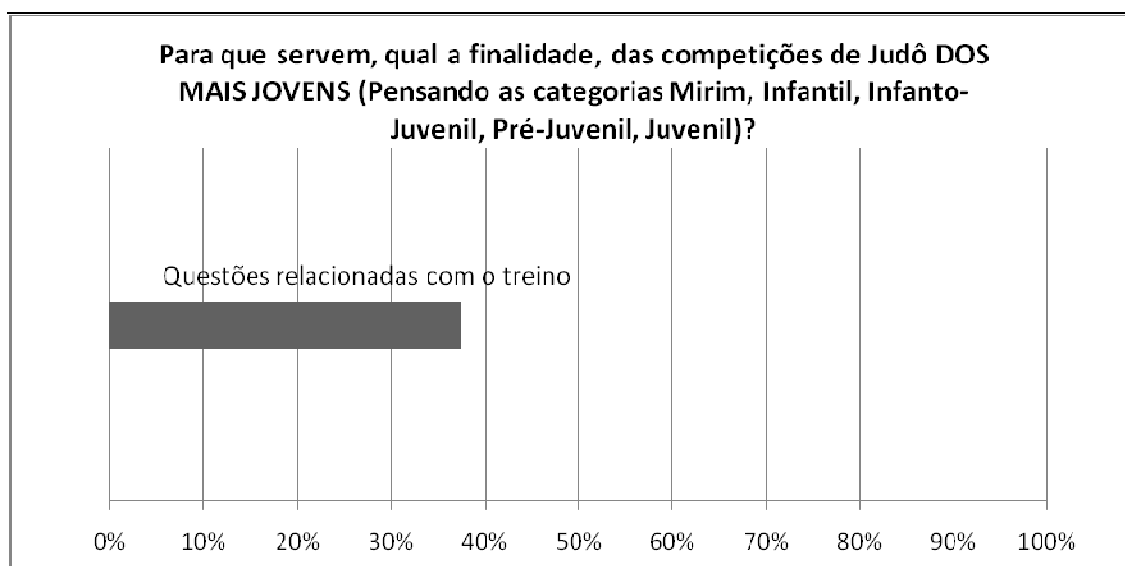


Gráfico 16 – Para que servem, qual a finalidade das competições de judô dos mais jovens?

Nesta pergunta teve-se uma grande diversidade de respostas, a maior parte difícil de ser agrupada em categorias, a variação ia desde motivos de formação da criança até a seleção de talentos. Por fim só foi possível agrupar respostas semelhantes em uma única categoria, e mesmo assim obteve-se uma frequência de apenas 38%. Essa categoria foi a das

respostas relacionadas com o treino, ou seja, aqueles discursos que descreviam como objetivo da competição para os mais jovens desenvolver a parte técnica, avaliar como está o treinamento, ou mesmo como mais um tipo de treino.

A diversidade de resposta pode ser interpretada de pelo menos duas formas, uma delas é a diversidade de significados que podem ser atribuídos socialmente para esse fenômeno e a segunda é a falta de uma produção acadêmica ou de discussões sociais que reflitam sobre um objetivo claro e específico para essa prática social. Isso se faz necessário para o melhor aproveitamento desse fenômeno, sobretudo do ponto de vista educacional, se a competição educa precisa-se discutir como ela educa, para o que ela educa. Especificamente no caso desse estudo devemos pensar quais as possibilidades educacionais estabelecidas por esse modelo de competição aplicado aos mais jovens.

4 Reflexões Educacionais

4.1 Lutas e artes marciais, da guerra ao espetáculo: a sociogênese do fenômeno.

Esportivização e Espetacularização das Lutas e das artes marciais

A palavra principal ao se pensar em artes marciais é a palavra sobrevivência, seja individual, como descrevem inúmeros livros de judô nas técnicas de Defesa Pessoal²⁷, seja do Estado como mostra Sun Tsu (1983) no clássico *a Arte da Guerra*.

Devemos entender que o judô não surge como ele está configurado hoje em dia, mas sim em um ambiente social com fatores sociais muito diferentes dos que temos atualmente. Ele foi e vem se modificando desde suas raízes nas práticas marciais até o modelo olímpico atual.

Poderíamos traçar uma linha de “evolução”, o que não significa progresso, que serve para o judô e para inúmeras outras artes marciais, como uma sociogênese das lutas ou artes marciais contemporâneas. No primeiro momento temos uma situação social que exige técnicas de sobrevivência ou o que é mais importante que permite técnica de “treinamento”, ou seja, se tratando de arte estamos pensando em um processo e não só no produto, não se pode pensar só nas técnicas, mas sim em como aperfeiçoá-las e desenvolvê-las.

No segundo momento temos um processo de Esportivização das artes marciais, ao se difundirem pelo mundo as trocas em diversos níveis exigem a criação de regras, a unificação de regras, existe agora um fator social que não existia no primeiro momento, a arte se institucionaliza. Na terceira fase temos o processo de Espetacularização, a prática “unificada” passa agora a responder a fatores, a exigências sociais não de quem pratica, mas de quem assiste. Esse processo é intensificado e modelado pela televisão.

Saímos então de uma prática social de sobrevivência que se esportiviza e se espetaculariza, atendendo principalmente a dois grandes modelos, ou dois grandes poderes centrais, as Olimpíadas e os Eventos de esporte espetáculo.

²⁷ Por exemplo: Kano (1986), Tão (1965) ou Dominy (1975).

Pensando nas questões pedagógicas o que devemos entender é que as práticas evoluíram, mas não necessariamente progrediram, ou seja, que a prática esportivizada ou espetacularizada não é necessariamente melhor do ponto de vista pedagógico, mas sim que cada significado e cada forma de arte marcial possa ter seu valor educacional.

Neste momento o que posso destacar como conhecimentos das artes marciais é além das técnicas, o que é sempre lembrado, os tipos de treinamentos e os valores. Quando ensinamos para alguém no judô a fazer, uchi-komi, nagui ai ou um kata²⁸, estamos ensinando a pessoa como se aperfeiçoar, como progredir, longe de aulas mecanicistas, sempre iguais. O objetivo dessa aprendizagem não é necessariamente ter um melhor rendimento ao final do semestre ou ano letivo, mas sim transmitir e construir socialmente os métodos que a pessoa pode ou não usar para isso.

Caratê, taekwondo e kung-fu²⁹ têm chutes, os quais analisados em algumas perspectivas poderiam ser considerados iguais, porém os conjuntos de costumes construídos socialmente por cada um desses grupos faz com que seu método de treinamento (aprendizagem) seja completamente diferente³⁰. A maneira que um boxeador (boxe inglês) treina socos é muito diferente da maneira que um lutador de sanshou (boxe chinês) treina, quem dirá de um lutador de caratê. Reside nessas diferenças um enorme valor pedagógico, neste processo de aprender de diversas maneiras temos diferentes formas de nos relacionar socialmente. Aprender judô não é só aprender a derrubar, mas sim aprender como se aprende a derrubar, é claro que outros métodos podem e devem ser inseridos, dentre eles destaco a importância dos jogos e brincadeiras, mas

²⁸ Uchi Komi, Nagui ai, e Kata são métodos de treinamento de judô, para maiores informações ler Kano (1986).

²⁹ Para abordagens das diferenças culturais nos gestos uma literatura essencial é Marcell Mauss (2003), em sua obra ele mostra como os gestos foram se modificando de uma geração para a outra, de um país para o outros, ou seja, gestos que aparentemente são mecanicamente iguais são extremamente diferentes se observarmos suas particularidades.

³⁰ É claro que outras visões como aquelas ligadas ao desenvolvimento motor ou ao fenômeno do Jogo, ou ao fenômeno do esporte são extremamente relevantes e devem fazer partes dos conhecimentos do professor, porém não podem substituir a riqueza cultural dos conteúdos da Educação Física, é necessário aprender essas diferenças sociais, um exemplo de critica a isso é Cazetto et all (2006).

estes não podem representar uma pasteurização de conteúdo, não podem tornar todas as práticas sociais iguais.

Além das técnicas socialmente construídas, acumuladas e transmitidas, além dos métodos para apreendê-la temos a questão dos valores. Ensinar judô é ensinar modificações de conduta, “eu” sou capaz de fazer judô por que tenho certa maneira de me comportar no tatame que me permite me relacionar de certo modo comigo e com os colegas em uma situação simbólica que envolve a sobrevivência. Um processo de aprendizagem de judô prevê que quem passar por ele levará consigo certo conjunto de valores que antes não tinha. Aprender uma arte marcial envolve chutar, socar, estrangular, derrubar, luxar: atos complexos e perigosos. Por isso é que é arte, “qualquer” pessoa na rua é capaz de chutar outra pessoa, mas isso não é arte marcial, pode ser até guerra, mas nunca vai ser arte marcial. Trabalhar com essas questões que envolvem perigo exigem conhecimento, exigem transmitir valores em um ambiente de respeito.

Poder-se-ia pensar que as Lutas e artes marciais, e se diz muito isso, são atividades de oposição, porém esse pensamento dá margem a uma imagem de que em uma aula de boxe o professor coloca dois alunos no ringue e quando um dos dois cair terminou a aula. Uma aula de arte marcial não é assim, envolve colaboração, envolve comprometimento, envolve muitas vezes se doar e doar seu corpo em situações de risco, num processo de confiança entre os praticantes.

Ensinar arte marcial na escola não é ensinar simplesmente a luta, nem os movimentos da luta, mas sim as condutas necessárias para se aperfeiçoar, muitas técnicas que são aprendidas não são aplicáveis em um combate esportivo, devido à sua periculosidade. A conduta que se tem que aprender para praticar chutes é diferente da conduta que se tem que aprender para ensinar estrangulamentos, ou seja, existe uma diferença de valores em cada um dos modos de aprendizagem. Quando se sai de uma primeira aula de estrangulamento não se aprende apenas a técnica, mas aprende-se o perigo da mesma, aprende-se a responsabilidade ao aplicá-la ou recebê-la, aprende-se valores.

Inúmeras críticas são feitas às aulas de Educação Física repetitivas e mecanicistas, inúmeros autores condenam essas práticas, considerando-as reflexo da busca pela produção na sociedade capitalista, como podemos ver em Brohm (1982, 2004, 2008). No judô temos muito esse traço da repetição, principalmente nos uchikomis, assim como em outras artes marciais, mas seriam esses costumes resultante dos mesmos aspectos das modalidades

esportivas? Ainda que as artes marciais tendam a esportivização esse traço cultural é muito anterior a isso, o japonês tem em sua cultura uma característica constante da busca pelo auto-aperfeiçoamento, deseja-se que a cada uchikomi melhore-se um aspecto, força, velocidade, perfeição de movimento, deseja-se que a cada dia se aperfeiçoe, a inteligência, educação, humildade, deseja-se que a cada vida se caminhe mais próximo ao nirvana, à perfeição. É claro que nem todos os aspectos e costumes do judô “cabem” em qualquer contexto, mas o quer-se reafirmar é a importância de se entender os fatores culturais e sociais e suas implicações pedagógicas.

Dessa maneira uma perspectiva interessante é como se dá essa transmissão de conhecimentos e valores em cada uma das artes marciais. Temos em diversas “modalidades” tipos diferentes de formas, katas no judô e no caratê, katis nos kung-fu, poomsae no tae-kwon-do, é importante notar que mesmo estando presentes em várias formas, ou seja, sua expressão enquanto gesto simbólico é diferente, é acumulada e transmitida de forma diferente, poderíamos dizer que as formas são uma maneira comum de se transmitir conhecimentos nas artes marciais, mas a maneira e o conhecimento transmitido é diferente em uma arte ou outra.

Outro conhecimento socialmente transmitido são os tipos de treino, é claro que inúmeras artes têm projeções ou quedas, que inúmeras artes têm chutes ou socos, que inúmeras artes têm finalizações, mas com certeza a maneira de se treinar difere de uma cultura para outra, por exemplo: em uma modalidade pode-se desenvolver mais exercícios ligados à velocidade dos golpes; e em outra modalidade pode-se desenvolver mais exercícios ligados ao controle dos golpes; e em outra a força dos golpes, dependendo de relações simbólicas que existem entre as pessoas dessa sociedade que resulta, entre outras coisas, na regra de cada “modalidade”.

Temos também a transmissão de conhecimentos grafados, por exemplo, através de desenhos ou mesmo da escrita, hoje em dia temos a possibilidade muito mais fácil de difundir conhecimentos por meio de fotos e vídeos, muitas vezes técnicas e treinos feitos do outro lado do mundo podem ser acessados de qualquer computador que esteja conectado à internet. Durante muitos anos isso não foi realidade, existia a necessidade e a dificuldade de se fazer catálogos, de se descrever os movimentos, essas informações tinham que ser passadas para o papel, dificuldade acrescida devido à grande diferença das línguas de origem oriental e o português. Lembrando ainda que na segunda guerra mundial o Brasil e o Japão estavam em lados diferentes da guerra e que a língua japonesa era a do inimigo.

O cinema, os filmes também acabam sendo uma maneira de difusão, acumulação e transmissão de conhecimento que influenciam as artes marciais, artes como o kung-fu, o caratê e o aiki-do tiveram momentos eternizados nas telas dos cinemas, muitas das técnicas que eram esteticamente mais impressionantes para o público comum foram romantizadas e exacerbadas devido a essa influência.

Os tipos de combate também são transmitidos de uma geração para outras de maneira diferentes em diversas modalidades, podemos notar grandes diferenças, por exemplos, nas atividades de combate entre as lutas agarradas e as lutas de trocação (chute e soco).

Não podemos esquecer também dos costumes, talvez menos ligados diretamente ao combate que também transmitem conhecimentos e são praticados nas lutas e nas artes marciais, é o caso das práticas de meditação, como por exemplo, o mukiso no judô, ou práticas de respiração no tai-chi-chuam, ou práticas de acrobacias, na capoeira. Essas práticas transmitem valores como concentração, coragem e beleza.

Uma sociogênese dos Combates

Hipoteticamente poderíamos pensar em uma evolução, não necessariamente um progresso para as lutas, se referindo especificamente ao combate em si, deixando de lado outras questões importantes como os treinamentos, a filosofia, as formas, as meditações etc. Poderíamos elencar algumas fases:

- Guerra;
- A preparação para guerra;
- As disputas não combinadas entre os clãs;
- As disputas combinadas entre os clãs;
- Até a morte;
- Até o knockout, uma lesão séria ou até jogar a toalha;
- Até o adversário desistir;
- Os sistemas de knockdown e contagem;
- Os sistemas de pontuação de combates e apresentações;

Em um primeiro momento temos a guerra em si, as pessoas em uma situação de conflito são obrigadas a colocar as habilidades que tem em busca da sobrevivência. Um segundo

passo seria quando se antecipa a guerra, talvez neste momento estejamos mais próximos da arte marcial e um pouco menos próximo da guerra. Neste momento existe uma preocupação e preparar-se para atacar ou ser atacado, é aqui que se desenvolvem métodos de aprendizagem e de aperfeiçoamento de técnicas, táticas, entre outras práticas que possibilitem sobreviver à guerra.

Uma característica desta fase que se mantém até hoje no ensino das artes marciais já estaria presente até hoje nesta segunda fase, arte marcial é diferente de guerra, por que se pratica com o colega e não contra o inimigo. Na guerra estaríamos nos preparando, estaríamos colocando em prática a arte marcial contra o inimigo. Na arte marcial estamos praticando com o amigo, isto tem implicações pedagógicas importantes, uma vez que uma aula de arte marcial jamais deve se tornar uma guerra. Sun Tsu (1983) coloca:

a guerra é de vital importância para o Estado; é o domínio da **vida ou da morte**, o caminho para a **sobrevivência** ou a perda do Império: é preciso saber manejá-la bem. Não refletir seriamente sobre tudo o que lhe diz respeito é dar prova de uma CULPÁVEL INDIFERENÇA no que se refere à conservação ou à perda do que nos é mais querido; e isso não deve ocorrer entre nós. (TSU, 1983, p. 17, grifo nosso).

Essa frase é da Obra de Sun Tsu no livro A Arte da Guerra que data do século IV AC, ele dá uma nova perspectiva ao convencional sobre a guerra, do ponto de vista estratégico não podemos esperar que simplesmente deixem de existir pessoas que queiram nos atacar, mas podemos nos tornar mais fortes, não nos deixar dominar. Diversas situações pedagógicas durante a vida do aluno exigiram o aprendizado, não só desses conhecimentos, mas muito mais desses valores, em quantas situações de aula não presenciamos determinada criança que vive apanhando e continua ao lado do agressor, não cabe aqui defender que ela bata, mas deixar-se ser agredido é ser conivente com a violência. Aprender esses valores, de ser responsável por sua defesa, de tomar a frente dos acontecimentos é um valor, um símbolo a ser ensinado pelas artes marciais.

Arte ou Luta é uma questão muito discutida, acho que neste contexto da discussão da violência dentro dessa idéia de que existe uma sociogênese para esse fenômeno podemos perceber que existe todo um processo artístico para formar um guerreiro, esse processo depende do refinamento de um mestre, um artista, porém algumas pessoas ao olharem o fenômeno de fora só conseguem ver o produto, o combate, a luta.

Pensando nas questões educacionais ligadas à intervenção do professor temos que entender que o conhecimento é um dos principais elementos desse processo, pode-se dizer que para **conseguir enxergar Arte na Guerra é necessário CONHECIMENTO**, um exemplo possível é o do Balé, uma pessoa absolutamente ignorante no que diz respeito à dança, não consegue diferenciar um bailarino medíocre de um gênio, isso por que não tem conhecimentos sobre o assunto, ou ainda uma pintura, um Van Gogh ou um desenho de uma criança pode parecer o mesmo para alguém que não entende de arte. Assim acontece com a luta, quando nos aprofundamos começamos a ver o que antes não se via, antes de fazer algumas aulas de boxe o que pode importar para certa pessoa que assiste uma luta pode ser os golpes mais fortes, a pancadaria, o sangue, mas depois de fazer algumas aulas a pessoa pode ser capaz de ver outras coisas que antes não era capaz de ver, consegue ter acesso, consegue escolher, entender o que está acontecendo dentro do ringue. A Escola tem um pouco dessa missão, garantir um grau de erudição que propicie a **escolha**, que propicie a **autonomia**.

Retornando à seqüência hipotética da sociogênese das Artes marciais, um terceiro momento poderia ser aquele em que já se tem certa “bagagem” da arte marcial, mas o estado não se encontra necessariamente em guerra, existem assim centros especializados em lutas, esses clãs têm rivalidades entre si, talvez até fruto da rivalidade da guerra, ou seja, uma herança simbólica das fases anteriores. Neste “momento” pode haver disputas isoladas entre membros de clãs diferentes, defendendo a imagem social, a honra de cada clã³¹. Logo em seguida essas lutas não aconteceriam por desentendimentos, ou repentinamente dependendo do acaso, mas sim seriam combinadas, entra-se aqui em uma nova fase, a fase que aquela preparação para a guerra se torna agora uma preparação para algum tipo de disputa, normalmente individual. Mantêm-se os símbolos, mantêm-se os valores, mas a forma vai se alterando, devido às novas situações sociais.

Quando se começa a combinar os combates podemos ter disputas armadas ou não, essas disputas também vão evoluindo desde um combate que vai até a morte até os combates esportivos de hoje. Poder-se-ia pensar que o segundo passo seria o *nockout* ou o *desmaio*, ou seja, que pouco a pouco essas disputas vão se “suavizando”, logo em seguida a luta pararia quando

³¹ Um romance que ilustra bem o período de modificações entre a guerra e a paz e as artes marciais no Japão envolvendo essas disputas é o *Mussashi* (YOSHIKAWA, 1999).

alguém tem uma lesão séria que o impossibilita de continuar a luta, ou até antes que isso aconteça o córner³² jogaria a toalha simbolizando a desistência³³. Na próxima fase antes mesmo o lutador não tenha mais condições de desistir ele mesmo reconhece a derrota, dando três tapas no chão ou no adversário, essa forma, mas comum nas lutas de finalização, judô, jiu-jitsu, sambo, etc.

Outra característica interessante é a fase em que se começa a preservar o atleta do knockout, ou seja, quando se começa a prevenir os efeitos colaterais de um knockout eminente, é o caso do knockout técnico, dos knockdowns e do número máximo de knockdowns em uma luta ou em um round, podemos perceber que as regras e lógicas das lutas agarradas e das lutas de soco e chute já começa a se diferenciar e a ter lógicas próprias dessa época. Por último temos as formas mais esportivizadas em que temos complexos sistemas de pontuação, seja pelo toque, seja pelas quedas, seja por situações de vantagem, seja por interpretações objetivas ou subjetivas de quem lutou melhor ou foi mais agressivo.

É importante notar que essas fases não são estáticas, não tem que acabar uma para começar outra, não acontece necessariamente em todas as práticas sociais, mas sim é uma tentativa de se ligar aquilo que não é contínuo, uma interpretação tentando entender e facilitar o entendimento das implicações pedagógicas que a sociogênese das lutas e artes marciais tem no que diz respeito a valores e a conhecimentos.

Os sistemas de apresentação também poderiam ser vistos como uma forma de evolução dos combates, agora sem que haja o combate em si, essas formas teriam métodos de avaliação, desde os fundamentos das modalidades, não só técnicos, mas também as posturas e outros quesitos que se espere de um guerreiro, até chegar a formas mais modernas em que já não se preocupa só com a funcionalidade bélica, mas sim com a função estética das apresentações.

³² Termo derivado as lutas de ringue, referencia ao técnico, professor, ou semelhante que fica no canto entre os round, sempre visto nas disputas de boxe profissional.

³³ Jogar a toalha é um gesto executado pelo córner simbolizando para o árbitro e para todos os que assistem que se desistiu do combate.

4.2 Reflexões educacionais a respeito do MODELO de competição dos mais jovens no judô

Neste capítulo devemos refletir sobre alguns pontos importantes que fazem parte do modelo de competição de judô dos mais jovens, são eles:

- Regras;
- Sistema de eventos;
- Relações interpessoais;
- Sistema de Pesagem;
- Sistema de Pontuação do Campeonato;
- Sistema de Chaveamento;
- Estrutura do Campeonato;

Durantes essas reflexões em diversos momentos podemos nos deparar com características semelhantes entre o esporte espetáculo e o esporte dos mais jovens.

Regras

Muitas vezes se pensa que as diferenças nas ações dentro de determinada prática social seja fruto da diferença de regras em diferentes práticas, porém essa idéia deixa de lado a importante constatação de que a regra é um produto social, depende da cultura em que se desenvolve determinada prática, ou seja, uma acumulação cultural adquirida através dos tempos resulta entre outras coisas na regra, mas também na maneira de jogar, de interpretar, obedecer ou desobedecê-la, a aplicá-la. A regra não é uma instituição neutra, mas sim funciona segundo pressupostos sociais.

O que podemos perceber através de nosso referencial é que a regra depende de uma sociogênese, de um momento de evolução, o que não justificaria a aplicação unilateral da regra atual, uma vez que o que acontece não é um progresso, mas sim mudanças, alterações

através dos tempos, primeiro no sentido de regrar as artes marciais, depois no sentido de suavizá-las e difundi-las, depois no sentido de espetacularizá-las. A consequência pedagógica disso é que temos um modelo único, o modelo “evoluído”, normalmente pensado segundo o “momento” da sociogênese da modalidade, esteja ela mais próximas às raízes bélicas ou ao espetáculo. O resultado disso é uma regra pensando para o adulto, para o espetáculo, para ser assistida.

Alguns reflexos disso no judô são o tamanho da área de competição igual à do adulto, assim como todo o sistema de amortecimento, placares, tipo de cronometragem, comportamento dentro de área e linguagem utilizada.

O que poderia ser questionado é se realmente uma competição com fins pedagógicos, pensando a pedagogia como transmissor e construtor de conhecimentos e valores, arquitetada dessa forma estaria cumprindo seu objetivo educacional, ou para que fins educacionais ela estaria servindo, ou seja, a competição dessa forma ensina que conhecimentos e que valores.

Longe de acreditar que a organização de um campeonato seja simples ou facilmente modificável podemos fazer algumas reflexões, mas essas reflexões têm que ser extremamente criticadas uma vez que são feitas de maneira muito confortável longe das dificuldades práticas de organização de cada evento.

- Área de competição (áreas válidas) e Árbitros;

Outra questão ligada à regra são os placares e sistemas de pontuação, se pensarmos no judô como uma prática social, decorrente de um sistema simbólico, dependente de fatores sociais impostos historicamente podemos pensar que a regra não é dogmática, não é uma entidade a ser seguida, mas sim um construto social modificável, e que mais uma vez foi mostrado através da descrição da sociogênese da modalidade desde um modelo bélico até um esporte olímpico ou um espetáculo. Poderíamos nos questionar se outros sistemas de pontuação, ou até mesmo a ausência em algum momento dos placares não poderia resultar em um processo pedagógico que abrangesse outros valores.

Poderíamos exemplificar com uma classe (faixa de idade) em que teríamos diversas lutas entre os lutadores fora do ambiente da academia, com árbitro, com arquibancada, placar, cronômetro, etc., mas sem envolver, ainda, a questão de quem ganhou ou quem perdeu. É claro que o ganhar e o perder são “peças” fundamentais quando se pensa a competição enquanto

um conteúdo educacional, porém o que se quer defender é que a diversidade no sistema de competição poderia atender a uma pluralidade de objetivos pedagógicos, ou seja, poder-se-ia vivenciar em um momento, o ambiente de competir e viajar de lutar com pessoas diferentes sem ainda lidar com a vitória ou com a derrota, o que também poderia incluir mais pessoas.

O que quer se destacar é a importância de se competir, competir de diversas formas, e não segundo um modelo único, o que é resultado de uma sociogênese, é um produto e não dá conta das múltiplas formas e dos múltiplos significados envolvidos nesse processo. Poder-se-ia questionar por que existem tantas divergências entre as formas e os objetivos dentro de uma arte marcial ou entre as artes marciais, talvez a fase da sociogênese que cada uma dessas artes se encontre responda um pouco a isso, e dentro de uma mesma arte pode-se ter pessoas mais ligadas a uma época e outras ligadas à outra, muito provavelmente quem vivenciou o judô há 60 anos tenha sido exposto a conhecimentos ligados a um tipo completamente diferente de competição das que são difundidas hoje.

A área de competição é a mesma em um campeonato para uma criança de seis anos ou para um adulto, o que proporcionalmente sugeriria uma área enorme para a criança. No que diz respeito à segurança isto seria positivo por que temos uma distância maior entre combates de áreas diferentes, porém deixa de lado a possibilidade de se utilizara mais áreas no mesmo espaço. Já no que diz respeito ao desenvolvimento das habilidades de luta poderíamos dizer que a habilidade de torear seria menos utilizada, ou seja, fica-se menos nos cantos das áreas seríamos obrigados a torear o adversário ou derrubá-lo para não ser-se colocados para fora.

No que diz respeito às raízes bélicas essa regra é bastante simbólica uma vez que o sair da área estaria relacionado com o fugir, estaria relacionado também o ser encurralado ou levado para uma situação de perigo, o desenvolvimento dessa habilidade remontaria a conhecimentos e valores que podem ser desenvolvidos nas aulas e nas competições.

Já no esporte, pensando aqui no esporte como uma fase da sociogênese que adjetiva a prática da arte marcial, esta regra vem para gerir o combate, para que não se tenha inúmeras interrupções por saídas de área desnecessárias. Apesar disso tudo é difícil imaginar como se poderia organizar as áreas de outra forma, uma vez que a montagem das mesmas leva certo tempo e que em cada classe teria um tamanho o que atrasaria muito o campeonato.

Pensando na questão da duração do campeonato muito extensa as áreas poderiam ser divididas com fita ou algum material removível de fácil e rápida instalação e

retirada nas primeiras categorias, por exemplo, mirim e infantil. Isso agilizaria bastante a execução do campeonato.

Para utilizar essa estratégia teríamos que ter o dobro do número de árbitros, porém se lembramos que a utilização de três árbitros visa ter uma maior precisão na arbitragem, minimizando erros e tentando a máxima imparcialidade, poderíamos questionar até que ponto isso é tão importante em uma categoria tão jovem, na qual os objetivos poderiam ser: entrar em contato com a competição, vivenciar novos desafios; e não necessariamente apurar fielmente quem é o melhor lutador de seis anos.

As regras oficiais do judô exigem três árbitros, um central e dois laterais, porém poderíamos pensar em outras possibilidades pedagógicas com um único árbitro, mas que acompanhasse os atletas/alunos antes e possivelmente até depois das lutas, o que poderia ser interessantes do ponto de vista pedagógico, ou seja, existe uma necessidade de uma grande precisão na arbitragem do judô olímpico, enquanto que talvez para o judô infantil seja muito mais importante a interação entre os atletas e os árbitros, ou seja, que o aluno receba informações antes de entrar no shiajo de alguém diferente do professor habitual. O que aconteceria aqui seria modificar-se a maneira que as pessoas se ligam umas as outras, mudar-se fatores sociais com implicações pedagógicas.

A utilização dos placares poderia ser adaptada ou simplesmente dobrada, uma vez que o custo dos placares, de seu transporte e instalação é muito mais fácil do que a dos tatames.

A regra da área de combate também prevê também punições, ainda que já haja alguma preocupação quanto a isso, as punições não são tão importantes para as crianças quanto para os adultos, em certos casos poderia ser minimizada ou mesmo retirada. No caso da área da falta por saída de área de competição em um enfoque pedagógico em que a criança fosse estimulada a participar da disputa a punição poderia não ser utilizada ou apenas utilizada em casos extremos, depois de alguns avisos em situações que realmente se está atrapalhando o andamento do combate.

A regra punição por saída de área não é devido a uma atitude fisicamente perigosa para o adversário, neste caso poder-se-ia ter um sistema que gradativamente fosse se adaptando à regra do adulto, por exemplo, em determinada categoria sem punição, em outra categoria dois avisos e depois punição, depois um aviso e punição, até chegar à punição direta.

Os placares também teriam a possibilidade de ser utilizados de forma adaptada, possivelmente sendo mais simples ou até em alguns casos não sendo utilizado. O assunto será abordado mais profundamente mais a frente ao discutirmos as pontuações.

O judô possui um sistema de arbitragem bastante participativo, para obtenção de graduações os atletas têm que participar da organização dos campeonatos, além disso, cada agremiação tem que fornecer certo número de árbitros para cada campeonato que vai participar. Ainda em idades muito jovens, muitas vezes onze, doze anos, ou até menos, os atletas já começam a ajudar como mesários. Esse sistema de construção do campeonato participativo faz com que as pessoas se envolvam com o evento, entendendo a dificuldade e a necessidade da ajuda de cada um deles, deixando de ser consumidores do campeonato para se tornarem construtores da realidade.

Essa estrutura é muito positiva, principalmente no esporte amador, os alunos aprendem desde cedo as dificuldades de se arbitrar de se organizar um campeonato, isso evita críticas vazias, cria um sentimento de empatia entre atleta e organização. Além disso, desde cedo a regra vai se tornando mais e mais clara para todos, as situações mais conflituosas são vista e revistas, ao permanecer como mesário e árbitro, o atleta vê situações de difícil resolução nas quais ele não está tão influenciado afetivamente quanto quando um colega está lutando ou em que ele mesmo está lutando.

Talvez o judô seja uma das poucas modalidades a utilizar esse sistema, possibilitando também o acesso ao campeonato e educando através dele. Uma possibilidade educacional seria explorar ainda mais essa característica, todos e não apenas alguns atletas poderiam participar como mesários. Utilizando-se sistemas de pontuação adaptados seria mais fácil para o árbitro ajudar atletas mais jovens a aprender o sistema de pontuação a partir de determinada idade em que se conseguisse implantar o sistema.

O próprio fato de se ter normalmente três árbitros por área poderia ser usado mais como um árbitro educador do que para a precisão na arbitragem das categorias mais jovens. Isso poderia ser alcançado através de uma categoria ficando no placar da categoria imediatamente mais jovem ou mais leve, ou até em alguns casos da própria categoria, o “clima” em alguns casos não seria sempre de apurar o vencedor e o perdedor, mas sim de se construir um campeonato, de se vivenciar desafios diferentes.

Linguagem

A linguagem utilizada nos combates de judô é o japonês, desde as categorias menores os padrões de sinalização gestual, comandos de voz e comportamento dentro do shiai³⁴ são iguais aos dos adultos. Por um lado isso representa um processo de amadurecimento de disciplina para o aluno, leva ele a lidar com um ambiente de seriedade.

Por outro lado podemos pensar que existe aprendizado fora do dojo, e que essa aprendizagem pode ser gradual, pode incluir mais pessoas, não precisam ser sempre idêntica do modelo olímpico. Aqui destaco as possibilidades utilizadas no jiu-jitsu chamadas de lutas casadas, é possível imaginar que muitas possibilidades pedagógicas no sentido de conhecimentos e de valores seriam possíveis através dessas práticas, uma delas seria a aproximação de professores e talvez até de familiares nos combates, ou seja, as lutas não seriam escolhidas apenas por peso e idade, mas sim casadas através de combinados o que possibilitaria a aproximação de níveis técnicos.

Poder-se-ia em um momento casar uma luta que terminou em ippom sem grandes esforços para determinado lutador, os mesmos professores poderiam casar uma luta mais difícil para ele, propondo ao aluno um novo desafio, o contrário também é possível, pode-se casar uma luta mais fácil para um aluno que tenha perdido. O que é importante neste sentido é que se vivencie o ato de competir, que se possibilite a vitória e a derrota, que se possa ter o prazer de lutar.

Sistema de pontuação e punições

O sistema de pontuação dentro da luta de judô também é idêntico ao do adulto, o que deixa de lado algumas possibilidades pedagógicas importantes para o desenvolvimento do lutador, podemos citar como exemplo a luta apenas por ippom³⁵, ou a luta por ippom e wazari, nas quais as pontuações menores desapareceriam, priorizando assim os ataques perfeitos, pode-se

³⁴ Shiai – área de competição. Dojo – área de treino.

³⁵ Ippom é a pontuação máxima no judô, quando ela ocorre a luta termina, ela pode ser obtida através de projeções, imobilizações, finalizações ou faltas cometidas pelo adversário. Wazari é a segunda pontuação mais alta ela é a única que se soma para formar um ippom, ou seja, dois wazaris equivalem a um ippom e ao término da luta, já as pontuações menores, Yuko e Koka não se soma, ou seja, inúmeras pontuações de Koka sempre serão menores do que uma pontuação de Yuko, inúmeras pontuações de Yuko sempre serão menores do que um Wazari.

citar também a luta somente com a pontuação no chão, ou seja, aquela que só se ganharia através de finalização, as projeções, normalmente o objetivo mais almejado no combate olímpico, passaria a ser um meio, privilegiar-se-ia outras situações da luta, o que além de desenvolver essas habilidades também pode ser importante para outros significados do judô diferentes dos esportivos. Essas formas de competição poderiam ser possíveis institucionalmente, mas também seriam possíveis dentro da academia ou em encontros entre academias.

Uma riqueza muito grande que se tem em outras modalidades são os Katas e Katis, seja para com o significado técnico seja com o significado estético. As apresentações sugerem um grande conjunto de possibilidades, incluem também aqueles que poderiam não ter os melhores resultados nos combates.

Abertura de área e fechamento de área e de campeonato

Nos campeonatos de judô temos normalmente o cumprimento inicial, as equipes perfilam no shiajo e normalmente são passadas algumas informações, algumas autoridades falam aos atletas e ao público, além disso, é tocado o hino nacional e feito o juramento do atleta.

Desde seis anos as crianças perfilam junto com suas equipes e se deparam com a magnitude do campeonato, é ensinado a se apreciar e a se ter respeito pelo hino nacional. Aprende-se a manter certa postura em público, representando sua equipe e o judô. Jura-se competir de certa forma, respeitando certos princípios. Um exemplo de juramento do atleta utilizado é: “Juro competir com lealdade, respeitando meus adversários e acatando as decisões dos árbitros para o engrandecimento do judô e do meu país.”

Porém no desfile de abertura não se faz qualquer limitação, pelo menos escrita e claramente apresentada como uma regra ou uma diretriz de um tempo máximo de duração do desfile de abertura. Levando-se em consideração que temos crianças no desfile e de que se tenta ensinar certa postura e disciplina neste momento seria interessante uma postura diretiva que limite-se o tempo ou pelo menos indicasse um tempo apropriado para a execução dessa fase do campeonato.

Estender muito essa fase atrasa o andamento do evento, cansa os atletas e não é eficaz na transmissão de informações, além de desencorajar os atletas a participarem do desfile de abertura.

Existe também um “ritual” de abertura de área de competição, cada trio segue certo protocolo antes de começar e depois de terminar as disputas de uma área. Uma possibilidade educacional seria utilizar esse momento nas categorias mais jovens para fazer não um cumprimento isolado dos árbitros, de um lado árbitros de outros atletas, mas sim um cumprimento de todos aos atletas e árbitros. Por exemplo, na categoria mirim e infantil, todos os atletas ficariam na área de combate e fariam um cumprimento inicial.

Tempo de Luta

Uma característica social importante do ponto de vista pedagógico é o tempo de luta, ou seja, como define se uma luta deve ter dois, três, cinco, vinte, ou qualquer outros valores, são famosas algumas lutas históricas que não tinham limite de tempo, como a de Kimura versus Gracie³⁶, que durou horas, mas normalmente se estabelece um limite de tempo, normalmente esse limite é relativamente curto, principalmente se comparado a essas lutas de longa duração. Uma das grandes influências para que se tenham combates curtos é o fato desses serem assistidos, a necessidade de velocidade e o alto custo do tempo na televisão, ou mesmo a necessidade de um entendimento universal faz com que seja necessário que aconteçam coisas a todo tempo, uma luta que demora horas, que fica muito tempo sem acontecer nada provavelmente não cativaria o grande público, o leigo.

Normalmente quanto menor a categoria menor é o tempo de luta, porém esse tempo normalmente é sempre igual por classes, ou seja, não se tem desafios diferentes de tempo de luta para uma mesma idade, é importante frisar que uma competição com fins pedagógicos não tem por objetivo ser assistida, assim o delineamento do tempo não é feito pensando em agradar o público, seu tempo seria proposto então para fins educacionais. Em alguns campeonatos poder-se-ia optar por lutas mais longas para que a criança tivesse mais tempo para resolver determinadas situações, enquanto que em outros se poderia optar por lutas mais curtas para possibilitar maior número de disputas.

Em alguns campeonatos, por exemplo, se uma determinada situação de luta demanda mais tempo para ser resolvida cognitivamente pela criança ela teria um tempo maior de luta para essa situação, por exemplo, o tempo de luta no solo ou o tempo sem atacar.

³⁶ Respectivamente lutador japonês judô e brasileiro de jiu-jitsu.

Um exemplo disso é o fim da luta por ippom, uma luta de judô pode em tese durar um ou dois segundos uma vez que na regra olímpica o ippom termina o combate, longe de afirmar que o fato de perder uma luta em dois segundos não ensine nada, o que queremos é discutir o que se ensina ao se lutar apenas dois segundos, o que se vivência enquanto possibilidades motoras, o que se planeja de tática, quais os sentimentos que ficam de perder uma luta em dois segundos, podemos questionar até mesmo o quanto se vivencia do medo, o medo de se perder, o medo de ser derrubado é algo que terminada muito rápido em uma luta de dois segundos. Pode-se pensar em algumas possibilidades como as lutas até finalizar, ou a luta até o ippom, ou até mais de um ippom, o que trás a possibilidade de vivenciar por mais tempo as situações do combates.

Outra possibilidade, comum em outras lutas, são os rounds, se analisarmos essa questão perceberemos que o intervalo durante a luta pode trazer uma possibilidade de intervenção do professor, o que se bem usado pode significar ganhos em conhecimentos técnicos, táticos, pode ajudar o atleta a se tranquilizar, pode trazer outras motivações ao aluno. Não se quer com isso dizer que a luta sem rounds também não tenha suas possibilidades pedagógicas, pelo contrário ressalto que ela pode, entre outras coisas, dar autonomia, uma característica do judô é que desde os seis anos de idade se entra no shiai sozinho, é um desafio e um momento só seu. O que quero é reafirmar que existem inúmeras possibilidades pedagógicas no ambiente da competição, o que reafirma a questão do modelo, cada modelo, cada formato faz diferença no aprendizado dos alunos.

Calendários

Outro ponto de extremamente controverso são os calendários, a fase de organização atual do judô, seu modelo de competição e sua difusão resulta em algumas regiões em inúmeras competições, em um calendário cheio, o que pode representar um extress físico e emocional para as crianças que estaria constantemente participando de campeonatos. Um dos questionamentos que pode ser levantado é com relação à responsabilidade das federações com relação a esse número de campeonatos, porém o que se deve defender é a responsabilidade profissional do professor em refletir sobre qual o número mais adequado de competições dentro do seu projeto pedagógico, ou seja, a participação em campeonatos tem que ser um conteúdo planejado pelo professor, o fato de se ter o campeonato não pode fazer com que ele se sinta obrigado a participar, cada processo pedagógico pode resultar na ausência ou na presença de

participação em campeonatos, assim como um número ou datas variáveis de participação dos mesmos.

Ainda na organização dos campeonatos podemos refletir sobre o sistema de apuração da pontuação das equipes, normalmente todas as classes e categorias nos campeonatos somam pontos para os campeões, vice-campeões e terceiros lugares de cada agremiação, porém pensando que em certas fases a ênfase maior não seria o resultado isso poderia ser repensado, não se somando pontos para as categorias menores, ou somando-se pontos para o maior número de participantes e não de campeões.

Técnicas válidas e pegadas válidas

Com a evolução das regras do judô e seu processo de espetacularização cada vez mais se procurou construir regras que privilegiassem uma disputa visualmente atrativa, com grandes possibilidades de ippom. As principais regras modificadas foram as pegadas válidas e as punições por falta de combatividade. Algumas técnicas foram proibidas ao longo dos anos por serem consideradas perigosas para quem recebe ou para quem aplica, estas alterações também podem ser consideradas adaptações para um processo de espetacularização, porém segundo os pressupostos olímpicos, sempre buscando a aceitação social como um esporte.

Algumas reflexões podem ser feitas quanto a essas alterações quando aplicadas aos mais jovens. Um primeiro ponto e talvez o mais crucial seria relativizar a importância da punição por falta de combatividade em alguns momentos do processo pedagógico.

A punição por falta de combatividade é de fundamental importância para propiciar uma disputa com a utilização de muitos golpes e procurando-se o ippom para vencer a luta. Essa regra foi necessária no momento em que as lutas de judô se tornaram equiparadas mundialmente e os atletas passaram a não se arriscar tanto na aplicação de golpes principalmente pelo desgaste físico e pelo risco do contragolpe.

O objetivo dessas regras é que tenhamos uma disputa com golpes e não apenas com disputa de pegada. O efeito delas é que cada vez mais temos movimentos espetaculares dentro dos campeonatos.

Esse conjunto de regras é construído basicamente através de constatações de posturas, pegadas e técnicas que visam não atacar o adversário procurando a vitória, mas sim

evitar que o adversário o ataque evitando a derrota. São estabelecidos tempos e proibidos alguns atos que são considerados como um judô negativo.

Em alguns momentos do processo pedagógico essas regras podem contribuir enormemente uma vez que incentivam os atletas a se arriscarem e a colocarem em prática os golpes que foram aprendidos. Porém em outros momentos, sobretudo nos iniciantes essas regras podem ser incoerentes com as possibilidades técnicas, táticas e emocionais do atleta.

Os motivos e as possibilidades que levam um atleta olímpico faixa preta a não atacar são muito diferentes dos motivos que levam uma criança de seis anos faixa branca a não atacar. O iniciante pode precisar de mais tempo para estabelecer sua estratégia de luta, pode levar mais tempo para raciocinar sobre os fatores que envolvem a aplicação dos golpes, pode precisar de mais tempo em certa pegada, pode demorar mais tempo para vencer o medo de se arriscar.

O campeonato dos mais jovens não deve ser formatado para ser assistido, para ser visualmente atrativo, mas sim sendo as possibilidades competitivas de cada grupo, levando em consideração idade, tempo de prática e objetivos educacionais. O campeonato dos mais jovens é para ser feito e não para ser consumido.

Atualmente no judô o processo que se utiliza para se incentivar os atletas a procurar a iniciativa do combate é punitivo, ou seja, se não ataco sou punido. Porém outras possibilidades podem ser viáveis, uma delas é a utilização de rounds.

A luta de judô normalmente é disputada em um único tempo, atualmente existindo a possibilidade de utilização do ponto de ouro (golden score), que seria um tempo extra no caso de empate terminando no primeiro ponto. Nesse sistema o atleta tem uma grande independência dentro da disputa, é um momento em que as decisões são mais suas do que de qualquer outra pessoa, a intervenção do técnico se reduz apenas ao que o atleta consegue escutar enquanto está lutando e nas paradas (mate) durante a luta. Para os atletas mais jovens isso pode ser uma possibilidade de independência de amadurecimento, de tomar a responsabilidade para si, um momento em que se é o único responsável, em que todas as decisões têm que ser tomadas sozinho e rapidamente.

Porém outras possibilidades poderiam ser utilizadas pensando nas punições e no tempo de luta, ao invés de se punir os atletas poder-se-ia incentivá-los a procurar a iniciativa da luta através de uma bonificação, em outras modalidades, como por exemplo, no boxe a disputa é feita por rounds, a cada round temos um vencedor. Se transportássemos essa possibilidade para

os mais jovens poderíamos utiliza-la incentivar as crianças a procurar a vitória não só pela punição, mas sim pela bonificação.

Podemos pensar como um exemplo a categoria pré-juvenil, ao invés de se utilizar uma disputa de três minutos poder-se-ia utilizar uma disputa com três rounds de um minuto ou dois rounds com dois minutos, ao final de cada round sem pontos seria declarado um vencedor por ofensividade. A estratégia além de incentivar de maneira diferente atletas olímpicos e atletas mais jovens também permitiria uma interação do técnico de maneira mais calma durante os intervalos.

Exame Médico

O exame médico também é uma regra que veio sofrendo alterações ao longo dos anos. Atualmente entende-se que o médico deve estar próximo a área de luta para prestar primeiros socorros no caso de alguma lesão ou mesmo para estancar algum pequeno sangramento que não ofereça risco à integridade física do atleta. Porém não se permite que o médico seja solicitado para recuperação de torções ou colocação de bandagens, essa postura da arbitragem foi “amadurecendo” com o passar dos anos no sentido de preservar a integridade física do atleta. Ou seja, se o atleta sofreu alguma lesão que necessite de cuidados médicos ele não deveria continuar o combate. Além disso, isso evita que os atletas utilizem esse tempo como estratégia de luta.

Provavelmente com as crianças deva-se tomar os mesmos cuidados, ou seja, a qualquer sinal de lesão o combate deve ser suspenso, é mais importante a integridade física do atleta do que a vitória em uma luta. Pode-se ainda pensar em certa responsabilidade através de treinamentos dos árbitros em chamar os médicos em situações que possivelmente possam envolver riscos para que o médico esteja presente orientando durante o combate e possivelmente após o combate. Ou seja, os cuidados com os mais jovens devem ser ainda maiores do que com os adultos.

Por ultimo cabe destacar a importância de que as regras sejam escritas e divulgadas de maneira clara, para que possam ser questionadas e aprimoradas, de maneira que todos tenham o acesso, assim a competição das crianças será uma competição de e para crianças e não uma competição de adultos aplicada às crianças.

Sistema de Eventos

Talvez uma das práticas sociais menos perceptíveis pelos membros de cada modalidade seja que existe um sistema, uma maneira de se organizar e arquitetar os campeonatos, mais ainda, que essa maneira não é a única e pode ser feita de inúmeros jeitos diferentes.

O sistema de eventos tem grandes reflexos sobre o acesso, sobre as possibilidades de prática e sobre o custo de se realizar cada campeonato. Cabe destacar que um sistema usado de forma incoerente pode resultar em inúmeros problemas, principalmente do ponto de vista administrativo e financeiro, mas também com consequências educacionais na medida em que o número de campeonatos pode ser afetado e o custo pode se tornar uma grande barreira para os praticantes.

Pensando nas influências do esporte espetáculo sobre o esporte dos mais jovens esse é um dos sistemas sociais que talvez tenha tido menor impacto negativo sobre as condições de prática da modalidade, e que até pelo contrário as práticas aplicadas aos adultos tenha ajudado a possibilitar a prática da modalidade.

Algumas modalidades, como por exemplo, o Futebol, tem seus sistemas de campeonatos nacionais e até estaduais muito caros devido a sua forma de execução. Normalmente os campeonatos profissionais são feito através de jogos isolados, cada equipe joga apenas um jogo por dia, o que gera um grande custo de viagens e uma grande demanda de tempo para se apurar um campeão. No caso do futebol profissional no Brasil são pagos com as rendas conseguidas com ingressos e os patrocínios. O que pode se tornar inviável em outras modalidades que não tenham a mesma repercussão social.

Já no caso do judô o sistema é totalmente diferente, os campeonatos são realizados em apenas um (1) ou em poucos dias, o que possibilita um baixo custo de viagem e de organização dos campeonatos.

Para realizar um campeonato de judô temos que ter árbitros, mesários, sumulistas, cronometristas, pessoas para montar os tatames, mestre de cerimônia, técnicos de som, médicos, entre outras várias funções para pode viabilizar a ocorrência de um evento. Isso tudo gera um custo para a prática competitiva da modalidade, o que se soma a outros custos, tais como transportes, uniformes, mensalidades, equipamentos, entre outros.

Neste ponto percebe-se claramente que a influência do espetáculo pode se tornar incoerente com as práticas dos mais jovens. Em um esporte de espetáculo os custos são

pagos por patrocinadores e por expectadores, ao contrário do esporte dos mais jovens, que é custeado pelos pais dos praticantes. Um modelo dispendioso pode inviabilizar a prática para uma grande parcela da população além de diminuir o número de campeonatos possíveis de serem realizados por uma modalidade.

Para conseguir realizar seus eventos o judô depende principalmente de um grande número de praticantes presentes nos campeonatos para poder custear os campeonatos de forma freqüente e barata para seus praticantes. Esse modelo permite que mais pessoas tenham acesso a modalidade, que se possa participar e realizar mais campeonatos nos mais diversos locais. Isso permite além do acesso uma variedade de possibilidades de experiências em diversos locais em diversos eventos, porém o modelo não faz qualquer limitação quanto a um número excessivo de campeonatos durante um ano, assim esse modelo ao necessitar da participação de muitos praticantes pode fazer com que a criança participe de um número de campeonatos regido não por suas necessidades e possibilidades educacionais, mas sim pela necessidade financeira para sua viabilização.

Outra problemática é referente ao tempo de permanência nos campeonatos e as condições necessárias para suportar um campeonato dessa magnitude. Na primeira fase de nossa pesquisa tivemos a informação de que um campeonato com menos de 600 atletas acarreta em prejuízo para a federação. Assim para que sobre receita os campeonatos têm que ter 700, 800, ou até mais de mil participantes. Para que ocorram todas essas disputas é necessário que se demande um grande intervalo de tempo em que os professores tem que estar nos campeonatos e muitas vezes até pais e crianças, uma vez que uma mesma família pode ter filhos em diferentes classes (idades) ou podem depender de um transporte coletivo feito pela equipe, neste caso chegando no início da pesagem e saindo só após a entrega dos troféus.

Agilizar um campeonato desse tamanho muitas vezes depende do número de áreas de competição além de uma boa administração do evento no sentido de não atrasar horários de pesagem, confecção de chaves, e não deixar áreas paradas. Isso acarreta na necessidade principalmente de árbitros e mesários. Porém nem todos os ginásios no estado de São Paulo, e provavelmente em poucas regiões do Brasil, tem as condições necessárias para atender a um contingente tão grande de participantes, é necessário ter um tamanho suficiente de área central do ginásio para a montagem das áreas, um tamanho suficientemente grande para acomodar os

atletas, técnicos e expectadores, as condições se tornam ainda mais difíceis ao se pensar na necessidade de banheiros, vestiários e alimentação para envolvidos no evento.

Pensando nas limitações físicas presentes em muitos dos ginásios uma das soluções possíveis é a realização de campeonatos em dois dias (sábado e domingo), com essa estratégia se divide o número de participantes em dois sem dobrar todos os custos, seria como realizar dois campeonatos diferentes, porém economizando em transporte e montagem de materiais (tatames, mesas, placares), porém normalmente os custos de viagem não são divididos, na maior parte das competições as pessoas não ficam na cidade do campeonato, assim tem que ir e voltar duas vezes.

Este é um exemplo de possibilidade de conciliar necessidades administrativas com as necessidades educacionais, ou seja, se por um lado é preciso de um grande número de participantes para custear um campeonato por outro é preciso ter condições estruturais para realizar as lutas.

Este modelo de campeonato adotado prioritariamente no judô em um ou poucos dias permite e divulga os campeonatos em diversas cidades, usando as palavras citadas pelo delegado regional na primeira fase da pesquisa “levando o judô a todos os lugares possíveis”. Isso é possível devido ao sistema de competição adotado pela Federação, marcado por algumas características: grande número de participantes, poucos dias, estrutura de materiais e transporte da federação (tatames, placares, cronômetro, etc.), estrutura de arbitragem amadora. Através de todo esse sistema adotado se oportuniza e democratiza o acesso à competição, porém existem efeitos colaterais, tais como os citados pelos entrevistados na terceira e quarta fase da pesquisa: o grande número de campeonatos.

Se por um lado um grande número de eventos oportuniza que mais e mais pessoas possam ter acesso aos eventos, vivenciando e entendendo suas possibilidades por outro lado o sistema não faz qualquer controle quanto ao número de campeonatos nas diversas idades, ou seja, pode-se ter um excesso de campeonatos durante um período dentro de certa faixa etária. Esse fator é agravado pela soma de pontos nos campeonatos, deveras, para uma equipe se classificar nos campeonatos é necessário que seus atletas estejam presentes em cada um dos eventos, mais do que isso é necessário que esteja presentes e que se classifiquem entre os quatro primeiros para que a equipe some pontos.

Apesar do sistema atual não limitar ou mesmo ponderar sobre essa questão, neste caso é preponderante a atuação das agremiações e dos professores para refletir sobre essas questões uma vez que a Federação assume o papel de maximizar o acesso aos campeonatos e essa função é importante no papel de democratização do esporte, outras instâncias teriam que se preocupar com os limites de participação aceitáveis dentro de cada processo pedagógico. Por ultimo, seria possível sim que a Federação fizesse indicativos de frequências máximas em campeonatos para cada categoria e até mesmo limita-se o número de participações dentro de determinado período de tempo.

Outra prática comum no judô são os campeonatos sequenciais, ou seja, campeonatos que classificam para uma próxima fase mais selecionada, por exemplo, campeonato regional classificando para paulista do interior e depois para paulista. Seria como se tivéssemos um único campeonato dividido em várias fases. Essa estratégia tem algumas vantagens para as competições dos adultos:

- Regionalização: ao realizar um único campeonato estadual temos uma grande distância entre algumas regiões e o local de realização dos campeonatos, já se o campeonato é realizado em diversas fases apenas aqueles atletas que tem um maior nível técnico podem ter que se deslocar distâncias maiores.

- Divisão do número de participantes: temos em cada uma das fases um número menor de participantes do que se tivéssemos apenas um dia de campeonato;

- Seleção do nível competitivo: como só os melhores classificados passam para as próximas fases a cada uma delas se seleciona os atletas que estão com melhor nível competitivo.

Apesar dessas vantagens para os adultos esse modelo pode não ser tão vantajoso em alguns pontos para os mais jovens. O primeiro ponto seria que, sobretudo nas primeiras categorias, mirim, infantil, infante, e talvez até um pouco mais adiante, o objetivo seria oportunizar a competição a todos, garantir o acesso, e não necessariamente conceder títulos a uma pequena minoria tirando a oportunidade dos que perderam em uma das fases de participar das fases subsequentes. O segundo ponto diz respeito à manutenção do peso, ou seja, quanto mais fases se têm em um campeonato que dependa de classificação mais tempo tem que se manter um mesmo peso.

No caso das categorias mais jovens provavelmente seria mais vantajoso a utilização de campeonatos abertos, ou mesmo a utilização de mais de um campeonato paulista, uma vez que o maior objetivo nesta fase não seria conceder o título de campeão paulista, mas sim oportunizar a vivência competitiva. Assim poder-se-ia realizar campeonatos paulistas abertos em diversas regiões, caso necessário dividir em mais categorias se o número de participantes de um determinado campeonato for muito grande. Nos adultos existe toda uma construção simbólica em torno de ser o campeão, de ser o único em determinada região, porém nos mais jovens talvez esse sonho possa dar espaço apenas a vontade de ser campeão ou de competir, não necessariamente sendo o único campeão.

Uma possibilidade dentro dessa idéia de se ter mais de um campeonato paulista em determinadas categorias para garantir a regionalização seriam os campeonatos por faixas. Dentro de eventos que se tenha um número excessivo de participantes em uma mesma categoria pode-se dividir também pelas faixas, que representariam o tempo de prática e o conhecimento do aluno. Normalmente se se preocupa muito com a idade e com o peso, porém muitas vezes esse fator pode passar a ser secundário em uma determinada idade em que a experiência comece a ser preponderante. Os campeonatos por faixas possibilitam ainda a modificação de regras segundo a faixa que o atleta se encontra.

Outro sistema de campeonatos são os campeonatos em circuito. Neste tipo de disputa temos inúmeras fases independentes de classificação em que os atletas pontuam nas suas categorias em diferentes campeonatos dentro de uma região, por exemplo, o estado. A vantagem desse sistema é oportunizar diversas experiências em campeonatos sem excluir nenhum participante pelo nível competitivo, neste modelo também se consegue cumprir um pouco da regionalização, uma vez que se pode realizar em diversas locais de uma região sem que os atletas sejam obrigados a competir em todas as fases.

Esse modelo também tem como vantagem o grande número de participantes, uma vez que não elimina participantes. Porém esse sistema encontra algumas desvantagens, a primeira delas é a manutenção do peso, o que obrigaria o circuito a ser realizado dentro de um período de tempo limitado, apesar do atleta poder competir em diferentes categorias a soma de ponto é dentro de cada peso, a segunda delas seria a necessidade de deslocamento, apesar do modelo permitir que se participe apenas dos campeonatos mais próximos a busca pelo resultado pode levar o atleta a fazer grandes viagens em busca de mais chances de classificação.

Apesar dos campeonatos serem normalmente realizados por categorias de peso e individualmente existem outras possibilidades. Uma delas é o campeonato absoluto e semi-absoluto, respectivamente sem divisão de peso ou com apenas duas categorias de peso. Apesar de ter poucas possibilidades nas categorias mais jovens ele trás disputas diferentes devido às diferenças de peso e as necessidades técnicas de estratégias decorrentes dessa situação.

A principal dificuldade de implantação desse sistema é a crença de um maior risco de lesão devido a uma maior diferença de peso entre os atletas, porém esse sistema trás diferentes possibilidades competitivas talvez aplicáveis às categorias junior e sênior. A segunda possibilidade são os campeonatos por equipes, neste tipo de disputa não se tem uma progressão individual em uma chave, mas sim equipes que se enfrentam, um lutador de cada vez, e o resultado define não qual lutador mais sim qual equipe deve progredir na competição. Esse tipo de campeonato, somado com diferentes regras pode trazer ainda mais possibilidades.

O judô tem diversos pontos positivos no seu sistema de administração de campeonato, ou seja, no modo como se realizam os campeonatos do ponto de vista administrativo. Porém outras reflexões poderiam ser feitas sobre as questões educacionais envolvidas neste modelo em cada uma das populações envolvidas pensando em outras possibilidades educacionais. Poder-se-ia ainda diversificar os modelos, incluindo pessoas diferentes e criando-se desafios diferentes dentro do judô. Pode se refletir ainda sobre a heterogeneidade entre as regiões, como apontam alguns entrevistados na quarta fase da pesquisa, o que exigiria modelos diferentes para necessidades diferentes.

Relações Interpessoais

Apesar de outros itens serem mais fortemente criticados, as relações interpessoais podem, muitas vezes, serem esquecidas ao se pensar no esporte dos mais jovens, mesmo que ela possa representar um fator crucial na formação dos alunos além de ser um dos pontos a ser repensado cuidadosamente com relação às influências do esporte espetáculo.

As relações de um atleta olímpico ao adentrar um shiajo para lutar devem ser diferentes das relações de um atleta jovem. Os pais, os árbitros, os mesários, os organizadores, os dirigentes devem ter ligações diferentes entre si.

O judô tem um conjunto de possibilidades diferenciadas ao se pensar nessas relações, uma vez que seus campeonatos são construídos com a participação de inúmeros atletas, com árbitros e mesários de diversas agremiações.

Ao se incluir atletas como árbitros e mesários se constrói um sentimento de empatia, ao mesmo tempo em que as pessoas aprendem mais profundamente as regras ao participar da arbitragem. Sentem ainda as dificuldades e entendem os erros que acontecem em uma arbitragem.

Temos assim uma construção participativa, que gera entendimento, proximidade e respeito, porém os pais são os menos presentes nesse processo. Além de normalmente serem os que menos entendem da modalidade também são deixados a margem desse processo.

Inúmeros fatores acabam conspirando para que alguns pais possam se tornar um potencial problema em um campeonato: sua profunda ligação afetiva com a situação; baixo conhecimento da modalidade; pouca interação com os professores; pouca participação na construção dos eventos.

Estratégias poderiam ser pensadas para incluir os pais no processo, ainda que esse processo seja difícil e de complicada implantação pode gerar inúmeros benefícios educacionais.

Uma possibilidade de início desse processo é através das próprias equipes, muitas funções podem ser atribuídas aos pais para ajudar no processo de construção dos campeonatos. Os pais podem ajudar a acompanhar os mais jovens na pesagem, podem ajudar nas estatísticas da equipe filmando e marcando o que acontece com os atletas da equipe, podem ajudar a fotografar os atletas durante o campeonato e a premiação.

O objetivo desse processo é tirar os pais da posição de consumidores e colocá-los na posição de construtores, ajudando, influenciando, e, sobretudo, tendo consciência do processo educacional de seus filhos.

Sistema de Pesagem

Uma preocupação constante nas modalidades que envolvem categorias de peso são as práticas que envolvem seu controle³⁷, pensando nos primórdios da sociogênese do judô essa característica estaria muito mais relacionado com o esporte do que com a guerra. Embora o

³⁷ Para maiores informações consulte Lollo, Cazetto e Montagner (2004).

sistema de pesos seja importante para o adulto, a criança pode ter outras necessidades, muitas vezes as habilidades e até mesmo a força pode ser muito diferentes sobrepondo-se à diferença de peso, ou seja, os campeonatos que tentassem aproximar níveis de habilidade seriam mais adequados neste sentido. Outra possibilidade para coibir o controle inadequado de peso seria a pesagem sem categorias pré-definidas, ou seja, pesa-se uma classe e se junta em categorias de peso aos atletas mais próximos.

Estudos preliminares (LOLLO, CAZETTO E MONTAGNER, 2004) indicavam algumas problemáticas a respeito do sistema de pesagem, refletindo sobre possíveis conseqüências nutricionais.

Neste momento podemos refletir sobre algumas questões sociais e educacionais a respeito desse modelo.

Talvez esse ponto seja um dos mais semelhantes ao do esporte espetáculo, poderíamos nos questionar: qual a diferença do sistema de pesagem de um atleta olímpico, de um lutador do UFC e de uma criança de seis anos? Podemos afirmar que salvo alguns detalhes o sistema é igual. Os sistemas de pesagem são constituídos por um conjunto de regras, às vezes escritas às vezes apenas verbais. Essas regras podem constar em livros de regras de determinada modalidade, em contratos para eventos, em convites para campeonatos ou mesmo serem explicitadas verbalmente em cursos ou reuniões.

As características de um modelo de pesagem incluem:

- tabela de pesos;
- tolerância de peso;
- data e horário de pesagem;
- número de pesagens;
- vestimentas para a pesagem;

Dentre todas essas características a única que é diferente nos mais jovens no judô é o número de pesagens, o restante tem diferenças apenas numéricas. Podemos citar alguns exemplos através de tabelas, no caso do judô temos uma tabela mundial de pesos fixada pela IJF:

Masculino (Sênior e Sub 20)	
Ligeiro	Até 60 quilos
Meio-leve	Acima de 60 até 66 quilos
Leve	Acima de 66 até 73 quilos
Meio-médio	Acima de 73 até 81 quilos
Médio	Acima de 81 até 90 quilos
Meio-Pesado	Acima de 90 quilos até 100 quilos
Pesado	Acima de 100 quilos
Feminino (Sênior e Sub 20)	
Ligeiro	Até 48 quilos
Meio-leve	Acima de 48 até 52 quilos
Leve	Acima de 52 até 57 quilos
Meio-médio	Acima de 57 até 63 quilos
Médio	Acima de 63 até 70 quilos
Meio-Pesado	Acima de 70 quilos até 78 quilos
Pesado	Acima de 78 quilos

Tabela 1 – Tabela de Pesos FIJ (Dados da FIJ, disponível em www.ijf.com)

No caso do UFC para citar um exemplo de uma modalidade voltada para o espetáculo temos:

Peso leve (Lightweigh)	de 145 até 155 libras
Peso ligeiro (Welterweight)	de 155 até 170 libras
Peso médio (Middleweight)	de 170 até 185 libras
Peso leve pesado (Light Heavyweight)	de 185 até 205 libras
Peso pesado (Heavyweight)	de 205 até 265 libras

Tabela 2 – Tabela de Pesos do UFC (dados disponíveis em www.ufc.com)

No caso do judô dos mais jovens temos em São Paulo as menores idades na segunda divisão:

Segunda Divisão Masculino						
classes	mirim	infantil	infanto juvenil	pré juvenil	juvenil	adulto
nascidos em	2001/2000	1999/98	1997/96	1995/94	1993/92	1991 e ant.
idades	7/8	9/10	11/12	13/14	15/16	17 e acima
sligeiro	até 23	até 28	até 28	até 36	até 51	até 55
ligeiro	+ 23 a 26	+ 28 a 30	+ 28 a 31	+ 36 a 40	+ 51 a 55	+ 55 a 60
m. leve	+ 26 a 29	+ 30 a 33	+ 31 a 34	+ 40 a 44	+ 55 a 60	+ 60 a 66
leve	+ 29 a 32	+ 33 a 36	+ 34 a 38	+ 44 a 48	+ 60 a 66	+ 66 a 73
m. médio	+ 32 a 36	+ 36 a 40	+ 38 a 42	+ 48 a 53	+ 66 a 73	+ 73 a 81
médio	+ 36 a 40	+ 40 a 45	+ 42 a 47	+ 53 a 58	+ 73 a 81	+ 81 a 90
m. pesado	+ 40 a 45	+ 45 a 50	+ 47 a 52	+ 58 a 64	+ 81 a 90	+ 90 a 100
pesado	+ 45 a 50	+ 50 a 55	+ 52 a 58	+ de 64	+ de 90	+ de 100
s. pesado	+ de 50	+ 55 a 60	+ de 58			
e. pesado		+ de 60				
Segunda Divisão Feminino						
s. ligeiro	até 23	até 26	até 28	até 36	até 40	até 44
ligeiro	+ 23 a 26	+ 26 a 28	+ 28 a 31	+ 36 a 40	+ 40 a 44	+ 44 a 48
m. leve	+ 26 a 29	+ 28 a 30	+ 31 a 34	+ 40 a 44	+ 44 a 48	+ 48 a 52
leve	+ 29 a 32	+ 30 a 33	+ 34 a 38	+ 44 a 48	+ 48 a 52	+ 52 a 57
m. médio	+ 32 a 36	+ 33 a 36	+ 38 a 42	+ 48 a 53	+ 52 a 57	+ 57 a 63
médio	+ 36 a 40	+ 36 a 40	+ 42 a 47	+ 53 a 58	+ 57 a 63	+ 63 a 70
m. pesado	+ 40 a 45	+ 40 a 45	+ 47 a 52	+ 58 a 64	+ 63 a 70	+ 70 a 78
pesado	+ 45 a 50	+ 45 a 50	+ de 52	+ de 64	+ de 70	+ de 78
s. pesado	+ de 50	+ de 50				

Tabela 3 – Tabela de Pesos da segunda divisão da FPJ (disponível em WWW.fpj.com.br)

Podemos ainda citar a tabela de recomendações da IJF:

Regulations related to weight categories, age & contest time duration (Senior & Juniors) and recommendations for Youths					
SENIORS	-20 YEARS	15/16 YEARS	13/14 YEARS	11/12 YEARS	9/10 YEARS
5 minutes	4 minutes	3 minutes	3 minutes	2 minutes	No competition
				- 24 kg	
				- 27 kg	
				- 30kg	
			- 34kg	- 34kg	
			- 38kg	- 38kg	
			- 42kg	- 42kg	
			- 46kg	- 46kg	
- 50kg	- 50kg	- 50kg	- 50kg	- 50kg	
- 55kg	- 55kg	- 55kg	- 55kg		
- 60kg	- 60kg	- 60kg	- 60kg		
- 66kg	- 66kg	- 66kg	- 66kg		
- 73kg	- 73kg	- 73kg			
- 81kg	- 81kg	- 81kg			
- 90kg	- 90kg	- 90kg			
- 100kg	- 100kg	+ 90kg			
+ 100kg	+ 100kg				
SENIOR WOMEN, WOMEN - 20 AND YOUTHS					
5 minutes	4 minutes	3 minutes	3 minutes	2 minutes	No competition
				- 22 kg	
				- 25 kg	
				- 28kg	
			- 32kg	- 32kg	
			- 36kg	- 36kg	
			- 40kg	- 40kg	
			- 44kg	- 44kg	
- 48kg	- 48kg	- 48kg	- 48kg	- 48kg	
- 52kg	- 52kg	- 52kg	- 52kg		
- 57kg	- 57kg	- 57kg	- 57kg		
- 63kg	- 63kg	- 63kg	- 63kg		
- 70kg	- 70kg	- 70kg			
- 78kg	- 78kg	+ 70kg			
+ 78kg	+ 78kg				

Tabela 4 – Tabela de sugestão de pesos e tempo de luta da FIJ (Dados da FIJ, disponível em www.ijf.com)

Todas as tabelas contêm nomes de categorias e os respectivos pesos, as diferenças são nos valores e não na lógica do sistema em si. Enquanto em um ambiente uma

categoria é chamada de um determinado nome em outro ambiente é chamada de outro nome. Enquanto que em um ambiente temos uma categoria que compreende uma faixa, com limite máximo e mínimo, em outro temos apenas limite máximo ou mínimo, com ou sem faixa de tolerância.

O que é importante notar é que em todos esses ambientes, desde o esporte dos mais jovens, passando pelo esporte olímpico até chegar ao esporte de espetáculo essa lógica é a mesma, a estrutura, o sistema tem um funcionamento igual.

Imaginando que o sistema tem uma lógica que produz alguns hábitos, que tem algumas consequências pedagógicas seria necessário refletir quais as consequências educacionais desse sistema e quais possíveis sistemas poderiam ser implantados com diferentes objetivos.

Podemos notar ainda que a indicação da FIJ para competição de jovens é quatro anos mais velha do que a praticada no estado de São Paulo. Neste caso a influência do âmbito superior não parece conseguir controlar as práticas em instância institucionalmente mais baixas.

No judô adulto o sistema de pesagem é feito através de um horário prefixado, normalmente descrito no regulamento do evento que é enviado a cada entidade, por exemplo, das sete às nove da manhã em um determinado dia. Neste horário, ou possivelmente um pouco antes os inscritos pegam um cartão de pesagem através da apresentação de um documento com foto, normalmente a carteirinha da federação.

Dentro desse horário o atleta tem um número de pesagens, por exemplo, uma pesagem, duas pesagens, ou número de pesagens livre. Para poder competir o atleta tem que estar dentro da faixa de peso estabelecida dentro do horário previsto.

Alguns campeonatos permitem que o atleta que esteja inscrito em uma categoria lute na categoria de cima ou de baixo. Porém quando o campeonato necessita de uma classificação prévia isso não é possível na medida em que ele está classificado em determinada categoria. Isso gera um problema de manutenção de peso nos campeonatos que classificam para um próximo nível.

A pesagem pode representar um mecanismo que educa as pessoas a controlar seu peso, porém existem outras questões que também são aprendidas neste sistema. É possível que pessoas utilizem práticas não saudáveis de manutenção desse peso, neste caso a consequência educacional é não ensinar o respeito pelo próprio corpo.

Outra questão a ser levantada é o fato de desde as primeiras categorias já se ter o controle de peso muitas vezes ensinando que competir em uma categoria mais leve resulta em ter alguma vantagem sobre os adversários. Os mais jovens deveriam ser educados a competir segundo no seu próprio peso adequado dentro de padrões de saúde e não segundo o rendimento. Se por um lado a perda de peso pode ser uma prática comum e quem sabe até mesmo considerada necessária no esporte de espetáculo, por outro ela pode não ter influências negativas sobre a formação educacional do indivíduo.

Os principais problemas do sistema de pesagem para os mais jovens são as práticas indevidas de manutenção e perda de peso antes, durante ou entre campeonatos e suas conseqüências educacionais e para saúde, além da distância entre os campeonatos que necessitam de classificação.

A partir do momento em que se utiliza o peso como referência para dividir categoria em posso ter pessoas utilizando de maneira indevida o seu controle. Tendo em vista que o peso é um fator considerado importante para a divisão dos atletas deve-se pensar em um sistema que evite esse tipo de prática principalmente nos mais jovens.

O controle de peso é agravado na medida em que tenho tabelas prefixadas e que as pessoas podem estabelecer pesos como metas, agrava-se ainda mais quando elas se classificam em uma categoria e tem que manter seu peso para poder manter o direito a vaga durante um período de tempo.

Controlar o número de pesagens pode evitar que a criança corra ou utilize outra prática para atingir uma determinada faixa de peso na hora do campeonato, porém isso não evita que ela faça isso antes do campeonato ou mesmo que pais ou equipes comprem balanças a serem usadas antes do campeonato.

Pode-se pensar que essas são atitudes individuais de pessoas irresponsáveis, porém o que se esquece muitas vezes é o que o próprio sistema possibilita.

Algumas outras formas de pesagem podem ser pensadas. Uma delas é pesar na hora da luta ou logo após a mesma, isso evita que se controle o peso demasiadamente uma vez que é necessário estar minimamente alimentado para conseguir lutar. Porém isso gera todo um problema de construção das chaves que podem ser construídas previamente ou após a pesagem, se temos alguém fora de peso muitas vezes tem-se que refazer a chave para que alguns lutadores não tenham um número de lutas maior do que outros. Isso que gera todo um problema

administrativo e de atraso de campeonato, nesse sistema ainda seria necessário seguir rigorosamente um horário prefixado de luta para que a pessoa pudesse se alimentar adequadamente antes de lutar. Esse modelo ainda não evita que algumas pessoas ainda usem práticas de perda de peso mesmo que prejudique seu rendimento na luta.

Outra maneira seria ter pesagens periódicas, por exemplo, de três em três meses em que se enquadrariam os mais jovens em categoria, porém sem ter que estar dentro do peso a cada campeonato. Isso poderia ainda ser feito junto com uma campanha de saúde, a médicos e nutricionista conscientizando-se sobre as necessidades nutricionais e as características de cada idade. O problema desse sistema é que as faixas de pesos são bem curtas e muitas vezes determinado atleta poderia estar bem mais pesado ao final de um período de pesagem, o que poderia ser considerado por alguns como uma injustiça. O sistema ainda não evita que as pessoas programem-se para perder peso perto do período determinado para pesagem.

Talvez o sistema que menos propicie a prática da perda de peso é o sistema de aproximação de peso, ou seja, extinguir as faixas de peso, os alunos seriam pesados no campeonato, na hora da luta, ou antes, e constroem-se as categorias aproximando os atletas que estão com pesos mais próximos. Essa prática coíbe a perda de peso na medida em que não é possível saber se vai se estar em um grupo mais pesado ou mais leve dependendo dos participantes de cada campeonato. A administração do sistema também não é tão complexa na medida em que hoje temos sistemas informatizados no campeonato que podem organizar isso automaticamente.

Porém neste sistema ainda podemos ter pessoas controlando indevidamente o peso dos mais jovens, neste caso mesmo com todas as alterações feitas no modelo ainda pode ser necessário investir na conscientização, uma vez que só o modelo não consegue sanar todos os problemas. Esse sistema também não permite a classificação para campeonatos sequenciais, uma vez que a faixa de pesos de determinada região pode não coincidir com a de outra região.

A solução para esse problema e para o problema da manutenção de peso entre os campeonatos pode ser resolvida com a extinção de campeonatos que necessitem de classificação, seja pela extinção de campeonatos envolvendo regiões maiores ou que esses campeonatos sejam abertos, sem a necessidade de classificação prévia. Neste caso o maior problema seria o número de participantes que pode ser muito grande, porém inúmeras soluções

podem ser pensadas neste sentido uma vez que se quer incluir participantes e neste caso o problema seria o excesso de participantes e não a falta.

O sistema de pesagem acaba sendo preponderante para o sistema de escolhas de chaves. Após serem pesados e divididos em categoria os atletas são sorteados em chaves. Normalmente nos campeonatos no estado de São Paulo os alunos são sorteados aleatoriamente. Este sistema permite que todos na chave tenham as mesmas chances quanto a número de lutas, adversários mais fortes ou mais fracos ou mais fortes nas primeiras lutas.

As críticas a esse sistema giram em torno das situações em que determinados candidatos podem ser beneficiados ou prejudicados devido a terem um maior número de lutas ou mesmo dois adversários candidatos às finais podendo ser sorteados nas primeiras rodadas. Mesmo com essas situações o sistema trata todos os competidores com certa igualdade.

Outras possibilidades de chaveamento são baseadas em resultados prévios, neste caso os competidores com melhores resultados ganham vantagens no chaveamento, esse sistema muitas vezes é considerado mais justo para apurar os primeiros colocados uma vez que evita que os concorrentes mais prováveis às finais não disputem a primeiras rodadas, porém esse sistema beneficia àqueles que já têm mais chances e prejudica aqueles que têm menos chances no que diz respeito a melhores colocações. Porém o sistema poderia ser utilizado no sentido de propiciar em certos momentos algumas disputas mais equiparadas, uma vez que nas primeiras rodadas poderíamos ter lutas com o mesmo nível competitivo. A disputa equiparada aproximaria os níveis técnicos, mas não aumenta a chance de qualificação de quem não tenha se classificado anteriormente.

Ao ser criada a segunda divisão se aumentou a possibilidade de disputa com níveis competitivos mais próximos, ao se dividir os competidores em duas divisões possibilitou-se que competidores iniciantes tivessem mais chances de sucesso ao participarem de disputas com participantes de níveis mais próximos.

Algumas possibilidades poderiam ser pensadas nessa mesma linha, tais como aumentar o número de divisões técnicas e aumento do número de eventos dessa natureza. Poder-se-ia ainda relativizar a importância da idade, do peso, e das classificações prévias por regiões, segundo outras possibilidades tais como nível competitivo e tempo de treinamento. As estratégias não precisariam ser excludentes, mas sim complementares. Por exemplo, ter um em cada semestre que tem seis campeonatos, sendo três campeonatos por faixa e três por idade, a partir

das possibilidades dessas divisões se pensariam nas possíveis subdivisões, não de maneira fixa, mas sim segundo as possibilidades de cada região.

Cabe ainda destacar uma possibilidade pouco utilizada que talvez tenha mais possibilidades pedagógicas do que qualquer outra, principalmente devido à sua flexibilidade e nível de interação. São as lutas casadas, nome normalmente utilizado para designar disputas combinadas previamente, seja no campeonato, ou antes, dele.

Se considerarmos que a competição ensina a ganhar e a perder, fazendo-se vivenciar diversos aspectos do sucesso e do fracasso, essas disputas poderiam ser articuladas para propicia ambas as situações, atletas que tem dificuldades de ganhar disputas em sua própria categoria poderiam “casar” lutas com atletas de um nível mais baixo, já atletas que por algum motivo estejam acima do nível de suas categorias poderiam “casar” lutas mais fortes.

Um exemplo possível são os atletas que se desenvolvem do ponto de vista biológico antes ou depois do que os outros da mesma idade, maturador tardio ou maturador precoce, muitas vezes um atleta pode passar muitos anos com muitas dificuldades competitivas por esse motivo ou mesmo com muitas facilidades, em ambos os casos deixa-se de vivenciar um aspecto importante da derrota.

Os sistemas de peso com categorias fixas ainda podem resultar em categorias com muitos participantes e outras com poucos participantes, principalmente a diferença entre regiões e gêneros faz com que se tenham categorias em que mesmo ganhando muitas lutas um atleta não se classifica entre os premiados enquanto que em outras um atleta não tenha nenhuma luta ou mesmo que apenas perda e ainda fica entre os classificados.

O sistema ainda não prevê limites de pesos, permitindo que indivíduos mais pesados possam obter vantagens, inclusive através de obesidade excessiva. Ainda que os maturadores precoces possam pesar acima de um possível limite estabelecido, deveriam ser estabelecidos faixas de maneira a diminuir a diferença de peso em idades muito jovens em que as condições técnica não possibilitem ainda sobrepor essa desvantagem.

O limite ainda poderia ser estudado segundo percentuais de gorduras seguindo parâmetros de saúde. Um sistema que não limite os pesos pode incentivar a um aumento desmedido de peso procurando vantagens na luta sem pensar nas conseqüências para a saúde. Atletas muito pesados com um baixo percentual de gordura poderiam ainda ser encaixados em categorias de idade acima.

Sistema de Pontuação no Campeonato

Na primeira fase da pesquisa de campo observamos uma situação em que determinado participante contestava o sistema de pontuação nos campeonatos realizados em sua região.

Nos eventos existe uma somatória de pontos que é feita através de um valor que é atribuído a cada colocação conquistada pelos integrantes de cada equipe, essa soma de ponto define uma classificação das equipes. Muitas vezes as equipes melhores colocadas levam um troféu ao final do evento.

A discussão girava a cerca de aumentar o número de pontos atribuídos para o primeiro colocado com relação ao segundo e terceiro colocado, seu argumento era que mais importante seria uma equipe ter um garoto campeão do que dois garotos terceiros colocados ou um terceiro e um segundo. Os colegas de reunião não lhe deram muita atenção e o delegado encerrou a discussão dizendo que não faria qualquer modificação que pudesse levar a diminuir o número de participantes nos campeonatos.

Atualmente o sistema de pontuação confere cinco pontos para o primeiro colocado, três pontos para o segundo colocado e um ponto para o terceiro colocado.

Hipoteticamente em um campeonato sem dividir primeira e segunda divisão teríamos 117 categoria de mirim a sênior, o que dariam 117 campeões, 117 segundos colocados e 234 terceiros colocados. O total de pontos possíveis seria 585 dos campeões (117×5), mais 351 dos vice-campeões (117×3), mais 234 dos terceiros colocados (234×1). O que daria um total de 1170 pontos.

Esse sistema gera algumas situações sociais conflitantes para alguns objetivos educacionais dentro de certa ótica de educação. As agremiações que conseguem mais pontos têm certo destaque dentro do campeonato, seja pelo troféu no final, seja por cada uma das vezes que os campeões são premiados, seja pela divulgação oficial das colocações. Cada uma das agremiações tem sua necessidade social de busca por alunos, podendo ser mais ou menos evidente e necessário, dependendo da natureza e dos ideais de cada uma das pessoas e cada uma das instituições.

Esse destaque gerado por esse sistema de pontuação pode ser um fator que beneficie ou prejudique cada uma das agremiações, podendo gerar ganho ou perda de alunos, maior ou menor motivação dos alunos, podendo gerar um sentimento de superioridade ou

inferioridade. Essas conseqüências podem acabar gerando influências sobre os tipos e as concepções de ensino dentro do judô.

Neste sistema a criança “vale” a mesma coisa que um adulto no número de pontos obtidos e a maneira para obter esses pontos, ainda que cada professor possa ter atitudes individualmente diferentes e tratar seus alunos de maneira diferente dependendo de suas idades o sistema “joga contra”, ele influencia para que o tratamento seja igual.

A distribuição das pontuações se dá eminentemente para as categorias mais jovens, apenas 13,68% dos pontos possíveis são das categorias dos adultos (sênior) e 59% dos pontos são conferidos as categorias com crianças com quinze anos ou menos (até pré-juvenil).

Neste sistema uma equipe que têm muitos campeões mirins e infantis, mas, não tem nenhum campeão junior ou sênior pode ter tantos pontos quanto, ou mais, que uma equipe que tenha uma distribuição de alunos em todas as categorias. Essa situação social permite que determinado professor possa se preocupar apenas com os resultados dos menores para obter melhores colocações, o sistema não incentiva que os professores invistam na permanência dos alunos para as categorias mais velhas ou que diferenciem os objetivos, as conquistas em categorias mais jovens ou mais velhas.

Neste sistema quanto mais crianças campeãs uma agremiação tiver mais pontos ela vai fazer, o sistema não pontua a participação das crianças em campeonatos, mas sim o resultado, quanto melhor o resultado maior o número de pontos. O sistema também não trás qualquer incentivo para que cada uma das crianças tenha seu próprio ritmo de desenvolvimento, uma vez que já nas primeiras categorias tem-se o mesmo sistema de pontos.

Algumas possibilidades poderiam ser pensadas. Talvez a primeira e mais óbvia seria que até determinada categoria não houvesse sistema de pontuação, ou seja, os campeões mais jovens não seriam computados no sistema de pontos. Esse sistema teria como vantagem não incentivar as equipes a enfatizarem resultados nas categorias mais jovens, o que poderia resultar em um tratamento pedagógico diferenciado nessas fases. Porém o sistema não faz qualquer incentivo para que os professores tenham alunos nessa faixa etária ou mesmo que eles participem de eventos de qualquer natureza.

Seguindo esse raciocínio poderíamos pensar que a pontuação até determinada faixa etária poderia ser feita pela participação e não pelos resultados. O sistema incentivaria que os professores investissem em ter alunos nessas idades, porém sem incentivar a busca por

resultados igual a das categorias mais velhas. Porém o sistema poderia acarretar em alguns problemas. Alguns professores poderiam trazer para eventos alunos que não estariam preparados para ou mesmo alunos que não estivessem realmente com vontade de participar dos eventos. O segundo problema é que o número de pontos obtidos pela participação se tornaria virtualmente infinito e a participação dos mais jovens poderia diminuir o valor relativo dos resultados nas categorias adultos que mais uma vez tomaria um papel secundário.

Apesar de teoricamente esse sistema ser altamente benéfico para incentivar o aumento do número de praticantes da modalidade na prática a implementação do sistema poderia não ser viável.

Uma possibilidade de tentar sanar essas dificuldades desse sistema seria estabelecer cotas, números de pontos máximos para cada faixa de idade, assim em cada uma das faixas poder-se-ia ter sistema de pontuação diferentes incentivando um tratamento pedagógico diferente em cada faixa. Por exemplo, de idade X a Idade Y, sem pontuação, nesta fase teríamos a possibilidade e asseguraríamos o direito dos professores e das instituições de participarem de eventos, porém a prática nesta idade não seria incentivada, enfatizada por pontos. Na segunda fase teríamos uma pontuação atribuída pela participação no campeonato, porém podendo representar apenas um percentual máximo do total do número de pontos possíveis de serem conquistados. Por exemplo, nesta faixa etária as agremiações que trouxerem mais de 100 alunos recebem X pontos, aquelas que trouxerem de 50 a 100 alunos recebem uma parte desse X. E na terceira faixa de idade teríamos o sistema de pontuação normal.

Não estabelecemos aqui idades fixas, mas sim refletimos sobre mais jovens e mais velhos por entender que nem sempre a idade cronológica é um bom fator de comparação. Além disso, as diversas linhas acadêmicas são conflitantes ao estabelecer idades de maturação que poderiam ser usadas como parâmetro. Outro fator, muitas vezes esquecido são as condições sociais e culturais que fazem diferentes simbolicamente uma mesma prática, no nosso caso a competição. Dentro de determinada sociedade competir de determinada maneira pode ter uma conotação completamente diferente de competir da mesma maneira em outra sociedade. Assim acreditamos que se deva refletir e se implementar diferentes práticas sociais compreendendo e refletindo-se sobre suas conseqüências pedagógicas em diversas idades, mas não que necessariamente tenha-se que estabelecer-se idades fixas a serem aplicadas universalmente.

Outro grande problema do sistema de pontuação são as categorias vazias, a distribuição de número de atletas por categoria não é igual, existem categorias com grande número de participantes enquanto que outras categorias às vezes não têm ou tem poucos participantes.

Isso gera certo conflito, uma vez que se pode ter um campeão em uma categoria sem que se ganhe uma luta sequer e ter um terceiro colocado, ou nem ter uma classificação em outra categoria em que um atleta ganhou cinco lutas. Isso se agrava quando se concede títulos, uma categoria que tenha poucos indivíduos pode conceder inúmeras medalhas e até um título de campeão paulista para um atleta que não tenha adversários ou tenha poucos adversários. Normalmente isso acontece quando utilizamos as mesmas categorias do masculino no feminino, uma vez que o número de praticantes do masculino é maior e se utiliza todas ou quase todas as categorias do masculino no feminino podemos ter chaves com poucos atletas com apenas um atleta.

Assim o sistema de pontuação junto com o sistema de chaveamento e sistema de categorias de peso vai contra uma lógica educacional que imagine que se é importante para um atleta jovem competir em uma determinada idade ele deveria efetivamente participar, praticar a modalidade, vivenciar diversas lutas, não teria sentido ir para um campeonato para não lutar.

Sistema de Chaveamento

Neste momento cabe exemplificar alguns tipos de chaveamento e suas possibilidades educacionais.

Eliminatória simples:

Normalmente nos eventos de espetáculo atuais cada lutador faz apenas uma luta por evento, porém em alguns eventos existem os sistemas de eliminatória simples para selecionar um campeão. Nas olimpíadas o sistema utilizado é o de repescagem dos semifinalistas, nos campeonatos oficiais de judô, em todas as idades, esse é o sistema mais utilizado, já nos festivais o sistema mais utilizado é o de eliminatória simples, também em todas as categorias.

O primeiro e talvez mais comum sistema de chaveamento seja o sistema de eliminatória simples. Basicamente esse sistema é constituído de rodadas consecutivas em que os vencedores progridem para próxima rodada e os perdedores são eliminados até que se apurem os

finalistas e o campeão. Os dois perdedores da semifinal disputam terceiro ou ficam em terceiro ou o campeão “puxa” o terceiro.

Apesar desse sistema ser um dos mais comuns e conhecidos, além de ser provavelmente o mais prático do ponto de vista administrativo talvez esse seja o que trás o menor número de possibilidades educacionais.

Esse sistema resulta em um grande número de problemas, um deles é que o aluno que perde logo na primeira luta já fica fora das demais rodadas, temos assim um sistema em que os que ganham, em tese os melhores atletas, continuam lutando, tendo então mais vivências, mais estímulos e possivelmente se desenvolvendo mais, já aqueles que perdem, em tese os piores, têm menos lutas, menos estímulos e provavelmente se desenvolvem menos. O ciclo torna os mais fortes mais fortes e os mais fracos mais fracos.

Algumas situações constrangedoras e desagradáveis também decorrem desse sistema, talvez essas situações pudessem ser deixadas para outros públicos, em outros momentos, em outras idades com outros objetivos, porém não com objetivos de uma educação que privilegia a participação de todos e a riqueza de vivências competitivas.

Um exemplo clássico é daquele aluno de seis anos que vai participar de seu primeiro campeonato, treina bastante, acorda cedo, viaja talvez quase 100 quilômetros, comparece à pesagem, espera por sua categoria, aquece, neste momento estão todos esperando por sua luta, pai, mãe, tios, avôs, o garoto entra em leva um ippom em dois segundos. Ou seja, todo um sonho, toda uma expectativa, todo um esforço é desfeito em apenas dois segundos, após tudo isso sua disputa se resume a esse tempo e voltar para a casa.

Perder ensina, até perder em dois segundos ensina também, porém talvez esse não seja o momento mais adequado para a criança e para a família para lidar com esse conteúdo. Talvez o que se aprenda perdendo em dois segundos não seja a lição mais importante nesta fase da educação da criança e dos pais.

Longe de pensar que uma criança não aprende nada ao perder uma luta em dois segundos, cabe discutir o que se quer ensinar e quais as vivências que esse tipo de disputa possibilita.

Sistemas de Repescagem

Outras possibilidades de chaveamento são os sistemas de repescagem. Normalmente nesses sistemas temos uma primeira etapa em que se faz um chaveamento igual ao da eliminatória simples e depois de se chavear até certo ponto da chave se faz a repescagem de alguns atletas que perderam para quem chegou até certo ponto da chave. Por exemplo, repescagem do campeão, vão para a repescagem todos aqueles que perderam para o campeão; repescagem dos finalistas, vão para a repescagem todos aqueles que perderam para os finalistas, repescagem dos semifinalistas, a mais comum nos campeonatos oficiais em São Paulo, vão para a repescagem todos aqueles que perderam para os semifinalistas.

A utilização desse sistema de repescagem basicamente evita que os melhores da chave cruzem nas primeiras rodas e que um deles fique de fora deixando um dos dois de fora da classificação enquanto que do outro lado da chave pode-se ter atletas mais fracos que se classifiquem. Neste sistema todos que perderam para o semifinalista voltam a lutar entre si e os campeões dessa disputa vão disputar terceiro lugar com os perdedores da semifinal, dessas duas lutas saem dois terceiros colocados, e os dois vencedores da semifinal disputam a final para decidir primeiro e segundo.

A utilização desse sistema basicamente tenta corrigir algumas situações consideradas injustas e aumenta o número de lutas em cada categoria. Porém essa não privilegia aqueles que perderam para alguém que não perdeu para um dos semifinalistas, somente quem avançou na chave ou perdeu para alguém que avançou tem a oportunidade de vivenciar mais lutas, outros continuam com menos possibilidades.

Chave de Ouro e Chave de Prata

Neste sistema temos a primeira rodada como na eliminatória simples, porém todos aqueles que perderam na primeira rodada disputam a chave de prata e definem suas colocações nessa chave como uma nova chave de eliminatória simples. Já os que ganharam disputam a chave de ouro e definem também suas colocações.

Esse sistema não é comum no judô paulista. A vantagem de utilização desse sistema é que se oportunizam pelo menos duas lutas para cada participante. A possibilidade de conseguir uma classificação também aumenta na medida em que se tem o dobro de classificados com duas chaves.

Sistema de todos contra todos

Esse sistema já foi mais comum em seletivas, com a criação das seleções nacionais permanentes e do sistema de classificação por resultados internacionais isso se tornou menos freqüente.

Por mais contraditório que possa parecer, talvez esse sistema que era usado para os atletas de elite da seleção nacional pode trazer inúmeras possibilidades ao se pensar o judô dos mais jovens.

Nesse sistema basicamente se constrói chaves, normalmente com um número não tão grande devido ao número de lutas geradas por esse sistema. Cada um dos atletas da chave luta com todos os outros atletas.

O sistema de apuração trás ainda mais possibilidades educacionais, pode-se apurar o campeão pelo maior número de vitórias, pode-se apurar o campeão pelo maior número de ippons ou de pontos, pode-se apurar o campeão pelo maior número de finalizações. Pode-se não apurar o campeão e apenas fazer a disputa. Podem-se criar chaves menores nas quais os atletas tenham mais chances de se classificar, podendo além de vivenciar o sucesso também vivenciar a busca do mesmo.

Apesar desse sistema ser o que trás o maior número de possibilidades pedagógicas no que diz respeito a número de vivências motoras, situações de luta e possibilidades de vivenciar vitória e derrota é com certeza um dos mais difíceis de ser implementados, sobretudo pelo número de lutas.

O sistema de chaveamento tem grande influência sobre o sistema de premiação. Quando se levanta indagações sobre problemáticas a respeito da competição dos mais jovens um dos primeiros temas a ser levantados é a premiação, uma das primeiras soluções que aparecem e são muitas vezes utilizadas é premiar todos. Porém isso deixa de lado algumas importantes questões, as pessoas querem ganhar, a medalha é um símbolo de uma conquista, principalmente um símbolo de uma diferenciação perante os demais. Perder e ser premiado não resolve essa relação simbólica, crer nisso é crer que os mais jovens não são influenciados por esse universo simbólico. O sistema deveria se preocupar muito mais do que com a premiação, mas sim com propiciar que todos possam conquistar esse título.

Estrutura do Campeonato

O campeonato como um todo tem uma estrutura, uma maneira de ser feito e viabilizado. Uma das principais dificuldades é a limitação física devido à estrutura dos ginásios. Muitas vezes as condições de vestiários, cantinas, e arquibancadas não são as mais adequadas para campeonatos com grande número de atletas, principalmente pelo tempo de permanência dentro do ginásio.

Em uma perspectiva idealizada seria necessário ter ginásios adequados em todos os locais onde houvesse pessoas interessadas em participar desses eventos. Porém isso provavelmente seria difícil de ser colocado em prática devido aos custos decorrentes.

Algumas possibilidades podem ser pensadas para minimizar esses problemas. Uma delas seria o aproveitamento dos campeonatos junto a outras possibilidades, o que minimizaria os custos. Por exemplo, um congresso técnico ou um curso no mesmo dia em que se tem um campeonato. Isso minimiza os custos com viagem e o número de dias que as pessoas têm que se deslocar até o campeonato. Porém não ajuda muito na duração dos campeonatos, para minimizar isso se pode fragmentar os cursos uma vez que se tem inúmeros campeonatos durante o ano.

Outra possibilidade não explorada é utilizar elementos externos aos eventos que podem ser somados aos mesmos. Integrando a família e minimizando custos de viagem. Inúmeras cidades onde acontecem os campeonatos ficam em balneários e pontos turísticos. Realizando os campeonatos em parceria com secretarias de turismo ou mesmo iniciativas privadas pode-se trazer possibilidades de realização de campeonatos em feriados prolongados aproveitando as viagens dos campeonatos para turismo.

Esclarecimentos quanto à alimentação podem ajudar as pessoas a se alimentar com mais qualidade durante os campeonatos, os organizadores dos eventos (agremiações) podem ainda achar nessa atividade um fonte de lucro para o evento.

O que se percebe é que de maneira geral a estrutura, a lógica social é transposta ou apenas adaptada do adulto para a criança ou até mesmo do espetáculo para a criança. Temos características muito semelhantes no sistema de pesagem, no sistema de chaveamento e no que diz respeito às regras.

O modelo de competição estabelecido ainda influencia o gesto técnico e a tática de luta dos mais jovens, principalmente pelo sistema de pontuação. Copiar ou apenas adaptar um sistema para os mais jovens sem uma profunda reflexão pedagógica resulta em um sistema de treinamento, que deveria ser de educação, igual ou muito semelhante ao dos adultos, não contemplando as necessidades educacionais dos mais jovens.

Podemos pensar em alguns pressupostos a serem definidos e escritos como objetivos para a competição dos mais jovens:

- o campeonato dos mais jovens deve ser saudável para os atletas;
- o campeonato dos mais jovens deve ser educacional, deve ensinar conhecimentos e valores socialmente considerados positivos;
- o campeonato dos mais jovens deve incluir pessoas e não excluir pessoas já que sua natureza é educacional;
- sendo educacional deve propiciar a maior riqueza possível nos mais diversos pontos de vista, motor, técnico, tático, afetivo;
- o campeonato dos mais jovens deve propiciar a vivência da vitória e da derrota como elementos representativos do sucesso e do fracasso dentro do processo de formação;
- o campeonato dos mais jovens deve contemplar as diferenças, entre as idades, entre as regiões, entre os níveis técnicos, entre os ambientes;

Outros autores também respaldam essa idéia, como por exemplo Montagner (1993) ao discutir o termo que 'Educação' pode ter inúmeros significados e o esporte pode educar tanto a heróis quanto a patifes. Aqui se tentou mostra o como da competição, ou seja, como esse sistema social pode contribuir ou prejudicar esse processo.

Considerações Finais

A competição dos mais jovens (indivíduos com idades entre seis e dezesseis anos) foi o foco do estudo: o referencial utilizado foi a sociologia, com o intuito de tentar estabelecer a influência que poderia ser exercida pelo esporte espetáculo no modelo estabelecido atualmente nos campeonatos. Para isso, foram utilizados procedimentos de observação e questionários/entrevistas, para procurar entender como é construído esse “cenário” e quais são as concepções de seus personagens sobre o fenômeno, para posteriormente tecer reflexões sobre possíveis implicações educacionais.

Os resultados obtidos apontam para concepções e práticas sociais que pouco diferenciam os mais jovens dentro desse ambiente. As reflexões sobre o modelo de competição estabelecido indicam inúmeras características semelhantes entre o esporte dos mais jovens e o esporte espetáculo. Esse modelo único pensado para o consumo fora do contexto da formação deixa de lado inúmeras possibilidades pedagógicas, como por exemplo, a inclusão e a diversidade, que podem ser contempladas em um modelo diversificado de competição, principalmente em um modelo que vise à educação do indivíduo.

Na construção social da competição, como a pesquisa demonstrou, pouco ou nada se fala sobre os mais jovens. Quando os responsáveis pelas agremiações se reúnem, os mais jovens não são tema; quando se realiza um curso de árbitros, os mais jovens não são tema; quando entrevistados, os mais jovens não são tema; se procuramos livros e publicações na competição de judô, os mais jovens não são tema. Tudo isso parece indicar que a competição dos mais jovens não é pensada na sua especificidade.

Deve-se defender um modelo diversificado que contemple objetivos e possibilidades pedagógicas, refletindo-se sobre o que a competição ensina, quais são os conhecimentos e valores que são trabalhados na formação dos mais jovens. Cabe a defesa de modelos que estabeleçam e defendam um sistema de competição DOS mais jovens.

Diversos “personagens” constroem a competição da maneira que ela é e da maneira que ela se institucionaliza. Nosso foco observou a competição no âmbito da Federação;

no entanto, esse fenômeno pode acontecer em diversos outros “cenários”, podendo contemplar objetivos e formatos educacionais aqui defendidos.

A responsabilidade por uma competição voltada para a formação é de todos os “personagens” e “instituições” envolvidos direta ou indiretamente: pais, atletas, federações, conselhos, universidades, governos, ministérios, organizações não governamentais, clubes, etc. Porém, cabe defender que, principalmente, o professor assuma uma postura educacional no tratamento da competição dos mais jovens.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 2002.

BARROS, A. J. P. ; LEHFELD, N. A. S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

BENTO, J. O. **Planejamento e Avaliação em Educação Física**. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRASIL. Congresso Federal. **Lei Federal 9.615/98 de 24 de mar. de 1998**. D.O.U. nº.81 de 25/03/98. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências.

BRASIL. Congresso Federal. **Lei nº.9.696 de 1º de set. de 1998**. D.O.U. nº.168 de 02/09/98. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de educação física e cria os respectivos conselhos federal e regional de educação física.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional – SISVAN. **Orientações básicas para a coleta, processamento, análise de dados e informação em serviços de saúde**. Brasília, DF, 2004. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/alimentacao>> Acesso em: 20 abril 2005.

BROHM, J. Esporte um grande negócio: a lei da selva. **Le Monde: diplomatique**, S/n, p. s/n-s/n. 01 jun. 2000. Disponível em: <<http://diplo.uol.com.br/2000-06,a1774>>. Acesso em: 03 jun. 2008.

BROHM, J. M. Sociologia Política del Deporte. Fondo de Cultura Económica, México:1982.

BROHM, J; PERELMAN, M.; VASSORT, P. A ideologia do esporte-espetáculo e suas vítimas. **Le Monde: diplomatique**, s/n (LOCAL), p. s/n-s/n (páginas). 01 jun. 2004. Disponível em: <<http://diplo.uol.com.br/2004-06,a931>>. Acesso em: 03 jun. 2008.

CALLEJA, C. C.. **Contribuição para o estudo e interpretação das regras internacionais de judô**. 1981. 2 v. Tese (Doutorado) - Usp, São Paulo, 1981.

CARR, K. G.; COLLEGE, A. Making Way: War, philosophy and sport in Japanese Judo. **Jornal of Sport History**, Los Angeles, v. 2, n. 20, p.167-188, 20 jun. 1993.

CAZETTO, F. F.; LOLLO, P.C.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R.; MONTAGNER, P.C. O Jogo como Meio: O tecnicismo de cara nova. **Efdeportes: Revista Digital**, Buenos Aires, v. 92, n. 10, p.s/n-s/n, 01 jan. 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd92/judo.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2008.

CAZETTO, F. F, PAES, R.R. **Análise do judô enquanto um conteúdo da educação física**. 2004. Trabalho apresentado ao 12º Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP. Campinas, 2004.

CAZETTO, F. F.; PAES, R.R. **Ensaio provisório sobre alguns aspectos relevantes para o entendimento tático do judô tendo em vista a formação global do indivíduo**. 2004. 160f . Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CAZETTO, F. F; PAES, R.R. Análise do judô enquanto um conteúdo da educação física. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP, XII, 2004, Campinas. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2004. 1 CD-ROM.

CAZETTO, F. F. ; PAES, R.R. **Estudo sobre a iniciação esportiva na modalidade de judô**. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP, XIII, 2005, Campinas. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2005. 1 CD-ROM.

CAZETTO, F. F.; PAES, R.R. **Estudo sobre a iniciação esportiva na modalidade de judô**. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP, XIII, 2005, Campinas. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2005. 1 CD-ROM.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BOXE. **Confederação Brasileira de boxe:** História do boxe Brasileiro. Disponível em: <<http://www.cbboxe.com.br/index-boxeamador.html>>. Acesso em: 17 jun. 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JIU-JITSU ESPORTIVO. **Confederação Brasileira de jiu-jitsu Esportivo.** Disponível em: <<http://www.cbjje.com.br/>>. Acesso em: 17 jun. 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ (Brasil). **Normas Gerais para Eventos Nacionais:** 2006. Disponível em: <http://www.cbj.com.br/downloads/NORMAS_GERAIS_PARA_EVENTOS_NACIONAIS_2006.doc>. Acesso em: 23 jul. 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE KUNG-FU/WUSHU. **Confederação Brasileira de kung-fu/Wushu.** Disponível em: <<http://www.cbkw.org.br/>>. Acesso em: 17 jun. 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE LUTAS ASSOCIADAS. **Confederação Brasileira de Lutas Associadas.** Disponível em: <<http://www.cbla.com.br/>>. Acesso em: 17 jun. 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE LUTAS ASSOCIADAS. **Wrestling:** História Olímpica. Disponível em: <<http://www.cbla.com.br/>>. Acesso em: 17 jun. 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TAEKWONDO. **Confederação Brasileira de Taekwondo.** Disponível em: <<http://www.cbtkd.com.br/>>. Acesso em: 17 jun. 2008.

CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP, XII, 2004, Campinas, 1 CD-ROM. CAZETTO, F. F. **Análise do judô enquanto um conteúdo da educação física..** In:

DAOLIO, J. **Cultura da/na Educação Física.** 112f . Tese (Livre Docência em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

DARIDO, S. C. **Educação Física na Escola:** Questões e Reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara, 2003.

DE ROSE JUNIOR, D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: Uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DOMINY, E. **Judo**. Thirteenth impression Lodon: The English Universities, 1975.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 2 v. A formação dos Estados.

FALCÃO, J. L. C. **Esportivação Cultural e Capoeira: desafios das políticas públicas para o setor**. Portal da Capoeira. Disponível em: <<http://jogodavida.wordpress.com/2008/05/27/a-esportivizacao-da-cultura-capoeirana-dilemas-e-desafios-das-politicas-publicas-para-o-setor/>>. Acesso em: 19 jun. 2008.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BOXE. **Federação Paulista de boxe**. Disponível em: <<http://www.fppugilismo.org.br/>>. Acesso em: 17 jun. 2008.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **Clubes e Academias**. Disponível em <http://www.fpj.com.br/padrao.php?id=clubes>. Acesso em 13 out. 2008.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **Federação Paulista de judô: IV torneio Takaiama de judô**. [Resultados de 2008] Disponível em: <http://www.fpj.com.br/resultados/2008_iv_torneio_takayama.pdf> . Acesso em 12 nov. 2008.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **História do judô: dados bibliográficos do prof. Jigoro Kano**. São Paulo. Disponível em: <http://www.fpj.com.br/historia/historia.php?id=historia_judo03.htm>. Acesso em: 8 jan. 2004.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **História do judô: Evolução Cronológica do judô São Paulo**. Disponível em: <http://www.fpj.com.br/historia/historia.php?id=historia_judo04.htm>. Acesso em: 8 jan. 2004.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **História do judô: noções da história**. São Paulo. Disponível em: <http://www.fpj.com.br/historia/historia.php?id=historia_judo01.htm>. Acesso em: 8 jan. 2004.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **História do judô:** princípios filosóficos. São Paulo. Disponível em: <http://www.fpj.com.br/historia/historia.php?id=historia_judo02.htm>. Acesso em: 8 jan. 2004.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **Manual de arbitragem de judô.** São Paulo: 2003.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DES LUTTES ASSOCIÉES. **FILA Wrestling:** Fédération Internationale des Lutttes Associées. Disponível em: <<http://fila-wrestling.com/>>. Acesso em: 17 jun. 2008.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DES LUTTES ASSOCIÉES. **La lutte olympique:** Origines et histoire. Disponível em: <http://www.fila-wrestling.com/index.php?option=com_content&task=view&id=14&Itemid=32>. Acesso em: 17 jun. 2008.

FEDEREAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **História do judô:** Evolução e Cronologia do judô. Disponível em: <http://www.fpj.com.br/historia/historia1.php?id=historia_judo04b.htm>. Acesso em: 17 jun. 2008.

FEDEREAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **História do judô:** Noções da História. Disponível em: <http://www.fpj.com.br/historia/historia1.php?id=historia_judo01b.htm>. Acesso em: 17 jun. 2008.

FEDEREAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **Tabela de Custas FPJ-CBJ:** Tabela de Custas Unificada FPJ + CBJ / 2008. Disponível em: <http://www.fpj.com.br/padiao.php?id=t_cbj>. Acesso em: 23 jun. 2008.

FEDEREAÇÃO PAULISTA DE LUTAS ASSOCIADAS (São Paulo). **FEPALO:** Federação Paulista de Lutas Associadas. Disponível em: <<http://www.fepalo.com.br/>>. Acesso em: 07 jun. 2008.

FOLHA DE SÃO PAULO. Confira episódios da trajetória da imigração japonesa no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. s/n-s/n. 15 jan. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u362902.shtml>>. Acesso em: 18 jun. 2008.

GONÇALVES JUNIOR, L.; DRIGO, A. J. A Já Regulamentada Profissão Educação. **Motriz**, Rio Claro, v. 7, n. 2, p.131-132, 01 dez. 2001. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n2/GocalvesJr.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2008.

GOODGER, B. C.; GOODGER, J. M.. Transformed Images: Representation of Judo on British Television. **Play And Culture**, London, n. , p.340-353, 1989.

HIRATA, E.; PILATTI, L. A. Modernidade e a Indústria do Entretenimento: o produto esporte moderno. **Efdeportes**, Buenos Aires, n. , p.s/n-s/n, 01 jan. 2007. Mensal. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd104/esporte-moderno.htm>>. Acesso em: 04 jun. 2008.

INTERNACIONAL BOXING ASSOCIATION. **AIBA**: AIBA History. Disponível em: <<http://www.aiba.org/default.aspx?pId=44>>. Acesso em: 17 jun. 2008.

INTERNACIONAL BOXING ASSOCIATION. **AIBA**: Internacional Boxing Association. Disponível em: <<http://www.aiba.org/>>. Acesso em: 17 jun. 2008.

INTERNACIONAL JUDO FEDERATION. **International Judo Federation**: IJF rules. Disponível em: <<http://www.ijf.org>>. Acesso em: 2 dez. 2008.

INTERNACIONAL TAEKWON-DO FEDERATION. **Internacional Taekwon-do Federation**. Disponível em: <http://www.tkd-itf.org/pub_web/ver_eng/index.html>. Acesso em: 17 jun. 2008.

KANO, J. **Kodokan Judo**. Tokyo: Harper & Row, 1986.

KODANSHA INTERNATIONAL. **História do judô**: Kodansha judô vs. Jigoro Kano. Tradução Matheus Sugizaki. São Paulo: s.l., 1994. Disponível em <http://www.fpj.com.br/historia/historia.php?id=historia_judo05.htm>. Acesso em: 8 jan. 2004.

KUENZER, A. Z.; MACHADO, L. R. S. Tecnicismo: a pedagogia tecnicista. In: MELLO, G. N. (Org). **Escola Nova, Tecnicismo e Educação Compensatória**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

KURIHARA, Akiko; NISHIZAWA, Hiroko; NAGAHAMA, Kurenai. **Kanou Jigorou**: o pai do judô. Tradução Akiko Kurihara, Clara Kazuko Sakai e Arísia Noguchi. Disponível em: <<http://www.nippobrasil.com.br/2.personalidades/378.shtml>>. Acesso em: 23 jul. 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3ªEdição. São Paulo, SP: Atlas, 1995.

LIGA NACIONAL DE TAEKWONDO. **Origem do Taekwondo**. Disponível em: <<http://www.tkd.com.br/downloads/conhecimentos.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2008.

LIKERT, R. **The Method of Constructing an Attitude Scale**. New York . Wiley, 1967.

LOLLO, P.C.B.; CAZETTO, F. F.; MONTAGNER, P.C. Aspectos Nutricionais da Competição de judô em Crianças e Adolescentes. In: **Revista Digital EFDeportes**. Buenos Aires, v. 10, n. 74, jul. 2004. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd74/judo.htm>> Acesso em: 23 nov. 2004.

MALINA, R.M., BOUCHARD, C. **Atividade física do atleta jovem: do crescimento à maturação**. Roca: 2002.

MARCHI JUNIOR, W.,. **"Sacando" o voleibol: do amadorismo a espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)**. 2001. 267 f . Tese (Doutorado) - Unicamp, Campinas, 2001.

MASS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MIRANDA, M. L. **Competição de judô para Crianças**. 2006. Disponível em: <http://www.fpj.com.br/artigos/artigos.php?id=../artigos/comp_crianças.htm>. Acesso em: 14 jul. 2008.

MONTAGNER, P. C. **Esporte de competição X educação? O caso do basquetebol**. Piracicaba, 1993. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, UNIMEP, 1993.

MURICY, A. C.. **Pastinha: uma vida pela Capoeira**. [Filme-vídeo]. Produção de Antônio Carlos Muricy. Ministério da Cultura, 1998. 1 cassete vhs, 47minutos. colorido. som.

PAES, R.R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol**. Campinas: Unicamp, 1992.

PRONI, M. W. **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

PRONI, M. W. **Esporte espetáculo de Futebol Empresa**. 1998. 262 f. Tese (Doutorado) - Unicamp, Campinas, 1998.

PUBLIO, N. S. **História da Ginástica Olímpica**. Disponível em: <<http://nspublio.sites.uol.com.br/>>. Acesso em: 23 jul. 2008.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 2^a Edição. São Paulo, S.P: Atlas, 1989.

RITZ, M. R. C. **Qualidade de Vida no trabalho: construindo, medindo e validando uma pesquisa**. 2000. 96f. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, 2000.

SOARES, C. L. **Educação Física: Conhecimento e Especificidade**. In: Revista Paulista de Educação Física. São Paulo, supl.2, p. 6-12, 1996.

SOARES, C. L.; Et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, A. M. de. **Esporte espetáculo: a mercadorização do movimento humano**. 1991. 152 f. Tese (Doutorado) - Ufsc, Florianópolis, 1991.

SUGAI, V. L. **Competição Infantil**. Disponível em: <http://www.fpj.com.br/artigos/artigos.php?id=competicao_infantil.htm>. Acesso em: 14 jul. 2008.

SUGAI, V. L. **Psicologia e judô Competitivo**. Disponível em: <http://www.fpj.com.br/artigos/artigos.php?id=artigo_psic_judo.htm>. Acesso em: 14 jul. 2008.

TANI, G. et al. **Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: Editora da Universidade, 1988.

TOO, H. T.. **Judo, caminho suave: defesa pessoal**. São Paulo: Cia Brasil, 1965.

TOTAY IN HISTORY (Alemanha). **18.6.1811:** Friedrich Jahn sets up first open-air gymnasium. Disponível em: <http://www.todayinhistory.de/index.php?what=thmanu&manu_id=1491&tag=18&monat=6&year=2008&dayisset=1&lang=en>. Acesso em: 23 jul. 2008.

TZU, S. **A Arte da Guerra**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

VIANNA, I. O. A. **Metodologia do Trabalho Científico: um enfoque didático da produção científica**. São Paulo, SP: Pedagogia e Universidade, 2001. Unicamp, 1992.

WORD TAEKWONDO FEDERATION. **Introduction:** The Word Taekwondo Federation. Disponível em: <http://www.wtf.org/site/about_wtf/intro.htm>. Acesso em: 17 jun. 2008.

WORD TAEKWONDO FEDERATION. **Word Taekwondo Federation**. Disponível em: <<http://www.wtf.org/>>. Acesso em: 17 jun. 2008.

YOSHIKAWA, EIJI. **Mussashi**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.